

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NOEMI HENRIQUETA BRANDÃO DE PERDIGÃO

PAIS, PATRIARCAS, ALGOZES, AMIGOS: A PATERNIDADE EM *DOIS*  
*IRMÃOS E CINZAS DO NORTE*, DE MILTON HATOUM

CURITIBA

2015

NOEMI HENRIQUETA BRANDÃO DE PERDIGÃO

PAIS, PATRIARCAS, ALGOZES, AMIGOS: A PATERNIDADE EM *DOIS*  
*IRMÃOS E CINZAS DO NORTE*, DE MILTON HATOUM

Tese de Doutorado em Literatura Brasileira  
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Letras da Universidade Federal do Paraná como  
requisito parcial à obtenção do título de Doutor em  
Letras

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raquel Illescas Bueno

CURITIBA

2015

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Perdigão, Noemi Henriqueta Brandão de  
Pais, patriarcas, algozes, amigos: a paternidade em Dois Irmãos  
e Cinzas do Norte, de Miltom Hatoum / Noemi Henriqueta Brandão de  
Perdigão – Curitiba, 2015.  
149 f.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Illescas Bueno  
Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

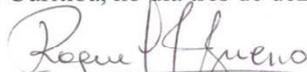
1. Hatoum, Miltom, 1952-. 2. Literatura brasileira – Séc. XX. 3.  
Literatura brasileira - Séc. XXI – Crítica e interpretação. 4.  
Paternidade. 5. Dois Irmãos. 6. Cinzas do Norte – Romance  
brasileiro. I.Título.

CDD B869.343



Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

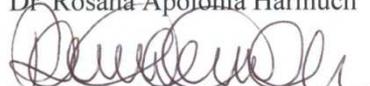
Ata septingentésima décima quinta, referente à sessão pública de defesa de tese para a obtenção de título de doutor a que se submeteu a doutoranda **NOEMI HENRIQUETA BRANDÃO DE PERDIGÃO**. No dia três de dezembro dois mil e quinze, às quatorze horas, na sala Homero de Barros, 1º andar, no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: Raquel Illescas Bueno, Presidente, Marlise Vaz Bridi, Rosana Apolônia Harmuch, Marcelo Fernando de Lima, Paulo Cesar Venturelli designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de tese intitulada **“PAIS, PATRIARCAS, ALGOZES, AMIGOS: a paternidade em Dois irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum”**, apresentada por **NOEMI HENRIQUETA BRANDÃO DE PERDIGÃO**. A sessão teve início com a apresentação oral da doutoranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após, a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Raquel Illescas Bueno retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Doutor em Letras**, área de concentração **Estudos Literários**. A versão final da tese deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia três de dezembro de dois mil e quinze.

  
Dr.<sup>a</sup> Raquel Illescas Bueno

  
Dr.<sup>a</sup> Marlise Vaz Bridi

  
Dr.<sup>a</sup> Rosana Apolônia Harmuch

  
Dr. Marcelo Fernando de Lima

  
Dr. Paulo Cesar Venturelli

  
Noemi H. Brandão de Perdigão

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Odenato.  
Ao pai dos meus filhos, Paulo.

## AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que me ajudaram na travessia doutoral. Se eu esquecer alguém, por favor me perdoem! Mas há alguns que foram imprescindíveis:

Profa. Luciana Pereira: obrigado por me instigar a entrar e a me forçar (carinhosamente) a terminar.

Profa. Raquel Illescas Bueno, por me aceitar desde o começo como aluna especial, aceitar me orientar e ter a infinita paciência comigo.

Profa. Marilene Weinhardt, que acompanha meu percurso literário há MUITO tempo e continua ao lado.

Zama Caixeta e Ewerton Kaviski, pela amizade, cumplicidade e muitas trocas.

Ana Beatriz Braun e Janaina Bacelo de Figueiredo, colegas de doutoranda (como diria o Zama...)

Minha banca de qualificação, professores Fernando Gil, Raquel Bueno e Marilene Weinhardt, que me instigou a retomar meu ofício.

Aos meus colegas de trabalho do DECOM, Paulo, Fran, Tássia, Thiago, Kat e Beth, por terem suportado todas as idas e vindas da tese e do meu humor.

Ao pessoal do DACEX-DALIC. Os mais experientes e os mais novos, fonte de boas risadas, conversas e afeto.

Ao Beltrão e Carlos, por terem me ajudado a entender como se faz uma tese (não obstante eles serem da Mecânica...)

Aos meus amigos da UTFPR, por várias vivências e experiências compartilhadas.

Aos meus companheiros e professoras do Gaya, por tudo que tenho aprendido junto.

Ao Núcleo Duro porém Doce, amigos para sempre.

À família Cunha Lana, pelas trocas reais e virtuais.

Aos Perdigões Lana, por existirem.

*Ninguém entende o outro em sua plenitude, nem o outro nem o passado.*

Milton Hatoum

*A linguagem aparece como o lugar em que a experiência deve tornar-se verdade. E a literatura é a transcendência pela linguagem de uma vida empírica ou do que nomeamos realidade. Uma linguagem que transmita uma verdade interior, não mascarada nem superficial.*

Milton Hatoum

## RESUMO

Os romances do escritor amazonense Milton Hatoum têm obtido sucesso em função de seu cuidadoso trabalho com a linguagem e sua habilidade em contar boas histórias, misturando aspectos da cultura árabe com a amazônica. A construção de personagens complexos e a apresentação de dramas familiares constituem outras constantes em sua obra. Este estudo propõe a interpretação dos romances *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte* a partir da ótica da paternidade. Analisaremos como as relações entre pai e filho(s) são construídas nas narrativas e como elas determinam as relações familiares e as relações sociais das respectivas famílias. O trabalho tomou como ponto de partida a representação da família patriarcal brasileira, baseado sobretudo em estudos de Gilberto Freyre e Antonio Candido, e a mudança dessa representação da função paterna proposta por estudiosos de diferentes áreas a partir de 1990. A análise dos romances permitiu que observássemos o exercício do patriarcado pela figura materna e a existência de diferentes formas de ser pai em uma mesma narrativa. Nesse sentido, a entrada nos textos pelo viés da questão paterna se mostrou eficiente e complementar às análises a partir da memória e do orientalismo, mais comuns nos trabalhos sobre a literatura de Milton Hatoum.

Palavras-chave: Literatura brasileira - Séc. XX e XXI. Paternidade. Milton Hatoum. *Dois irmãos*. *Cinzas do Norte*.

## RESUMÉ

Les romans de l'écrivain brésilien Milton Hatoum ont atteint un fort succès en fonction de son travail méticuleux avec le langage et son habilité à raconter une bonne histoire, mélangeant des aspects de la culture arabe avec ceux de la culture de l'Amazonie. La construction des personnages complexes et la présentation des drames familiaux constituent d'autres constants dans l'oeuvre de l'auteur. Cet étude propose l'interprétation des romans *Dois irmãos* et *Cinzas do Norte* à partir du point de vue de la paternité: comment la relation entre père et fils est bâtie dans les romans et comment elle détermine les relations familiales et les relations sociales des familles. Ce travail a pris la représentation de la famille patriarcale brésilienne comme point de départ, basée surtout sur les études de Gilberto Freyre et Antonio Candido et le changement de la représentation de la fonction paternelle proposée par des chercheurs de différents domaines à partir de 1990. L'analyse des romans nous a permis d'observer l'exercice du patriarcat par la mère et l'existence de différentes formes d'être père dans un même roman. Dans ce sens-là, l'entrée analytique aux textes à partir du point de vue de la paternité s'est montrée efficace et complémentaire aux analyses à partir de la mémoire et de l'orientalisme, plus communes dans les travaux sur la littérature de Milton Hatoum.

Mots-clefs: Littérature brésilienne - Siècles XX et XXI. Paternité. Milton Hatoum. *Dois irmãos*. *Cinzas do Norte*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 QUE PAIS E QUE FAMÍLIAS? .....</b>	<b>22</b>
2.1 A FAMÍLIA E O PATRIARCADO .....	22
2.2 A FAMÍLIA PATRIARCAL BRASILEIRA .....	25
2.3 A PATERNIDADE SOCIOAFETIVA.....	34
<b>3 FORTUNA CRÍTICA DE MILTON HATOUM.....</b>	<b>40</b>
3.1 ESTUDOS QUE VERSAM SOBRE PATERNIDADE E RELAÇÕES FAMILIARES.....	40
3.2 ENTREVISTAS .....	45
<b>4 A PATERNIDADE EM DOIS IRMÃOS.....</b>	<b>51</b>
4.1 HALIM E OMAR .....	61
4.2 HALIM E YAQUB .....	73
4.3 HALIM E RÂNIA.....	85
<b>5 CINZAS DO NORTE .....</b>	<b>88</b>
5.1 JANO E MUNDO.....	93
5.2 RANULFO E MUNDO .....	110
5.3 ARANA E MUNDO.....	120
5.4 JANO, RANULFO E ARANA E OS MILITARES .....	126
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>140</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Olhar para o contemporâneo é tarefa interessante. Sua luz é intensa, e pode cegar. Mas o verdadeiro contemporâneo tem de travar uma luta diária com essa iluminação excessiva para ver o escuro, as trevas que se encobrem por detrás da luz, e, aí sim, ser contemporâneo de seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 65).

A literatura brasileira contemporânea vem trilhando caminhos diversificados. Há obras e autores para diferentes gostos, desde aqueles que escolhem o caminho da experimentação mais radical, obnubilando fronteiras de tempo e espaço e mesmo prescindindo de personagens, até os que se alinham a uma forma mais clássica de narrar, inovando em torno de vozes narrativas, formas de apresentação de personagens e relação com o contexto sócio-histórico. Há inclusive aqueles que se recusam a criar histórias, apontando para colagens de situações que misturam personagens, vozes narrativas, tempos e espaços, tentando se aproximar do caleidoscópio em que a vida contemporânea se transformou. Além de outros que escrevem após diferentes pesquisas do tema de que tratarão.

Analisar romances que se encontram nessa situação é difícil, pois a obra ainda está em progresso, e muitas afirmações podem ser desmentidas pelo decorrer da carreira que o autor está construindo. Porém, ao mesmo tempo, essa dificuldade é a oportunidade de discutir diferentes formas de falar, por exemplo, do homem brasileiro de meados do século XX, amazonense e árabe, que traz em si marcas dos universos em que transita e que constituem sua identidade social, histórica e afetiva.

Milton Hatoum faz isso de forma interessante. As frutas exóticas, as diferentes linguagens e sotaques, o calor amazônico e o tempo lento dão o pano de fundo em que as suas histórias vão sendo construídas. A localização da quase totalidade de suas narrativas no norte do Brasil é opção pessoal, mas sinaliza também a necessidade de raízes. O Amazonas não é simples cenário para uma ficção. A singularidade da ambiência está ligada aos estratos que compõem a própria cidade e que comporão também a família e seu contorno (peixeiros, vendedores de frutas, donos de biroskas, moradores de barcos semidestruídos e encalhados): “Erraria o leitor que visse na ambiência dos dois [primeiros] romances de Hatoum o mero lugar onde uma história humana se desenrola. O continente é aqui parte do conteúdo e tudo é forma” (LIMA, 2007, p. 349).

Milton Hatoum não participa do grupo de escritores experimentadores, o que inclusive faz com que alguns leitores e críticos não concordem com suas opções narrativas. Autor alinhado à família dos grandes contadores de história tem, segundo suas próprias palavras, como precursores, escritores cujo grande trunfo é a arte narrativa. Quando perguntado sobre influências, cita Flaubert, Henry James, Faulkner, Graciliano Ramos, entre outros. Apresenta-se como um voraz leitor dos clássicos, e confessa gostar até mais de ler do que de escrever (BARRETO et al., 2006).

Suas obras têm sido muito bem aceitas, pela crítica e pelo público. Desde seu primeiro romance, recebeu prêmios importantes no Brasil e no exterior<sup>1</sup>, além de ter sido traduzido para mais de uma dezena de idiomas, o que lhe permite, hoje, viver do ofício de escritor<sup>2</sup>.

Hatoum nasceu em Manaus, em 1952. Filho de uma família de origem libanesa (pai libanês e mãe brasileira, filha de libaneses), cresceu em meio à miscigenação entre a cultura amazonense e a libanesa, em termos linguísticos, religiosos, gastronômicos, morais, étnicos, acabando por se constituir um cidadão múltiplo. Fez seus estudos de educação básica em Manaus, depois foi para Brasília e posteriormente São Paulo, onde cursou arquitetura, profissão que exerceu durante pouco tempo. Em seguida, dedicou-se ao estudo da língua e da literatura, brasileira e francesa, na Espanha e França, países em que iniciou sua vida de escritor. Ao retornar, tornou-se professor na Universidade Federal do Amazonas.

No âmbito dos trabalhos acadêmicos de fôlego mais longo, muitas teses e dissertações têm tomado suas obras como objeto de estudo. No programa de pós-graduação em letras da UFPR, temos as dissertações de Fernanda Boarin Boechat, *Espaço da identidade: a relação entre espaço e personagens em Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum*, defendida em 2011, e a de Katrym Aline Bordinhão dos Santos, *A dinâmica das vozes confluentes no narrador de Dois irmãos*,

---

<sup>1</sup> *Relato de um certo Oriente*, em 1989, ganhador do Prêmio Jabuti de melhor romance. *Dois irmãos* (prêmio Jabuti 2000 – 3º lugar na categoria romance), eleito o melhor romance brasileiro no período 1990-2005 em pesquisa feita pelos jornais *Correio Braziliense* e *O Estado de Minas*. Em 2005, *Cinzas do Norte*, seu terceiro romance, obteve cinco prêmios: Prêmio Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/APCA-2005, Prêmio Jabuti/2006 de melhor romance, Prêmio Livro do Ano da CBL, Prêmio BRAVO! de literatura. Em 2008 recebeu do Ministério da Cultura a Ordem do Mérito Cultural. Em 2008 publicou sua quarta obra, a novela *Órfãos do Eldorado*, prêmio Jabuti – 2º lugar na categoria romance. Em 2009 publicou o livro de contos *A cidade ilhada*, e em 2013, *Um solitário à espreita*, coletânea de crônicas. Sua obra já foi traduzida em 12 línguas e publicada em 14 países.

<sup>2</sup> Hatoum foi professor de língua e literatura francesas na Universidade Federal do Amazonas, de 1984 até 1999, ano em que abandonou a carreira acadêmica para se dedicar apenas ao ofício de escritor.

defendida em 2012 e a tese de Kátia Cilene Corrêa Klassen, *À moda da casa: um estudo dos espaços discursivos da casa em dois romances brasileiros*, defendida em 2008. Entre os trabalhos desenvolvidos em outras instituições, podemos citar as teses de doutorado de Maria da Luz Pinheiro de Cristo, *Relatos de uma cicatriz: a construção dos narradores dos romances Relato de um certo Oriente e Dois irmãos*, defendida em 2005 na USP; de Daniela Birman, *Entre-narrar: relatos da fronteira em Milton Hatoum*, defendida em 2007 na UFRJ, e as dissertações de mestrado de Tatiana Salgueiro Caldeira, *Rede de histórias: identidade(s) e memória(s) no romance Dois irmãos de Milton Hatoum*, defendida em 2004 na UFMG; de Ademar Leão, *Dois irmãos: um romance à margem do Negro*, defendida em 2005 na UFSM; de Francine Ilegelski, *Tempo e memória, literatura e história*, defendida em 2006 na USP; de Noemi Campos Freitas Vieira, *Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum*, defendida em 2007 na UNESP; a de Denis Leandro Francisco, *A ficção em ruínas: Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum*, defendida em 2007 na UFMG; a de Juliane Vargas Welter, *Autópsia de um passado: uma leitura de Dois irmãos (2000) e Cinzas do Norte (2005) de Milton Hatoum*, defendida em 2010 na UFRGS, entre inúmeras outras que vêm sendo compostas nos últimos anos. Como podemos observar, desde inícios do século XXI sua obra constitui foco de interesse de estudiosos da literatura, em diferentes direções e temáticas.

Contudo, mesmo em se tratando de um autor consagrado, a fortuna crítica ainda é incipiente, considerando-se o que existe para autores canônicos. Há três grandes caminhos: o que explora o veio da memória, o que aponta a presença da realidade histórica e o que ressalta as influências orientais, por vezes combinados. Em todos, podemos perceber a opção narrativa de Hatoum, de se aprofundar na memória pessoal, familiar, social e histórica. Fazer o que ele afirmou em uma entrevista:

Minha intenção, do ponto de vista da escritura, é ligar a história pessoal à história familiar: este é o meu projeto. Num certo momento de nossa vida, nossa história é também a história de nossa família e a de nosso país (com todas as limitações e delimitações que essa história suscite) (HANANIA, 2006, p. 3).

Na memória pessoal e familiar, o autor e seus narradores buscam as referências orientais e amazônicas que permeiam e recheiam seus romances. Elas aparecem sob a forma de personagens híbridos, imigrantes e amazonenses,

indígenas e mestiços de todas as etnias que povoaram o Amazonas. Ou seja, o mundo com as diferentes cores desse povo que habita o norte do país.

Essa diversidade traz à cena também uma outra questão que marcará alguns bons estudos sobre a obra de Hatoum: há um exótico que subjaz aos relatos? E esse exótico é proposital, para aumentar a aceitação dos romances, uma vez que muitos buscariam em suas obras, enquanto autor amazonense, o regional que identifica aquele local?

Quando arguido sobre o regionalismo em suas obras, Hatoum é peremptório na negação. Entretanto, os estudos desenvolvidos sobretudo por Pellegrini (2004, 2008) apontam para características regionalistas na obra hatouniana. Regionalismo não visto sob um prisma “menor”, mas como manifestação do local frente ao universal, de narrativas que deixam falar narradores, personagens, gastronomia, religiosidades diversas. Isto é, um regionalismo diferente daquele que o autor renega ao ser perguntado. Em suas obras, não existe a preocupação em comprovar a “amazonidade” dos narradores, personagens e enredos. A marca do norte do Brasil é como uma tatuagem, impregnada em cada um e em todos os personagens dos três primeiros romances. Ela existe no olhar do narrador, que especifica temperos, cheiros, trinados, criando a ambiência amazônica que o leitor sente nos romances. Existe nos personagens, mesmo em Yaqub, um dos gêmeos do romance *Dois irmãos*, que vai para São Paulo e ali se adequa totalmente, em termos de valores e objetivos, mas olha para a seringueira da Praça da República com saudades amazônicas. E muito nos personagens que ficam em Manaus e são como que subsumidos por aquela vida morna e úmida. Existe nos narradores que, ou não saem de Manaus ou, se saem, retornam, e dali abrem ao mundo as narrativas que falam deles e de muitos outros, desnudando um Amazonas em que as histórias e angústias individuais se sobrepõem ao exótico tropical, um lugar que é palco de histórias humanas, de famílias dilaceradas, da incompreensão que poderia estar em qualquer lugar do mundo. Talvez este seja o viés que leva Hatoum a negar qualquer ascendência ou intenção regionalista. Porém, não há como desconhecer os ecos amazônicos em suas narrativas, ecos que não as diminuem ou delimitam, mas que fazem delas, de seus narradores e personagens uma forma de conhecer esse mundo ainda tão diferente, mesmo para os brasileiros de mais da metade do país.

Nesse sentido, o regional compõe a trama de todos seus romances lançados até hoje (2015) e da maioria de seus contos. Acreditamos ser essa uma das diferenças

importantes da obra de Milton Hatoum face a seus conterrâneos e até a seus contemporâneos. O Amazonas que surge de seus relatos inclui o “certo oriente”, mas também o diverso norte. Nós, leitores do sul-sudeste do Brasil, ainda tendemos a manter, de forma geral e genérica, da Amazônia uma expectativa mais pontuada por informações culturais e ambientais que compõem um ambiente estrangeiro a nós. Um ambiente que concretize a nossos olhos um mundo desconhecido e diferente. O interessante nos romances de Hatoum que serão analisados nesta tese – *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte* – é que, mesmo não objetivando isso, eles nos colocam, por assim dizer, no mundo amazônico. Sente-se a ambiência nas referências espaciais e climáticas, nos cheiros e gostos do que é preparado para comer, no que dá às personagens o sustento para viver. Os leitores em geral podem se ver nos conflitos, buscas, angústias, amores e desamores dos personagens e narradores ou espelhar-se nas famílias, pouco importando serem elas orientais e/ou amazônicas. Porque é do humano que essas obras tratam, de forma agônica, sim, mas nunca maniqueísta. Não existem, nos textos de Milton Hatoum, personagens de compleição humana simples, sejam eles poderosos, ricos, pobres, subjugados, militares, contestadores, perfilados com a racionalidade ou devotos dos incomensuráveis desejos.

O trabalho que desenvolveremos levará em conta grandes constantes na obra de Hatoum, mas se centrará na questão da paternidade. Questão que pode parecer tangencial a estas que apontamos, mas que as perpassa de forma essencial. Ambos os romances se localizam temporalmente durante o século XX. *Dois irmãos* percorre quase que a totalidade do século, centrando-se, contudo, nos acontecimentos entre 1950-1980, aproximadamente. *Cinzas do Norte* parte da década de 30 (citada como a época em que os japoneses iniciaram a plantação de seringais na Vila Amazônia), explorando de forma mais aprofundada a situação pós-1964, fazendo referência a situações excessivas perpetradas pelos militares, não só em Manaus, palco preferencial das ações do romance, mas em todo o país.

Para o desenvolvimento da pesquisa serão tomados, portanto, os romances *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*, e este será o núcleo gerador das discussões, pela figuração de três possibilidades de exercício da paternidade: o pai biológico (Arana), o pai social (Jano) e o pai afetivo (Ranulfo).

As questões norteadoras da pesquisa – quais são os papéis de pai figurados nos romances de Milton Hatoum? Esses papéis se alinham à temporalidade dos papéis sociais de pai no decorrer do século XX no Brasil? – nos levaram à

necessidade de definirmos não só o conceito de paternidade com o qual trabalharemos, mas também que tipo de exercício da paternidade predominou no Brasil no decorrer do século XX. Nos dois romances que constituirão foco desta tese os pais são figuras ambíguas.

Sabemos que propostas de análise decorrem da potencialidade da obra e de critérios estabelecidos pelo leitor. No nosso caso, a possibilidade para empreendermos uma análise a partir da questão da paternidade são as relações conflituosas nas famílias, sobretudo entre pais e filhos, nos romances citados, relações que incluem não apenas os atores principais (pai e filhos), mas a quase totalidade dos personagens, e, óbvio, o próprio narrador. O que buscaremos analisar na tese é como ocorre a ficcionalização de papéis paternos, o relacionamento (ou sua falta) entre pais e filhos e em que medida essas relações repetem papéis sociais e afetivos temporalmente marcados. Lê-los como discursos representativos dos conflitos pais-filhos é parte do pacto de leitura. E a originalidade de nossa proposta de leitura está na proposição deste pacto de leitura a partir de um tema ainda explorado de forma muito incipiente nos estudos críticos sobre os romances de Milton Hatoum<sup>3</sup>.

A questão da paternidade veio à tona principalmente em função da dificuldade, recorrente nas obras de Hatoum, de um contato mais intenso e profundo dos filhos com seus pais. O que acontece, ao contrário, é um distanciamento entre eles, uma quase orfandade de personagens que têm pais vivos. E os pais são figuras com quem os filhos poderiam compartilhar histórias de vida e de família que, mesmo pela negação, poderiam auxiliá-los a compor suas identidades adultas.

Outra questão importante para a definição dos rumos da pesquisa foi a percepção da paternidade como um fato social, não apenas como questão individual, nas obras em análise. Isto é, importam as consequências nos personagens enquanto filhos de tais pais, inseridos em grupos familiares e sociais definidos, não apenas como indivíduos atormentados ou incompletos devido à carência da figura paterna.

Nas duas obras citadas, a família é essencial. São famílias dilaceradas, tensionadas, com incompreensões de diferentes graus, em que pulsam amor e ódio na mesma dimensão. Constituem retratos distantes da representação de famílias

---

<sup>3</sup> No levantamento bibliográfico levado a termo durante esta pesquisa, foram identificados dois artigos que tratavam da questão da paternidade, mas sem aprofundar a discussão: o de Gloria Carneiro do Amaral, "Dois trajetos para o porto"; e o de Gabriel Albuquerque, "Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum".

ideais, portos seguros que protegeriam os indivíduos das vicissitudes da vida. A aprendizagem relacional nestas famílias é agônica. Nos dois romances, a manifestação mais intensa da afetividade ocorre com um personagem que não é o filho. Em *Cinzas do Norte*, Jano tem dificuldades de relacionamento com a maioria dos personagens, mas com o filho (Mundo) basicamente só divide situações conflituosas. Com Lavo, o narrador, ele pelo menos divide as angústias que tem em relação a Mundo e, em poucas, mas reveladoras ocasiões, consegue manifestar seus desejos e falar de sonhos. Em *Dois irmãos*, temos uma outra cartografia narrativa, pois Halim, embora não tenha a intimidade que terá com o narrador (Nael), que também é seu neto, consegue se relacionar razoavelmente bem com os filhos, com exceção de Omar, com quem tem muitos desentendimentos, devido à vida dissoluta que ele abraçou e ao afastamento que esse noivo cativo<sup>4</sup> da mãe trouxe ao casamento dos pais. Há inclusive passagens em que Halim conta a Nael que mesmo não desejando ter filhos, cumpriu as funções de pai, afirmando, contudo, que sempre foi mais esposo de Zana do que pai dos filhos.

Uma das hipóteses que defenderemos é que nos romances *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*, o conflito entre pais e filhos constitui um dos fios condutores de toda a trama. Conflito gerado principalmente pelo exercício de uma paternidade afim ao modelo de pai na família patriarcal. Além das questões já apontadas – quais são os papéis de pai figurados nos romances de Milton Hatoum? Esses papéis se alinham aos diferentes papéis sociais de pai presentes no Brasil no decorrer do século XX? – uma outra nos guiará na pesquisa: há diferença entre um pai árabe em *Dois irmãos* e um pai amazonense e brasileiro em *Cinzas do Norte*?

Neste estudo, desejamos analisar como as diferentes figuras paternas construídas nos romances vivenciam essa relação tão fulcral nas narrativas em questão, a ponto de constituírem uma entrada possível para a leitura e interpretação desses livros. Porém, mesmo no restante de sua obra, a questão da paternidade aparece como importante não só para os personagens que desempenham alguma função paterna, como para todos aqueles que convivem com as famílias que constituem o núcleo das narrativas. Em *Relato de um certo Oriente*, por exemplo, a questão da paternidade apenas tangencia o desenrolar da intriga, diferentemente do

---

<sup>4</sup> Lima (2007) remete à figura do noivo cativo para explicar o relacionamento doentio entre Zana e Omar. Este não consegue ser adulto, construir sua família e sair da casa paterna pelas interferências da mãe que prefere tê-lo ao lado, mesmo à custa de sua autonomia e felicidade.

que acontecerá nos dois romances e na novela seguintes. Não aprofundaremos aqui na Introdução a discussão sobre *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*, por constituírem o foco da análise que desenvolveremos na tese.

Vale ressaltar, ainda, que todos os romances de Hatoum giram em torno de “dramas da casa”, que ele estende à cidade e ao rio, que se transformam em símbolos das ruínas e da passagem do tempo (HANANIA, 2006).

Em *Relato de um certo Oriente*, o pai da família é citado como o “marido de Emilie”, ela sim a figura definitiva e forte dentro da constelação familiar, mas sua presença (apesar de não sabermos seu nome) é uma constante na narrativa e equilibra alguns dos conflitos familiares que nos são apresentados. *Órfãos do Eldorado* também gira em torno de uma relação mal resolvida entre pai e filho, que não nutrem afetividade alguma um pelo outro. Em *Dois irmãos*, Halim é antes de tudo o amante de Zana, afirmando inclusive que não desejava filhos, mas desempenhou seu papel paterno o melhor que pôde, e sua voz, complementando a de Nael, é a que nos desvenda a vida familiar. Em *Cinzas do Norte*, Jano, que gostaria de ter sido o patriarca na acepção mais estrita do termo, acaba convivendo com Ranulfo, personagem que funciona como pai afetivo, e indiretamente (por meio do filho), com Arana, pai biológico de Mundo.

*Relato de um certo Oriente*, publicado em 1989, tem em comum com *Dois irmãos* o fato de a narração se focar na vida de uma família libanesa, em Manaus, seus filhos, amigos, hábitos e crenças. À semelhança do que ocorrerá em *Dois irmãos* e em *Cinzas do Norte*, a narradora faz parte da família de forma indireta, tendo sido adotada por Emilie, a matriarca protagonista, junto com o irmão.

A narrativa não desvenda, apenas insinua, a possibilidade de a narradora e o irmão serem filhos de um dos filhos inominados de Emilie com uma mulher que os deixou na casa da família e que mantém contatos esporádicos com a narradora e o irmão. Essa paternidade não desvendada será recorrente em *Dois irmãos*, já que o narrador também é filho de um dos gêmeos, mas a narrativa termina sem que a dúvida sobre sua paternidade seja definitivamente dirimida. Existem sinais de que Omar poderia ser o pai de Nael, em função da violência sexual impingida a Domingas, mas há outros indícios em que vem à tona a possibilidade de Yaqub ser o pai, em função da cumplicidade afetiva entre ele e Domingas, da referência ao fato de os dois terem tido contatos sexuais, da preocupação de Yaqub com o futuro de Nael. Também em *Cinzas do Norte* temos uma paternidade pouco clara, uma vez que só ficamos

sabendo nas últimas páginas que o pai biológico do protagonista Mundo é outro que não o seu pai social, que lhe deu o nome e com quem Mundo vivia.

O pai não nominado do *Relato de um certo Oriente* exerce a paternidade em conformidade com o que se esperava de uma figura paterna tradicional do Brasil da primeira metade do século XX, focada sobretudo na questão da manutenção da estrutura familiar, mais preocupado com a provisão da família do que com se aproximar afetivamente dos filhos. Contudo, ele não constitui um patriarca tipo, uma vez que não alimenta uma relação autoritária no âmbito da família. Seu afastamento dos filhos inominados nos é apresentado muito mais como consequência da fraqueza de caráter dos dois (não temos informações se eles trabalham, eles são preconceituosos com relação à irmã que foi mãe solteira, passam a narrativa como párias na família, e não assumem as crianças que, aparentemente, são suas filhas), do que da impossibilidade ou falta de vontade de se relacionar afetivamente com os filhos. Inclusive, seu relacionamento com Hakim e Samara Délia é de natureza bem diferente, com momentos em que o afeto do pai fica claro, por exemplo quando Hindié fala que Samara era “uma flor rara para o pai, que a mimava sem perceber, ou sem que os outros percebessem” (HATOUM, 1989, p. 144).

*Órfãos do Eldorado* é uma novela cuja narração, em primeira pessoa, apresenta a um interlocutor mudo a vida de Arminto Cordovil. Sobretudo no início da vida do personagem-narrador, a narrativa é quase totalmente focada na dificuldade relacional entre Arminto e seu pai, Amando Cordovil, em função da morte da mãe no parto. Essa dificuldade vai se aprofundar quando Arminto se relaciona sexualmente com Florita, empregada da casa e possível amante do pai, e a morte de Amando Cordovil ocorrerá em um momento em que ainda não houve o reencontro dos dois.

A partir da morte do pai, a vida de Arminto só se deteriora, financeira e emocionalmente, em função do naufrágio do Eldorado, navio mais importante da frota da família, e do desinteresse de Arminto pela empresa e negócios do pai, e de sua obsessão por Dinaura, órfã pela qual Arminto se apaixona e que depois some sem deixar rastros.

Esta constelação de pais com dificuldade de exercerem seus papéis paternos dentro de famílias dilaceradas e conflituosas aponta para a existência de uma constante na obra hatouniana e para a complexidade das relações humanas, que é observada pela maioria dos críticos em seus romances. A leitura não é simples em

nenhum nível: no das vozes narrativas, que na maioria dos romances<sup>5</sup> são múltiplas; no caráter dos personagens, que nunca são apenas bons ou maus (com exceção dos militares, apresentados de forma até caricata, devido a razões afetas ao âmbito da política); no espaço amazônico, também dúbio, pois é ao mesmo tempo belo e decadente; no tempo, que vai e vem ao sabor da memória e do esquecimento.

Em *Dois irmãos*, Halim, o pai, divide a narração com Nael, por meio de longas conversas, quando ilumina situações que Nael nos apresenta. Em *Cinzas do Norte*, Jano consegue manter algumas conversas com o narrador Lavo, mesmo que limitadas e por vezes marcadas pela importância que Jano atribui ao aspecto econômico e pelo autoritarismo que o identifica no romance. Vale ressaltar que, nestes dois romances, os narradores escolhidos possuem uma relação de parentesco ou proximidade afetiva com a família principal, que perpassa toda a narrativa. Estes narradores funcionam um pouco como filhos do personagem que desempenha o papel de pai principal, com o qual mantêm uma relação mais livre, pois não marcada pelo desejo que ambos os pais projetam nos filhos biológicos e/ou sociais. Nael é filho de Domingas, a empregada, com um dos gêmeos, portanto neto de Halim; Lavo é sobrinho de Ranulfo, um dos “pais” de Mundo, e filho da melhor amiga de Alícia. Duas posturas paternas – a do pai mais afim à tradição, que não se ligava afetivamente aos filhos, reservando para si o papel de patriarca, que, ao mesmo tempo em que incorporava um poder quase ilimitado, era muito solitário, e a do pai que busca essa aproximação, mesmo em casos de não haver vínculo genético entre ele e o filho – aparecem nas obras que analisaremos e também em alguns contos de *A cidade ilhada*, penúltima obra lançada por Hatoum.

Algumas outras questões concernentes ao desempenho do papel de pai nortearão a análise que desenvolveremos – há apenas um personagem desempenhando esse papel? Como é o relacionamento entre pai e filho(s)? Como o narrador apresenta ao leitor esse relacionamento? Como os demais personagens o apresentam? Como os personagens que figuram esse papel paterno falam do relacionamento com o(s) filho(s) e com o restante da família? Como é o relacionamento do pai com a mãe desse(s) filho(s)?

A estrutura desta tese compreenderá, em um primeiro momento, uma breve apresentação do conceito de patriarcado, a constituição e desenvolvimento da família

---

<sup>5</sup> Apenas em *Órfãos do Eldorado* há unicamente a voz de Arminto como narrador, contando sua vida a um interlocutor que não fala, e cuja presença só percebemos ao final da narrativa.

patriarcal no Brasil, acompanhada da mudança pela qual o exercício da paternidade passou no decorrer do século XX, desembocando na apresentação do conceito de paternidade socioafetiva.

No capítulo três, apresentaremos estudos críticos sobre a obra de Milton Hatoum que tenham refletido sobre as questões familiares, de paternidade, e algumas entrevistas, na tentativa de dialogar com o que já foi escrito e dito enquanto desenvolvemos nossa reflexão.

Os capítulos quatro e cinco constituem nossa contribuição original ao trabalho crítico sobre a obra de Milton Hatoum. O capítulo 4 será dedicado à análise de *Dois irmãos*, focada na análise de duas paternidades diferentes: a dos gêmeos, que cabe a Halim; a de Nael, que cabe a um dos gêmeos, mas que apresentará também a relação de Zana e Galib e de Domingas e seu pai . No capítulo 5, apresentaremos a análise de *Cinzas do Norte*, que possui as melhores figurações de exercícios diferenciados da paternidade, com um pai social (Jano), um pai socioafetivo (Ranulfo) e um pai biológico (Arana).

## 2 QUE PAIS E QUE FAMÍLIAS?

Que pais são esses, e como suas famílias são estruturadas? Que influência esse relacionamento e esses conflitos possuem na trama e caracterização dos personagens? E o narrador, ele é um dos protagonistas desse imbróglio pai-filho?

Essas figurações de pais e de família obedecem a recortes temporais e espaciais. Os romances que serão analisados neste estudo possuem como *locus* narrativo principal a cidade de Manaus e suas ações estão compreendidas no século XX. Ambas as condições determinam portas de entrada para a análise.

Manaus do início do século XX é uma cidade florescente, endinheirada pela borracha, com vida cultural e social equivalente à do Rio de Janeiro, capital federal. Até 1850, a área que comporia a província do Amazonas ficou isolada do resto do país e do mundo. Entre 1850 e 1870 o governo central definiu medidas que alteraram esse quadro, introduzindo a navegação a vapor e abrindo o rio Amazonas e alguns afluentes a embarcações de todos os países (1867). Isso não só facilitou o trânsito de pessoas e mercadorias, como abriu a região para o exterior, ampliando o comércio da borracha que, entre 1898 e 1900, só perdeu para o café nos valores das exportações brasileiras (25,7% contra 52,7%). Com o *boom* da borracha e a inserção no dinamismo da economia internacional, paraenses e amazonenses passam a usufruir do conforto material que caracterizou a *belle époque*. A navegação a vapor é o ponto de partida, levando as novidades às capitais e internalizando as redes do mercado internacional. Nesse período, as elites da Amazônia passam a viver uma situação de riqueza e prosperidade únicas. Em 1890, as transformações urbanísticas de Belém e Manaus anteciparam e estimularam o que viria a acontecer no início do século XX no Rio de Janeiro (DAOU, 2000, p. 12-39).

Como pais não existem de *per se*, ao lado da reflexão e análise sobre essa paternidade, será preciso refletir também em que famílias eles se inserem. Algumas questões nortearão nossa reflexão: existe uma família brasileira modelar? O modelo é patriarcal? Ele é único? Seu predomínio se deu durante o século XX igualmente em todo o território brasileiro?

Neste capítulo apresentaremos o conceito de patriarcado, a estruturação da família patriarcal no Brasil e o que constitui a paternidade socioafetiva.

### 2.1 A FAMÍLIA E O PATRIARCADO

Antes de falarmos da família patriarcal brasileira, falaremos muito brevemente do surgimento do patriarcado, focando nas relações entre pais e filhos no seio das estruturas familiares.

Mark Poster, em *Teoria crítica da família* (1979), fala de quatro modelos de família: a aristocrática, a camponesa (sec. XVI e XVII), a proletária e a burguesa (séculos XIX e XX). A primeira se baseava no controle da terra e dos privilégios garantidos pela monarquia. No castelo moravam parentes, dependentes, criados e clientes. As taxas de natalidade e mortalidade infantil eram altas. Não havia privacidade nem higiene. A sexualidade era livre para homens, mulheres e crianças. A função do homem estava ligada à guerra; a da mulher, à organização da vida social no castelo. O lazer era valorizado, não o trabalho. Os filhos eram educados desde cedo pelos criados (amas de leite) e nem os cuidados maternos, nem a intimidade pais-filhos eram importantes na educação das crianças. A linhagem familiar era mais significativa do que as figuras parentais na formação da identidade infantil.

Na família camponesa, à semelhança da aristocrática, as taxas de natalidade e mortalidade infantil eram altas; o vínculo e o convívio das famílias na aldeia, integradas com outras, eram a referência, e os laços emocionais ultrapassavam a família de sangue. A domesticidade e privacidade não eram valorizadas. A mulher criava os filhos de forma comunitária, auxiliada por parentes, mas também trabalhava no campo. Os pais não eram os únicos objetos de identificação das crianças.

A primeira metade do século XIX viu emergir a família proletária e a burguesa. A primeira era marcada por forte vulnerabilidade: adultos e crianças a partir dos 10 anos trabalhavam até 17 horas/dia. As crianças se relacionavam com muitos adultos (parentes, vizinhos) além dos pais e sua educação era informal, sem muitas preocupações ou atenções. Na segunda metade do século XIX houve mudanças: as mulheres passaram a ficar em casa, mas integradas em uma rede composta por mães, filhos e outros parentes. No século XX, esse padrão se altera: os operários vêm habitar os subúrbios das cidades, os laços comunitários são rompidos, a mulher fica isolada no lar, os homens começam a valorizar a domesticidade e a privacidade para a vida familiar, sobretudo para suas esposas e filhos.

A família burguesa fecha a família em si mesma, com rígida separação do espaço público e do privado; os papéis sexuais ficam claramente divididos: filhos são educados para serem disciplinados e bem sucedidos no trabalho; filhas, para serem

boas esposas e boas mães. Os padrões de higiene melhoram e a mortalidade infantil se reduz. A sexualidade feminina e a infantil passam a ser controladas. A família começa a se preocupar com a educação dos filhos, torna-se mais conservadora e aumenta a autoridade paterna.

O pai é apresentado antes de tudo como provedor, pertencendo ao espaço público, distante afetivamente dos filhos, representante da autoridade e da lei, mais temido do que respeitado e objeto de identificação idealizado (porque longínquo e impalpável). Essa imagem, construída ao longo da história, tornou-se patrimônio da família nuclear burguesa e da família patriarcal.

Com o isolamento da família nuclear, as crianças passam a se identificar quase exclusivamente com o progenitor do mesmo sexo. Como a satisfação de suas necessidades afetivas dependia disso, a submissão à autoridade era vital para garantir o amor dos pais. A relação de poder na família (marido-mulher, pais-filhos) replica a relação dominador-dominado da esfera pública e viabiliza sua permanência a partir desse âmbito.

Desde os séculos XI e XII, o pai assume um papel importante no núcleo familiar, sendo o senhor das pessoas e dos bens que compunham a família. A situação se inverte no século XIII, quando a solidariedade da linhagem é retomada, assim como a divisão dos bens entre os cônjuges. Contudo, a autoridade paterna na família é mantida. Duby afirma que:

[...] a família é o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os períodos de enfraquecimento do Estado. Mas assim que as instituições políticas lhe oferecem garantias suficientes, ele se esquiva da opressão da família e os laços de sangue se afrouxam (DUBY apud ARIÈS, 1981, p. 213).

Esse contexto em que a família acaba desempenhando o papel do Estado, com atuações nos âmbitos político, econômico e social, repetiu-se em terras brasileiras, com as necessárias diferenças espaciais e temporais. A família patriarcal brasileira desenvolveu-se desde o século XVI em decorrência do poder quase absoluto que os senhores das casas-grandes concentraram face à quase impossibilidade de o estado português tomar conta de um território extenso e ainda pouco conhecido, como era o da nova colônia.

No próximo item apresentaremos os pontos de vista dos dois teóricos que elegemos como principais representantes da reflexão sobre a família patriarcal

brasileira, Gilberto Freyre e Antonio Candido, e as discussões que outros estudiosos das áreas sociológica e histórica levantaram sobretudo a partir da obra de Gilberto Freyre.

## 2.2 A FAMÍLIA PATRIARCAL BRASILEIRA

Muitos estudiosos da questão, entre os quais destacaremos Freyre (2004a, 2004b) e Candido (1951), este último em um texto publicado somente em inglês, *The brazilian family*, afirmaram que a família brasileira se constituiu sob a marca do modelo patriarcal. Há diversos estudos criticando esse ponto de vista (CORRÊA, 1982; SAMARA, 1983; ALMEIDA, 1987), ressaltando, sobretudo, o fato de que o modelo de um patriarca que era “dono” e senhor de mulher, filhos, escravos, agregados, animais e plantações vigeu somente nas elites brasileiras de Pernambuco, inexistindo entre os escravos e burgueses, industriais e comerciantes, e nas outras regiões do Brasil. Todavia, o que importa ressaltar é que mesmo não constituindo sua família via contratos jurídicos matrimoniais, nem possuindo uma estrutura econômica e social de dependência entre os que compunham o grupo familiar, o modelo simbólico de família que predominou no país até meados do século XX foi aquele em que a figura paterna era a dominante, de onde emanavam a ordem e as referências de conduta. Este modelo predomina nos dois romances que serão analisados, exercido pela mãe em *Dois irmãos* e pelo pai em *Cinzas do Norte*, de formas diferentes, mas mantendo a questão da determinação da ordem e das condutas na família.

Segundo Freyre (2004b), a industrialização e o surgimento das cidades acentuaram as distâncias sociais, ao menos em alguns subgrupos. Os senhores dos sobrados e os negros dos mucambos eram extremos antagônicos. O sistema anterior, da casa-grande/senzala era, comparativamente, de maior acomodação: do escravo ao senhor, do pai ao filho, da mulher ao marido. Essa nova realidade acentuou as diferenças religiosas e sociais e estimulou o surgimento de uma nova relação de poder, que continuou nas mãos dos senhores, brancos e homens, aprofundando os antagonismos entre dominadores e dominados.

Com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, em 1808, o patriciado rural que se consolidara no Brasil foi perdendo ainda mais força, uma vez que já se enfraquecera com a descoberta das minas. O século XIX testemunhará, ainda, a ascensão de representantes da burguesia brasileira, em constituição, por meio do

prestígio de novos representantes - os bacharéis e médicos -, e também pelo apoio velado que a corte dispensava aos interesses urbanos e burgueses. Nas Minas Gerais do século XVIII, já tinha aparecido uma nova classe dominante (burgueses e negociantes ricos), que deu origem também aos novos patriarcas urbanos, donos de casas nobres ou sobrados. Estes novos senhores urbanos ansiavam pelo domínio político, mas almejavam também tornarem-se membros da nobreza rural, o que alguns conseguiram via casamento com as filhas de senhores de engenho ou mudando sua base econômica para a produção agrícola (FREYRE, 2004b).

O período seguinte, até aproximadamente 1850, foi marcado por uma diferenciação profunda - menos patriarcalismo, menos absorção do filho pelo pai, da mulher pelo homem, do indivíduo pela família, da família pelo chefe, do escravo pelo proprietário. Mas também mais prostituição, mais miséria, mais doença, mais velhice desamparada. A vida ultrapassa os limites da casa e a rua se aristocratiza.

Essa reflexão sobre a constituição do patriarcado no Brasil vai ao encontro de algumas hipóteses de Freyre (2004a, 2004b), que pensou sua constituição no mundo rural, em *Casa-grande & senzala* e, após a decadência desse patriarca rural, o surgimento do patriarca urbano, o senhor dos sobrados, em *Sobrados e mucambos*. Esse homem viu sucumbir, junto das enormes casas de muitos cômodos, o patriarcado nos antigos moldes, de concentração de poder e decisão nas mãos do pai, com a conseqüente submissão de filhos e esposa, e testemunhou a sociedade se reorganizar sobre novas bases. Bases ainda defensoras de valores burgueses, portanto ainda próximos dos patriarcais, mas que também recebiam influências de uma Europa entre guerras, e de desejo de um pai não tão estranho e distante de seus filhos.

A família dos homens brancos formava um grupo fechado, no qual estavam incluídos escravos, empregados, parentes e agregados, e constituiu a base para o desenvolvimento de uma figura-chave para nossa formação histórica e social: o *pater familias*<sup>6</sup>. A ele cabia manter a ordem econômica e política, mais do que ser pai e marido, em termos afetivos e sexuais. Antes de tudo, o brasileiro era o homem da sua família, dos seus parentes e do seu lugar; secundariamente, representava sua

---

<sup>6</sup> No âmbito deste estudo, empregaremos *pater familias* com o mesmo sentido de patriarca. Rafare (2010) aproxima as duas figuras, fazendo referência a Gilberto Freyre: "o *pater familias* foi, na sua maior pureza de traços, o senhor da casa-grande de engenho ou de fazenda, aproximando-o, então do conceito do patriarca que o mesmo Freyre usa" (RAFARE, 2010, p. 12).

província. A estrutura da família patriarcal e a mentalidade dela decorrente prevaleceram no Brasil durante três séculos e constituíram os suportes da nossa civilização, atuando com força centrípeta para harmonizar e agrupar diferentes peculiaridades e discordâncias, englobando não só os membros da família, como todos os que viviam em torno dela. Funcionou como um instrumento disciplinador e centralizador, instituindo uma ordem que teria sido impossível de existir em uma nação em formação (CANDIDO, 1951, p. 304).

Nos últimos 150 anos, as mudanças na estrutura social restringiram os papéis políticos e econômicos da família. Com a diminuição da liderança do *pater familias* e a maior liberalidade moral e social, a família oficial diminuiu de tamanho. Os componentes heterogêneos (empregados, escravos, parentes, agregados) foram paulatinamente se separando do núcleo central e adquirindo autonomia social e familiar.

As mudanças no modelo de família patriarcal ocorreram devido à urbanização, industrialização, proletarização, imigração e aculturação. A urbanização é o fator decisivo na evolução da família. Estimulando a entrada da mulher na força de trabalho, rompe com o modelo da família patriarcal e altera o *status* da mulher, aproximando-a do padrão do homem. Uma mudança sensível ocorreu nas formas de cortejar e escolher seus pares: a partir desse momento são os próprios interessados que se escolhem, não mais suas famílias, tanto nas classes baixas quanto entre os burgueses.

Pouco a pouco, o sistema de parentesco vai cedendo espaço ao indivíduo, cujos interesses passam a ser mais importantes do que os do grupo. As formalidades dentro da família são substituídas por demonstrações de afeto e maior intimidade. Os desejos das crianças começam também a ser respeitados. O parentesco como sistema de prestígio e retribuição deixa de existir. O tratamento nobiliárquico de “parente”, “padrinho” e afins não é mais tão importante, o mesmo ocorrendo com a hierarquia entre irmãos e irmãs, com o tamanho extenso da família e com a liderança outorgada ao *pater familias*. A partir de meados do século XX, a família não mais constitui um grupo econômico e político, papel que exercera até então (CANDIDO, 1951, p. 305).

Outra mudança importante no modelo de família brasileira decorreu da divisão do trabalho. Como o jovem não dependia mais do patriarca para ter sua atividade produtiva, ele tinha liberdade para seguir seu próprio caminho. Em uma sociedade em

que as perspectivas econômicas eram limitadas, dependendo fortemente da herança familiar em termos de atividade produtiva e de dinheiro, ao jovem cabia dar seguimento à atividade familiar. O filho do fazendeiro seria um fazendeiro por força das circunstâncias (CANDIDO, 1951, p. 305).

Na segunda metade do século XX, a família e as relações entre os gêneros passam por mudanças significativas – maior participação feminina no mercado de trabalho, métodos anticoncepcionais possibilitando à mulher controle da própria sexualidade, redefinição dos papéis de homem e de pai – que abalarão as bases do patriarcado. Esta nova família terá novo exercício da maternidade e da paternidade, isto é, novos arranjos familiares que não comportam mais a simples reprodução dos antigos modelos paternos e maternos.

Candido afirma que o estudo sociológico da família brasileira, sob uma perspectiva histórica, deve se basear nos estudos sobre as mudanças na estrutura familiar determinadas pela redução das funções da família, que acarretou sua simplificação. Mudanças nas funções econômicas, nos modos da participação cultural e nos tipos de dominação e subordinação tiveram como consequência novas formas de relacionamento no núcleo familiar e fizeram emergir novas formas de solidariedade. Essa nova realidade implicou, também, mudanças nos valores e na moral. Assim, o problema deve ser abordado a partir de um ponto de vista triplo: estrutural, funcional e moral. Completa dizendo que a ênfase no estudo da família patriarcal se deve ao fato de que ela serviu como base à estruturação do modelo de família conjugal moderno. O patriarca clássico é apresentado na tradição, literatura e lendas como um líder truculento e autoritário, de costumes rudes, severo e de coração duro, muito diligente com sua própria dignidade. Um ser acostumado à violência infligida ou recebida.

Candido fala, igualmente, da mestiçagem étnica proveniente da liberalidade sexual entre os portugueses e mulheres negras e indígenas. Contudo, ressalta que essa mestiçagem nunca passava pelo casamento oficial, era fruto de relações extramatrimoniais e originava filhos ilegítimos. Essas relações faziam parte da organização patriarcal, composta pelo núcleo conjugal legalizado, com mulher e filhos legítimos, e núcleos periféricos compostos por agregados, indígenas, negros e mestiços, aí incluídas concubinas e filhos bastardos do patriarca. Esse tipo de organização familiar perdurou até meados do século XX. Era um tipo de organização social em que a família era o grupo dominante no processo de socialização e

integração, um grupo no qual as distâncias eram rigidamente marcadas e reguladas pela hierarquia. Os filhos continuavam a “pertencer” aos pais enquanto estes estavam vivos, e moravam ou na casa deles ou em uma casa que lhes fora presenteada pelos pais. Há inúmeros exemplos desse poder patriarcal exercido de forma exorbitante por vezes, mas quase nunca questionado.

As mulheres, apesar dessa prepotência masculina, exerciam papel importante na organização familiar, não eram totalmente submissas como as apresentadas por alguns escritores e estudiosos. Comandavam a casa e participavam dessa família patriarcal desempenhando papéis específicos e complementares aos do patriarca. Candido cita casos em que as esposas tomaram atitudes severas, mandando matar amantes do marido e por vezes mesmo o próprio marido. Ou seja, o predomínio do *pater familias* autoritário não excluía a participação da mulher na sociedade doméstica. O autor levanta a hipótese, inclusive, de que o regime patriarcal criou, no Brasil, condições para a assunção de aspectos viris por parte das mulheres, acentuando nelas o desenvolvimento de características de comando e iniciativa. Afirma que o desajuste se devia mais a razões culturais e de classe social do que a questões de gênero e que os casamentos eram contratados para garantir uma boa linhagem e preservar *status* e bens econômicos em uma sociedade formada por diferentes linhagens e por aventureiros. Nesses casamentos intrafamiliares, pouca atenção era dada aos desejos e afetos pessoais, e muita às necessidades e conveniências dos grupos. Inclusive, sogros e sogras (em geral parentes) interferiam sem cerimônia na vida dos recém-casados, que iriam repetir a mesma atitude quando os filhos casassem.

Essas famílias integravam grandes grupos, que deram origem ao sistema patriarcal brasileiro, baseado na solidariedade parental, e formaram um poderoso sistema de domínio econômico e político, cuja manutenção acabava constituindo o objetivo em si dentro do grupo. O casamento era uma das principais condições desse tipo de estruturação familiar, mas todos os demais laços de parentesco também eram valorizados. Sob o manto da austeridade patriarcal desenvolveu-se um extenso sistema de relações compensatórias. Como a família patriarcal desempenhava papel político e econômico importante nos tempos coloniais, sua estabilidade e continuidade eram necessárias à estabilidade do país. A família brasileira típica do período compreendido entre os séculos XVI e XIX constituía a célula *mater* da sociedade, sendo responsável pela organização, produção, defesa e pela atribuição de

importância aos indivíduos a ela ligados, não se estruturando sobre bases afetivas ou sexuais como hoje. Os indivíduos que não pertenciam a família patriarcal alguma ficavam como que proibidos de participar da vida coletiva.

As críticas ao pensamento de Gilberto Freyre, nos âmbitos da sociologia, antropologia e da história, questionam, sobretudo, a preponderância da estrutura da família patriarcal em todas as classes sociais e regiões do Brasil e a ideia de uma convivência racial tranquila entre senhores e escravos em função da mestiçagem.

Angela Mendes de Almeida (1987), organizadora de uma coletânea que reúne estudos importantes sobre a família no Brasil e sobre a obra gilbertiana, *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*, afirma que duas foram as leituras principais do conceito de família patriarcal (gênese da reflexão sobre a família no Brasil): a que questionou a existência desse modelo de organização familiar em todo o Brasil e a que interpreta a família patriarcal brasileira como uma construção ideológica que serviria de referência para padrões de relações afetivas, sexuais, de solidariedade e de hostilidade, como uma “medida de valor para a vida familiar e para as pessoas nela envolvidas” (ALMEIDA, 1987, p. 15).

A primeira linha de análise, baseada em pesquisas históricas referentes ao sul e sudeste do Brasil e a estratos sociais não dominantes, argumenta que esse modelo de família patriarcal estaria circunscrito às famílias de alguns senhores poderosos da Recife gilbertiana. A segunda qualifica de mito o modelo de família apresentado por Freyre, ressaltando que a família gilbertiana não seria uma descrição da família brasileira, mas uma representação idealizada que funcionaria como arquétipo do que deveria ser a família brasileira. Isso implicava verem-se negativamente todas as realidades que não se adequavam a esse modelo: não ser poderoso, não ter amigos poderosos, ser solteirona, ser mãe solteira, ser mulher que tem de sustentar a casa, situações em que se vivenciaria a infelicidade. Aprofundando a reflexão, a autora afirma que essa estrutura encobre a exploração e a subordinação existentes na sociedade brasileira e revela uma maneira *sui generis* de exercer a exploração e a subordinação: a brandura advinda da intimidade entre superiores e inferiores, que amortece o conflito inerente à situação de desigualdade social (ALMEIDA, 1987, p. 16-17).

Eni de Mesquita Samara (1987) revê a construção do conceito de família patriarcal e aponta para o fato de que, ao se transplantar para o Brasil Colônia o modelo lusitano de família, acabou-se produzindo um modelo com características

patriarcais e com tendências conservadoras na sua essência, que serviu de base para caracterizar a família brasileira como um todo, deixando de lado as diferenças decorrentes do tempo, do espaço e dos grupos sociais (SAMARA, 1987, p. 30).

Samara afirma que vários conceitos se confundiram: família brasileira, que passou a ser sinônimo de patriarcal, que passou a se confundir com família extensa, conceito que abarcava a família conjugal, parentes, agregados e empregados. Afirma, ainda, que esse modelo coexistiu com inúmeros outros, sobretudo no sul do país. Contudo, o ponto mais importante é que, em função do ideal de recato, moral e pureza, historiadores e romancistas estabeleceram estereótipos de família, esposa, marido e filhos conformes ao padrão de família descrito por Gilberto Freyre, deixando resquícios na sociedade brasileira, mesmo no sul do país, sobretudo nas camadas mais abastadas.

A própria Angela Mendes de Almeida (1987) afirma que tomará a família patriarcal rural, com base econômica na produção para exportação, no trabalho escravo e no uso indiscriminado da terra, como:

[...] uma espécie de matriz que permeia todas as esferas do social: a da política, através do clientelismo e do populismo; a das relações de trabalho e de poder, onde o favor e a alternativa de violência preponderam nos contratos de trabalho e na formação dos feudos políticos, muito mais que a ideia de direitos universais do cidadão; e por fim nas próprias relações interpessoais em que a personalidade cordial do brasileiro impõe pela intimidade e desrespeita a privacidade e a independência do indivíduo [espraiando-se] por todas as outras formas concretas de organização familiar, seja a família dos escravos e dos homens livres no passado, seja a família conjugal mais recente (ALMEIDA, 1987, p. 55-56).

Essa família se constituiu em torno da mística da natureza feminina e do instinto materno, formulada na Europa entre os séculos XVIII e XIX. Porém, esse modelo europeu se verá face a uma realidade na qual inexistia uma classe burguesa cidadina, industrial ou comercial, permanecendo a mesma sociedade colonial, formalmente independente, baseada no latifúndio exportador tocado essencialmente pelo trabalho escravo.

No Brasil haverá um “casamento” entre a mentalidade da família nuclear burguesa e a da família patriarcal. Inclusive alguns críticos de Gilberto Freyre chegaram a dizer que o modelo de família patriarcal corresponde mais à década de 1930 do que ao Brasil Colônia.

Roberto Da Matta, que também desenvolve um estudo para a obra de Angela Mendes de Almeida, centra sua discussão na figura da família patriarcal. Reafirma a existência de ordenamentos familiares muito diferentes do patriarcal, semifamílias ou antifamílias, em geral dos trabalhadores domésticos e servis, que não poderiam ser “contaminados” pelos seus elos familiares (DA MATTA, 1987, p. 131).

Mesmo com a intensa discussão entre os autores que aceitam a tese da família patriarcal de Gilberto Freyre e os que negam essa realidade, Da Matta aponta que a forma dominante de constituição social e política da família brasileira é a patriarcal. E que nada impede que “uma viúva ou uma mulher solteira possam viver patriarcalmente; um grupo de mulheres pode viver patriarcalmente, assim como um grupo de homens, viver matriarcalmente” (DA MATTA, 1987, p. 126). Ressalta, contudo, que essa organização centrada no patriarca e na casa-grande foi perdendo importância com a urbanização. Segue afirmando que, no Brasil, a família “não é apenas uma instituição social [...], mas constitui também e principalmente um valor” (DA MATTA, 1987, p. 125). Família é um valor tão positivo que tanto o substantivo “família” quanto o adjetivo “familiar” são usados para denotar situações corriqueiras (‘essa comida é familiar’) ou quando algo é importante e bom (“aquela moça é de família”). Diferentemente da Europa e EUA, onde a família é mais um grupo dentre outros, aqui “a família é tudo e vale por tudo.” Ela embebe a própria sociedade com suas regras. Além de resolver a questão sexual e reprodutora, “ela é também banco e escola, agência de serviço social e igreja, consultório médico e partido político [...]” (DA MATTA, 1987, p. 136).

Uma outra coletânea importante para o estudo da família no Brasil é a organizada por Mariza Corrêa, *Colcha de retalhos - estudos sobre a família no Brasil* (CORRÊA, 1982). Já no primeiro capítulo, a autora afirma que a organização familiar no Brasil gira em torno de um modelo de família, a patriarcal, “um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia” (CORRÊA, 1982, p. 13).

Corrêa questiona esse ponto de vista e apresenta uma sociedade colonial muito mais diversificada do que Freyre e Candido fazem crer em seus estudos, composta por lavradores livres, mestres açucareiros, artesãos, empregados urbanos, profissionais liberais, entre outros que não se identificavam aos senhores de engenho. Afirma, ainda, que a mulher do senhor era a auxiliar direta do marido na manutenção de seu lugar social, assumindo atitudes até mais patriarcais que ele. Contudo, vale

ressaltar que o próprio Gilberto Freyre apontara o fato de que a família patriarcal convivia com outras “formas de família, parapatriarcais, semipatriarcais e mesmo antipatriarcais” (FREYRE apud VAINFAS, 1997, p. 118).

Mais importante do que a forma ou a extensão das famílias é o fato de que a ideologia patriarcal perpassou a história da família brasileira. Roberto Da Matta afirma que mesmo um grupo que conte unicamente com a figura da mãe pode ser patriarcal, no sentido da incorporação da simbologia (DA MATTA, 1987, p. 126).

O que desejamos ressaltar é que, menos do que uma estrutura sociológica fixa, a família patriarcal funcionou, no Brasil, até meados do século XX, como modelo simbólico. Esse é o modelo, explorado por Freyre (2004a, 2004b), entre outros, que serviu de base para caracterizar a família brasileira como um todo, de forma estática e praticamente única.

O problema para a história da família no Brasil é que esse modelo foi usado como exemplo para toda a sociedade brasileira. Confundiram-se aí vários conceitos: família patriarcal, família extensa e família brasileira, todos empregados de forma indiscriminada. O importante que devemos ressaltar é o complexo sistema de direitos e deveres que subjazia a ela. E a vinculação a essas famílias permitia uma maior participação política, social e econômica. Isso era positivo para todos os envolvidos, pois quanto mais dependentes viviam sob a influência do patriarca, mais projeção política ele tinha (SAMARA, 1983, p. 14). É evidente, contudo, que a estrutura patriarcal deixou na sociedade resquícios da sua organização, o que não significa que possa ser considerada como o “único modelo institucional e válido que sirva para caracterizar a família brasileira de modo geral” (SAMARA, 1983, p. 84).

Para a análise dos dois romances de Milton Hatoum, objetos desta tese, importa a permanência desse modelo patriarcal em termos simbólicos e a repetição de certas atitudes, tanto por parte dos pais, quanto as reações dos filhos. Por exemplo, Jano incorpora, deste modelo de patriarca brasileiro, uma autoridade sem limites, que se desejava “legítima e incontestável, sendo de sua competência decidir e até mesmo determinar o futuro dos filhos sem consultar suas inclinações e preferências” (SAMARA, 1984, p. 45). Contra isso Mundo erigirá sua máxima: “a obediência estúpida ou a revolta” e passará toda a narrativa, e toda a sua vida, lutando.

Além dele, protagonista de *Cinzas do Norte*, em *Dois irmãos* também Halim não tem proximidade afetiva com os filhos, por razões diferentes daquela de desejar identificar-se com o patriarca tradicional da história da família brasileira. De todo

modo, temos exercícios da paternidade que se aproximam do modelo patriarcal, seja pelo autoritarismo, seja pela distância afetiva com relação aos filhos, constante em todos os romances. Pais ausentes, ou pouco presentes, quase todos. Maridos apaixonados, beirando por vezes a obsessão, todos.

### 2.3A PATERNIDADE SOCIOAFETIVA

Dois pontos nos interessarão nos estudos sobre a paternidade no mundo ocidental: a formação dos meninos, desde a época colonial até aproximadamente meados do século XX, que os levava a identificarem a afetividade como característica feminina e, conseqüentemente, a não alimentarem uma relação afetiva com seus pais e posteriormente com seus filhos; e o questionamento dessa identidade do pai como patriarca sisudo e afastado afetivamente da família, mais preocupado com a manutenção do poder (político e econômico) e do patrimônio, que originará o “novo pai” (BADINTER, 1993; NOLASCO, 1995).

Tanto Malinowski (1968), quanto Canevacci (1982) apontam que a relação pai-filhos baseada na autoridade e dependência é social e historicamente determinada pelas relações sociais e culturais de cada sociedade, e que é possível estabelecer-se entre pai/filho uma relação não-hierárquica, de amizade e companheirismo. Parseval (1986) reforça o ponto de vista citado, afirmando que a paternidade não é um fenômeno natural, mas cultural e que nossas representações culturais da paternidade e da maternidade são a-científicas, até artificiais.

Segundo Juritsch (1970), pai e filho se alimentam mutuamente quando mantêm uma relação sadia, o pai funcionando como *impulso para a autonomia*, promovendo o encontro do filho com a existência masculina, e o filho estimulando o pai para que este obtenha sucesso público e profissional.

Segundo Juritsch (1970, p. 123), “o encontro com o pai dá início ao encontro do filho consigo mesmo. [...] O jovem adquire uma compreensão masculina de si mesmo e do mundo”. Ressalta também que a identificação com o pai só formará a personalidade do filho se o pai se interessar verdadeiramente por ele e o amar. Faltou a Mundo e a outros personagens hatounianos, como Omar, de *Dois irmãos*, e Arminto Cordovil, de *Órfãos do Eldorado*, esse amor paterno verdadeiro.

Ademais, o filho dependerá muito de sua vivência com o pai para construir seu relacionamento, positivo ou negativo, com o mundo profissional. O pai que

restringe sua atuação sobre o filho ao papel de ditador de ordens e proibições não consegue que o filho perceba essa ordem como algo positivo. A tarefa essencial do pai é fazer com que o filho viva o mundo dos valores como realização e perceba suas exigências como benéficas. A experiência do valor deve preceder a das restrições e conflitos. Se se restringe a dar ordens, em lugar de oferecer experiências de valores, o pai oprimirá o filho, transformando-se na personificação da violência. A imagem do pai vem mudando, direcionando-se para uma relação em que o companheirismo se destaca como elemento-chave na família, alteração que tem a ver com as mudanças sociais a partir da segunda metade do sec. XX, quando aparece a pílula anticoncepcional, e conseqüentemente a liberdade sexual, e se modificam a identidade feminina e a masculina. Esse abandono da postura autoritária na direção de uma relação mais amical, é a marca do que vem sendo designado como o “novo pai”.

Palme (1972) e Chodorow (1979) afirmam que a grande desvantagem dos homens no modelo tradicional de família era o fato de que mostrar afeição e estabelecer contato com a criança não eram encorajados no homem. O último dirá que a identidade de gênero masculino precisa se estabelecer para substituir a identificação primária do menino com a mãe. Porém, em função de o pai geralmente ser mais ausente de casa, a identificação de gênero do menino é mais difusa e generalizada, com a personalidade, traços do comportamento, valores e aspectos do papel masculino de seu pai, e se dá em termos negativos: não ser mulher, rejeitar o que é feminino, contribuindo para a desvalorização social e cultural da mulher e para a subordinação feminina. A educação sexista também acaba construindo a hipótese da maternagem<sup>7</sup> como exclusivamente feminina (construção social, não fato natural).

Introduzindo a preocupação dos homens com essa formação “machista” e o distanciamento entre pais e filhos, Fein (1978) fala de três concepções de paternidade: a tradicional (indiferença e distância; pai provedor, pouco envolvido emocionalmente com os filhos); a moderna (ênfase do papel do pai no desenvolvimento da criança, acentuando que sua ausência atingiria a aquisição da identidade de gênero, o desenvolvimento moral), e a emergente (homens com papel ativo nos cuidados e

---

<sup>7</sup> Maternagem entendida nesta tese como cuidados materiais e afetivos dirigidos aos filhos. No dicionário Houaiss, temos a definição como “técnica empregada na psicoterapia, esp. das psicoses, que busca estabelecer entre terapeuta e paciente, no simbólico e no real, uma relação semelhante à que existiria entre uma “mãe boa” e seu filho” (HOUAISS, 2004, p. 1868).

educação dos filhos, encorajamento da habilidade paterna em mostrar afeição e estabelecer contato com a criança).

Para que o menino possa desidentificar-se da mãe, é essencial a presença real do pai, homem que produzirá o corte na relação exclusiva mãe-filho. A exclusão dos homens do espaço doméstico e dos cuidados com os filhos é consequência de uma organização social de gênero sustentada e reproduzida também pelas estruturas de personalidade. Não tem nada a ver com a biologia e o instinto. A base para cuidar das crianças é ter tido um bom relacionamento primário, o que é ampliado nas mulheres e inibido nos homens.

Diferentes autores valorizam a importância da participação do pai no desenvolvimento emocional da criança e explicam o que entendem por privação paterna: ausência, debilidade ou inadequação das funções do pai no processo de desenvolvimento emocional da criança, compreendendo desde a ausência física e concreta, passando pelo pai fraco ou distante, chegando àquele que tem dificuldade de assumir o seu papel de pai, algumas vezes até competindo com o filho, como se fosse criança ou adolescente.

Dorais (1994) levanta outro aspecto importante no relacionamento entre pais e filhos, afirmando que muitos problemas atuais ligados à masculinidade decorrem da indiferença, abuso ou rejeição por parte do pai: “Há muito tempo é assim transmitida a masculinidade: de pai decepcionado para filho decepcionado” (DORAIS apud RAMIRES, 1997, p. 34). Acentua, ainda, que as novas formas familiares estão mudando essencialmente o conceito de paternidade; o laço biológico está sendo substituído em parte pelos diferentes laços sociais e afetivos. Conclui apontando três grandes desafios para a paternidade hoje: assegurar às crianças uma constância de figuras parentais; mudar as relações profissionais do homem para assegurar o exercício da paternidade no dia-a-dia; aprender a conviver com as técnicas de reprodução humana assistida.

Na esteira do questionamento do papel tradicional de pai, Badinter (1993) confirma que a segunda metade do século XX presenciou o surgimento de um novo pai que vai romper com o modelo frio e distante do patriarcado burguês, buscando participação ativa no cuidado e educação de seus filhos. Muraro (1994) reforça, indicando que a entrada maciça da mulher no mundo do trabalho passou a exigir maior participação masculina nas tarefas domésticas e parentais.

Corneau (1991) fala sobre a passagem da paternidade biológica à paternidade afetiva e social, caminho aberto pelos novos arranjos familiares que compõem a sociedade atual. De famílias monoparentais a famílias com filhos de diferentes casamentos, o laço biológico entre pais e filhos não garante a ligação permanente entre eles. Às vezes, o pai mantém laços mais estreitos com os filhos de sua parceira do que com os seus filhos biológicos.

A ciência jurídica introduziu na discussão acerca do papel do pai o conceito de paternidade socioafetiva. Atualmente, o direito trata da questão da paternidade sob três pontos de vista: o biológico, o jurídico e o socioafetivo. O direito de família trabalha com diferentes instrumentos e conceitos para determinar a filiação socioafetiva, cujas referências bibliográficas ficam postas àqueles que desejarem um maior aprofundamento<sup>8</sup>.

A paternidade biológica, durante anos, foi o degrau máximo a ser alcançado, uma vez que, conforme o Código Civil brasileiro de 1916, o pai não podia reconhecer um filho adulterino, nem o filho podia requerer investigação da paternidade para não desestabilizar a paz nas famílias. A verdade biológica era proibida; filho era somente o filho no sentido jurídico. (FACHIN, 1996, p.20).

O final do século XX viu mudar essa realidade no Brasil. A Constituição de 1988, acompanhando alterações nos textos legais franceses (1972) e portugueses (1975), abre as possibilidades ao reconhecimento da paternidade. Mas não responde à questão essencial: saber sem dúvidas quem é o pai biológico resolve a certeza da verdadeira filiação? Essa questão será investigada na análise, para ver de que forma Hatoum a representa e quais possíveis respostas sua obra incorpora.

Essa mudança foi influenciada pelos movimentos de libertação não só da mulher, como da sociedade, simbolizados pela primavera francesa de 1968. O desejo de mudança e um exercício da função paterna diferenciados já eram realidade; o que as manifestações sociais fizeram foi torná-los públicos e forçar uma alteração inclusive no arcabouço jurídico.

---

<sup>8</sup> Como referência para o entendimento do conceito de paternidade socioafetiva indicamos os trabalhos de Fachin (1996), Delinski (1995) e Tomaszewski (2006).

Esse novo estatuto jurídico da família e das funções materna e paterna passa a olhar para pai e mãe como indivíduos com igual capacidade e direito no referente à educação e aos cuidados com os filhos, fato que a sociedade já vivenciava há muito tempo<sup>9</sup>. A autoridade paterna absoluta cede lugar para a autoridade parental. Diferentemente dos séculos anteriores ao século XX, para a contemporaneidade “a paternidade [...] não é um dado, ela se constrói no exercício do cotidiano” (FACHIN, 1996, p. 28). Podemos entender essa mudança ao ampliarmos o foco: ser pai, a partir da década de 1960, implica saber e querer estreitar laços afetivos, além de emprestar ao filho o nome da família; implica, ainda, tratá-lo como um verdadeiro filho perante o ambiente social (FACHIN, 1996, p. 32).

Essa modificação social e jurídica levou à criação de uma nova forma de exercício da paternidade, não obrigatoriamente vinculada à questão genética: a paternidade socioafetiva (FACHIN, 1996; DELINSKI, 1995), que é construída diuturnamente, “é fruto de um querer” (FACHIN, 1996, p. 59).

Uma noção passa a ser chave na lei: a posse de estado de filho, atribuindo importância à expressão do afeto para a determinação da paternidade (FACHIN, 1996, p. 42). A posse de estado de filho é determinada por três elementos: nome (uso, pelo filho, do nome da família), trato (o filho ser tratado como tal pelo pai, por meio de duas condutas básicas: proteção e amparo econômico e afetividade) e fama (exteriorização dessa realidade para o público) (TOMASZEWSKI, 2006). “Na posse de estado, o que sobressai é a presença de uma relação paterno-filial: o que aparece é” (FACHIN, 1996, p. 61).

Além disso, a medicina vem desenvolvendo diferentes técnicas para tornar possíveis os “filhos da imaginação ou da invenção” (FACHIN, 1996, p. 22). Contudo, a paternidade implica muito mais do que os laços de sangue; é um fato sociológico que se constrói por cuidados na alimentação e na instrução, pelo carinho no tratamento em público e na família:

[...] a verdadeira paternidade não pode se circunscrever na busca de uma precisa informação biológica; mais do que isso, exige uma concreta relação paterno-filial, pai e filho que se tratam como tal, donde emerge a verdade socioafetiva (FACHIN, 1996, p. 65).

---

<sup>9</sup> As famílias mantidas pela mãe, com ou sem o auxílio do pai, são uma realidade importante no Brasil desde o século XIX.

Assim, além do pai biológico e do pai legal, a segunda metade do século XX viu surgir a figura do pai socioafetivo, que pode se confundir com os outros tipos de exercício da paternidade, mas cuja função pode ser desempenhada por uma terceira figura antes inexistente na vida familiar clássica. O direito de família trabalha com diferentes instrumentos e conceitos para determinar a filiação socioafetiva.

O que diferentes estudiosos apontam é que existia um *modus operandi* que o homem devia obedecer ao se tornar pai. Mesmo se o indivíduo desejasse maior proximidade afetiva com os filhos, a estrutura familiar e social acabava dificultando a intensificação do relacionamento, não só no referente ao tempo que o pai (não) dispunha para dividir com os filhos, como também na efeminação indesejável que uma maior expressão de sua afetividade poderia acabar atribuindo àqueles que resolvessem expressá-la de forma mais livre.

O que interessa a este estudo é a delimitação da mudança no exercício do papel paterno no Brasil, incluindo até seu entendimento pelo direito de família, após 1988, quando a paternidade passa a residir mais na circunstância de amar e servir do que na procriação; passa a ser fruto de um desejo e se revela cotidianamente, ganhando força e afirmação nos detalhes. As relações paterno-filiais são construídas no encontro dessas três realidades, a genética, a jurídica e a socioafetiva: “Se andam juntas, completam-se. Se dissociadas, podem se contrapor” (FACHIN, 1996, p. 59).

Acompanharemos os diferentes pais presentes nos romances de Milton Hatoum tentando compreender como esse relacionamento entre pais e filhos repercute na estruturação da narrativa e nos desígnios que marcarão os personagens e a própria fábula.

### 3 FORTUNA CRÍTICA DE MILTON HATOUM

A fortuna crítica com relação às obras de Milton Hatoum é extensa e variada. Um número expressivo de estudos está circunscrito aos temas da memória, do orientalismo e das relações com a história recente do Brasil. Uma parte desses estudos e artigos estão listados nas referências bibliográficas, para posterior aprofundamento daqueles que se interessarem.

Contudo, como o escopo desta tese é a paternidade, o recorte do material que apresentaremos a seguir privilegia estudos que tratam da questão paterna, ampliando o foco para aqueles que falam das relações familiares na obra de Hatoum. Apresentaremos também algumas entrevistas do autor, pois as consideramos uma boa oportunidade de conhecermos suas ideias acerca da literatura, da obra dos clássicos e de suas influências, além de informações sobre seu próprio caminho literário. Por ser um autor em evidência, seu nome tem aparecido em diversos trabalhos apresentados desde em congressos internacionais, até em congressos mais regionais, e por estudiosos de todo o Brasil.

Nossa intenção ao apresentar alguns estudos é ressaltar o que cada um aporta à reflexão sobre paternidade e conflitos familiares na obra de Milton Hatoum, e como esse aporte marcou a pesquisa que ora desenvolvemos.

#### 3.1 ESTUDOS QUE VERSAM SOBRE PATERNIDADE E RELAÇÕES FAMILIARES

A seguir compilamos alguns estudos que se centraram na discussão de relações familiares, tema onipresente nos romances de Hatoum e em alguns de seus contos, e daquela referente à paternidade, objetivando apresentar as ideias já discutidas por diferentes estudiosos, dialogando com o que desenvolvemos na tese.

O artigo de Glória Carneiro do Amaral, *Dois trajetos para o porto*, publicado na coletânea organizada por Pereira (2009), é um dos poucos textos sobre a obra de Milton Hatoum em que a paternidade é um dos temas abordados, porém sem que haja um aprofundamento da questão, pois à discussão deste tema, Glória Amaral adiciona aquela sobre o papel dos narradores e dos odores nas duas narrativas que ela analisa, *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*. A autora afirma que *Cinzas do Norte* é construído em torno do tema da paternidade questionada, que ela diz possuir um “sabor folhetinesco”. Aponta igualmente a profusão das figuras paternas no romance: “um pai

oficial; um pai oficioso, que se pode supor verdadeiro, e um pai biológico, cuja identidade só se revela na página final” (AMARAL, 2009, p. 15).

Na sequência, a autora vai atribuir a Ranulfo a paternidade mais “aguerrida” de Mundo, pois desde o nascimento do menino, é Ranulfo quem sempre está por perto e com quem Mundo realmente conta. E essa suposta paternidade é alimentada inclusive pelo narrador, Lavo, que também nutria dúvidas sobre esse aspecto.

A autora aponta, inclusive, a aproximação entre os temperamentos de Ranulfo e Mundo, no referente à “revolta e insurreição contra qualquer ordem estabelecida” (AMARAL, 2009, p. 17).

O pai biológico, Alduíno Arana, é citado como figura controvertida, para todos os personagens que convivem com ele. Essa paternidade biológica de Mundo, revelada apenas nas últimas páginas do romance, não foi indiciada em nenhum momento anterior, o que causa uma surpresa ainda maior, tanto ao leitor quanto a Lavo, um dos narradores, uma vez que aparentemente Ranulfo (o segundo narrador do romance) e Jano morrem sem saber que Arana era o pai biológico de Mundo.

Glória Amaral amplia a questão da paternidade questionada para Alícia e a irmã Algisa, que também não tinham certeza de quem era seu pai.

Ela aproxima *Cinzas do Norte* de *Dois irmãos* no referente à temática da paternidade, à ambientação em Manaus, à abertura por prólogos em que se revelam as motivações dos dois narradores, e à oposição entre a ordem instituída e o *laissez aller* existencial (Yaqub e Ramira X Omar e Ranulfo). Cita, inclusive, uma fala do próprio Milton Hatoum, quando este afirma que “Na literatura é importante estabelecer vínculos de afinidade e oposição” (AMARAL, 2009, p. 23).

A autora inova ao olhar a questão da paternidade nos romances citados, porém acaba misturando-a a aspectos que estariam mais relacionados à cor local amazonense e, possivelmente em função do escopo do artigo, não aprofunda nem a questão da paternidade nem a da valorização do local frente ao universal.

Para o trabalho desta tese o artigo foi importante na medida em que explorou a força que a paternidade desempenha sobretudo em *Cinzas do Norte*, com a coexistência de três pais que assumem um papel determinante em diversos encaminhamentos na trama, e mantêm com o protagonista Mundo relações diferentes, mas de grande intensidade.

Inclusive, a análise que desenvolveremos será baseada tanto na fala dos narradores, quanto nos diálogos e monólogos dos personagens que desempenham

os papéis de pais e filhos, caminho que nos possibilitou observar a complexidade do caráter destes personagens e a relação diversificada que cada um mantém com Mundo e com os demais personagens.

Gabriel Albuquerque, no artigo *Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum* (2006), afirma que nos três romances lançados por Hatoum até 2006 (*Relato de um certo Oriente*, *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*), mudam os personagens mas permanecem dois aspectos: “a obsedante atenção aos grupos familiares que vão se arruinando em meio ao projeto político-militar para a Amazônia brasileira” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 125) e o poder do *pater familias* que, em *Cinzas do Norte*, assume uma dimensão mais ampla na figura dos militares com os quais Jano colabora. Ressalta que o conceito mesmo de patrimonialismo está presente nos três romances, repetindo-se um microcosmo brasileiro no qual aos homens cabem os negócios da família e às mulheres a ordem doméstica e familiar.

Fala, ainda, da bastardia que marcaria os narradores de *Relato de um certo Oriente* e *Dois irmãos* e o protagonista Mundo, de *Cinzas do Norte*, este reconhecido legalmente, mas apartado pela genética e pelo amor paterno, que lhe falta. Mesmo com três personagens desempenhando papéis paternos, o que prevalece no romance é uma dificuldade de relacionamento perpétua com Jano, seu pai oficial na narrativa, e uma falha de afeto com Ranulfo e principalmente com Arana. De Ranulfo, Mundo diz a Lavo nunca tê-lo considerado como um possível pai; de Arana, mesmo após saber que ele era seu pai biológico, o protagonista Mundo não nutre nenhum afeto, ao contrário, afirma que só sente desprezo por ele.

O que nos chamou atenção é a relação que o autor cria entre a história recente do país e a figura paterna, ressaltando que o abuso do poder por parte do pai, ou sua atitude como patriarca clássico, reproduziria a atitude despótica dos militares no poder. Essa aproximação será desenvolvida na análise que faremos, sobretudo no referente a *Cinzas do Norte*, romance em que a história brasileira aparece de forma mais clara no pano de fundo da narrativa.

Nádia Barbosa da Silva (2008), em seu artigo *Memória e identidade: uma leitura do romance Dois irmãos de Milton Hatoum*, ressaltava a discussão da paternidade no romance e afirma que o narrador de *Dois irmãos* escreve para buscar a identidade de seu pai, um dos homens da casa, e, “num jogo de inventar memória”, tenta reconstruir seu passado via histórias dos outros.

Segundo a autora, Milton Hatoum utiliza como motivo de sua narrativa o drama familiar, a casa que se desfaz. O autor lança mão de um narrador que, depois de trinta anos, quando todos já estão mortos, resolve contar uma história que também é a sua. Ele inicia a narrativa para descobrir, entre os homens dessa família, aquele que é seu pai. Esse narrador observador, testemunha privilegiada, tenta reconstruir sua própria identidade em meio aos estilhaços das histórias dos outros, que ouviu e guardou, ou dos fatos que presenciou, do seu quartinho afastado no fundo do jardim.

Ampliando a análise, Nádia Barbosa afirma que o fluir do tempo é construído pelos narradores, que lembram o que sabem ou supõem saber e imaginam o que não sabem. Os romances de Hatoum são histórias em pedaços, que exigem um trabalho cuidadoso com os narradores e remetem tão longe quanto às *Mil e uma noites*. Este componente da tradição literária é o que sustenta o tema central, dramas humanos.

A autora afirma que a narrativa se sustenta em dois eixos: o anúncio e o segredo, e prende a atenção do leitor por meio de indícios aqui e ali disseminados pelo narrador, cuja identidade, a princípio, não se conhece; aos poucos, novas chaves vão sendo introduzidas que adiam o desenlace. Neste raciocínio, os narradores, que detêm o poder do segredo e do anúncio, funcionam como verdadeiros oráculos, que decifram os indícios ao seu redor. Estes, recuperados pela memória ou reconstruídos na imaginação, orientam os caminhos da leitura, sendo responsáveis por toda a fabulação romanesca.

Ao contrário do que ocorre com boa parte das narrativas contemporâneas, em que personagens, estrategicamente não verticalizados, vagam na história, surgem e desaparecem, alteram suas identidades e movimentam-se na narrativa, em *Dois irmãos* o que se vê são personagens bem-estruturados, com perfis densos e profundos, que se permitem viver dramas intensos. São personagens altamente verossímeis, com pés fincados em solo amazônico, cujos traços, articulados à própria história da região, ainda não se apagaram na memória dos narradores.

Manaus é apresentada como *locus* de confluência de culturas e seres diferentes, cidade que acolhe a todos, e reserva espaços para que esses imigrantes e migrantes do próprio Brasil, principalmente do interior do Amazonas, consigam manter sua identidade e incorporar o que a cidade pode lhes oferecer, em termos linguísticos, culinários, étnicos.

Seu estudo, contudo, centra-se na questão da paternidade de Nael, não explorando mais a fundo o relacionamento de Halim e os filhos, principalmente com os gêmeos, que desenvolveremos na nossa pesquisa.

Em *Órfãos do Eldorado: mito, história e orfandade*, Helena Friedrich (2009) afirma que, nos tempos atuais, hipermodernos, vivemos uma individualização exacerbada, que se transforma em narcisismo. É a chamada “Era do vazio”. Mesmo assim, aponta que ainda há lugar para uma literatura que fale de mito, como *Órfãos do Eldorado*. Lendas e mitos, nessa obra, mesclam-se aos pensamentos, às sensações e sentimentos dos personagens, revelando o que elas sentem, explicando seus sentimentos e ações, revelando seu modo de ser. O mito constitui um modo de ver e de sentir a realidade, de conferir significado a dimensões da realidade que, talvez, seriam inatingíveis racionalmente.

Ao lado disso, a obra tematiza um conflito entre pai e filho. Amando Cordovil, à semelhança de Jano, de *Cinzas do Norte*, é o pai que não soube amar o filho. O narrador cita que sua lembrança mais doída era do desprezo e do silêncio que o pai nutria com relação a ele. Ao lado disso, há a metáfora da orfandade como outro poderoso significante da novela, presente já no título. Metáfora espalhada por toda a obra, caracterizando não apenas os personagens, mas o espaço onde eles se movem. Orfandade como abandono, carência, tanto do protagonista como da própria cidade.

Embora centrando a análise em *Órfãos do Eldorado*, o texto de Helena Friedrich levanta questões que já existiam em *Cinzas do Norte*, da dificuldade (quase impossibilidade) do amor entre pai e filho, bem como do desprezo e silêncio do pai com relação ao filho, que aprofundaremos na análise do romance, ao mostrar que existia mais diálogo entre Jano e o narrador Lavo, do que entre ele e seu filho. Mesmo com três personagens desempenhando o papel de pai, há no romance uma enorme dificuldade de expressão do amor paterno, e Mundo morre sem conseguir sentir-se filho de nenhum dos três homens que figuram exercícios diferentes da paternidade na narrativa.

Heitor Ferraz Mello (2005) afirma, no artigo *Romance é mais seco e mantém jogo de duplos*, que, no universo ficcional de Milton Hatoum, Manaus sempre surge como uma espécie de personagem, uma cidade entre a província e a turbulência da metrópole, um canto do mapa do país onde a vida parece sair dos modos mais arcaicos de produção para um capitalismo ruidoso e destruidor, pois é sempre precário. Não só Manaus mostra suas caras, momentos históricos e precariedades:

seus personagens de "carne e osso" parecem sofrer de um desenraizamento e todo o passado de cada um deles é algo sempre nebuloso, com segredos.

Ferraz diz que, em cada romance, Hatoum "torce a cravelha" das situações morais familiares, busca levá-las ao limite, com seus personagens desnorteados, sobrevivendo entre as ruínas do passado e as ruínas (ou cinzas) do presente.

Em *Cinzas do Norte* Hatoum abre mão dos personagens de origem árabe ou libanesa, e também quase não há estrangeiros. Essa mudança já se faz sentir no próprio estilo do autor, que deixa de lado as descrições voluptuosas de comidas, cheiros, ambientes carregados de figuras religiosas.

Fala que, nos romances de Hatoum, há sempre um segredo que vai sendo desvendado pouco a pouco: é o segredo da origem. O mais interessante é que essa própria origem, quando descoberta, passa a ser apenas uma informação esbatida. É como se essa busca caísse sempre no vazio. Ela já não é mais suficiente para mudar o destino dos personagens. Reatar esse nexos com o passado - e essa é a grande dor - não garante mais nada. Tudo vira cinza, apenas cinza.

Ao falar da questão da origem como marca dos romances de Milton Hatoum, Heitor Ferraz aponta para a questão da paternidade e da absoluta insignificância que a revelação da origem acaba tendo ao final das narrativas. Isso se deve, a nosso ver, ao fato de o destino dos personagens não poder ser alterado, como afirma Ferraz, mas também porque o anúncio da identidade do pai não muda em nada a falta de relacionamento paterno entre os personagens e seus pais, tanto nos romances analisados nesta tese, quanto em *Órfãos do Eldorado*. Isto é, o que poderia salvá-los teria sido outra vida, que não pode ser recriada.

### 3.2 ENTREVISTAS

Ampliando a visão apresentada na seção anterior, agora levantamos algumas entrevistas que mostram a opinião de Hatoum sobre suas obras e também sobre literatura, influências sobre seu trabalho, a importância da memória e da constelação familiar e amazônica em seus livros.

Na entrevista *Questões para Milton Hatoum* concedida a um grupo de estudiosos de seus livros e organizada por Lucia Ricotta e Marília Librandi Rocha,

quando perguntado sobre a importância que atribui à presença do contexto sócio-histórico em seus romances, Milton Hatoum afirma que,

[S]e o documental aparecer ostensivamente na narrativa de ficção, esta perde sua qualidade estética, porque o romance não deve ser explicativo. O documento e a pesquisa interessam menos que os conflitos morais e sociais das personagens, muito menos que a coerência interna da narrativa. [...] os fatos e episódios do passado, a experiência individual e a dimensão histórica, tudo isso é apenas pretexto para futuras ficções. A experiência só adquire espessura quando a linguagem transcende os fatos (RICOTTA; ROCHA, 2010, p. 23-24).

Relata, também, que um dos possíveis títulos para *Cinzas do Norte* foi *Memórias de um filho querido*, que permaneceu no romance como título de uma das obras de Mundo, o protagonista, exatamente a que ele cria quando está na Europa, usando pedaços do pano da roupa de casamento e sapatos do pai, presentificando todo o horror de seu relacionamento com Trajano, o pai. Hatoum cita a influência de Francis Bacon, que expressa em sua pintura o horror e o dilaceramento do ser humano, o horror que ele testemunhou durante a Segunda Guerra, e diz que muito do que Mundo não pode dizer através da palavra escrita é insinuado pelas imagens.

Ao falar dos pais de *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*, o autor afirma que são pais autoritários, que podem simbolizar o velho patriarcalismo brasileiro, latino-americano, e a loucura autoritária, tirânica do pai, que encontramos na figura do político, do burocrata de vários escalões, dos ricos arrogantes, da polícia, dos jornalistas que querem exercer o poder, dos homens que espancam as mulheres. Mas ressalta que são figuras que podem ser ambivalentes e que essas ambiguidades ou ambivalências devem ser exploradas nas personagens, nessas figuras paternas autoritárias. Em *Cinzas do Norte*, por exemplo, ele nos sugere pensar na atitude e nos sentimentos de Jano em relação a Alícia.

Essa entrevista interessa ao estudo que desenvolvemos em função da referência a estes pais como figurações dos velhos patriarcas brasileiros, ao lado de outra personagem que exerce uma paternidade mais afinada ao espírito de companheirismo que se está buscando na atualidade.

Na entrevista *Escrever à margem da história*, concedida a Aida Hanania, uma das primeiras de Hatoum, feita em 1993, o autor aborda diferentes temas e afirma que a Amazônia não tem fronteiras: há uma delimitação territorial que, para os da

Amazônia, não passa de fronteiras imaginárias. O horizonte é vastíssimo, e as línguas espanhola e portuguesa se interpenetram em algumas regiões e as nações indígenas também são bilíngues, às vezes políglotas. Uma das pequenas tribos dispersas é a dos orientais, dos imigrantes que chegaram no início do século XX e participaram da vida econômica da região. Conta que alguns oficiais do exército brasileiro que combateram pela independência do Acre são de origem libanesa.

Minha intenção, do ponto de vista da escritura, é ligar a história pessoal à história familiar: este é o meu projeto. Num certo momento de nossa vida, nossa história é também a história de nossa família e a de nosso país (com todas as limitações e delimitações que essa história suscite) (HANANIA, 2006, p. 3).

Hatoum fala sobre a relação ficção-história: “a linguagem fricciona uma suposta verdade e daí surge a ficção, essa mentira que é a ficção. Sempre falta algo: o fio que conduz à verdade”. Sobre *Relato de um certo Oriente*, afirma que a alternância das vozes narrativas e o tempo fragmentário reproduzem de certa forma a estrutura de funcionamento da memória.

Ao responder à pergunta “Por que escrevo?”, ele afirma que “o escritor escreve porque tem vontade de escrever. Uma vontade que surge de uma falta, de uma ausência. Para mim a arte não é exatamente a vida, mas também não é a sua negação” (HANANIA, 2006, p. 4).

Ao falar dos grupos de narradores orais definidos por Walter Benjamin (o do viajante ou marinheiro, ou comerciante, isto é, alguém que “vem de longe” e por isso tem muito o que contar; o do camponês sedentário, o homem fixado à terra, que conhece as histórias e tradições de seu lugar), Hatoum afirma que a vivência na pensão Fenícia de sua infância se deu em meio a esses diversos narradores: os parentes orientais mais velhos, mascates no interior da Amazônia, contavam histórias sobre a experiência recente de suas viagens pelos povoados longínquos do Amazonas, entremeadas com episódios do passado no Oriente Médio; os amazonenses que haviam migrado para a capital traziam no imaginário as lendas e os mitos indígenas: “Aqueles mundos, reais ou fictícios, passaram a fazer parte da minha vida. O viajante imóvel experimenta, assim, a percepção do Outro através do convívio e da palavra oral” (HANANIA, 2006, p. 10).

Ele afirma, igualmente, que o “Norte é menos uma geografia do que um lugar que se busca. Lugar que já não mais existe, ou lugar utópico que só existe na

memória. [...] [e que] essa tentativa de um retorno à terra natal só é possível através da linguagem” (HANANIA, 2006, p. 11). Milton Hatoum faz os dramas da casa se estenderem à cidade e ao rio: Manaus e o Negro transformam-se em símbolos das ruínas e da passagem do tempo.

Como ficou dito, esta é uma das primeiras entrevistas concedidas por Hatoum, quando havia lançado apenas *Relato de um certo Oriente*. Contudo, o autor já aponta questões que perpassarão a maioria de suas obras, por exemplo a da memória como componente estruturante das tramas, como ele entende a relação entre ficção e realidade e a importância da referência histórica em seus romances. Além disso, toca em duas questões que também se repetirão nos romances posteriores: a ambientação no Norte do Brasil e a existência de personagens miscigenados, fruto das relações entre todas as tribos que conformam o imenso território amazonense.

Na conversa com Denis Leandro Francisco, *10 Passeios pelos bosques da ficção*, Hatoum fala da relação entre literatura e realidade, fulcral para todos que escrevem ou se dedicam aos estudos literários e afirma que a ficção é um ato de desvio, de distração da realidade, é “um modo oblíquo, que se esconde para revelar uma outra realidade: a do texto construído pela linguagem” (FRANCISCO, 2004, p. 355).

Explora o papel da memória em seus romances, dizendo que “lembrar de algo já é um convite ao esquecimento, e é nessa falha da memória que a invenção ou a imaginação age com liberdade, sem amarras” (FRANCISCO, 2004, p. 356).

Em seguida, afirma que priorizou ver de perto dramas familiares para compor seus textos, complementando que o gênero romance sempre abordou esses dramas, porque narra uma história de um ou vários indivíduos que nem sempre formam uma família, mas podem funcionar como um clã mais ou menos fechado.

Fala que a experiência é fruto de uma tradição cultural, linguística, histórica, não se restringindo a algo empírico ou vivido. E que há um lado subjetivo e reflexivo nela, que se reflete, por exemplo, na vinculação a uma certa tradição oral, quando se trata de um escritor. Exemplifica com o uso que ele próprio faz de “curumim”, em *Dois irmãos*, ao invés de “piá” “guri” ou “moleque”.

Depois responde sobre a busca das origens, que podemos identificar em seus dois primeiros romances de forma bem clara no discurso dos narradores. Hatoum afirma que não acredita em origens bem delimitadas, e que sua busca se foca mais na tematização do encontro e desencontro, estes sim verdadeiros motivos literários.

Repetindo Manuel Bandeira, Hatoum afirma que o passado só existe realmente quando pulsa no presente e que o momento histórico pode ou não aparecer numa ficção. O importante é o impasse moral, segundo ele “o verdadeiro destino da narrativa” (FRANCISCO, 2004, p. 359).

A pergunta seguinte questiona a escolha de personagens descentrados, sem lugares definidos na família, como narradores de seus romances. Hatoum responde que essa escolha pode ter a ver com as rupturas sucessivas pelas quais passou a sua própria vida, que criaram um sentimento de não pertencer totalmente a uma única região brasileira. Contudo, essa afirmação se choca com a ambientação preferencial de seus romances em Manaus, e até com a escolha de personagens e narrador entre habitantes originários do norte do Brasil.

Esta entrevista retoma muitos temas já elencados na primeira que apresentamos, de 1993, a saber: a importância da memória como fonte de composição ficcional; a ligação ao Amazonas e norte do Brasil como *locus* preferencial de suas histórias; a focalização em dramas familiares, narrados por personagens que viveram à margem da família principal; a referência à história como pano de fundo das narrativas e o trabalho com o ir e vir do tempo, configurado e apresentado pelo narrador em conversa com outras vozes presentes que jogam luzes e sombras na história narrada.

Na entrevista concedida a Francismar Barreto e outros estudiosos de sua obra, também publicada na *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Hatoum afirma ter dado voz a narradores-personagens que se situam numa fronteira social e que só se deu conta disso quando estava escrevendo *Cinzas do Norte*. Afirma, ainda, que muitos leitores só veem melancolia e amargura no desfecho dos romances, mas há uma saída, que passa pela possibilidade da escrita (BARRETO et al., 2006, p. 141-142).

Com relação ao exotismo, Hatoum afirmará que “o verdadeiro exotismo é o que surpreende e possibilita colocar questões sobre a alteridade e, ao mesmo tempo, sobre nossa própria identidade” (BARRETO et al., 2006, p. 144). Esse exotismo é o praticado por Milton Hatoum, que traz à baila personagens, expressões e ritmos próprios da Amazônia e do certo oriente que habita o norte brasileiro. Aliás, nesta entrevista o autor afirma que a representação do amazônico se aproxima daquela que o ocidente faz do oriente.



#### 4 A PATERNIDADE EM *DOIS IRMÃOS*

*Dois irmãos*, segundo romance de Milton Hatoum, à semelhança do primeiro, *Relato de um certo Oriente*, é uma narrativa construída em torno de uma família árabe, habitante de Manaus, cujas construções e desconstruções afetivas e materiais nos são desnudadas a partir da voz de um narrador que é parte da família, mas ocupa um lugar secundário em relação aos personagens principais.

Igualmente, este romance foi objeto de diversas análises, que se debruçaram sobre a influência oriental, sobre o exótico originário da combinação desta influência com o mundo amazônico, sobre a narrativa construída a partir da memória e do esquecimento, sobre os ecos de Esaú e Jacó, o bíblico e o de Machado de Assis, no texto. Contudo, pouco ou nada foi trabalhado a partir da perspectiva das relações paternas no romance.

Em termos de estrutura narrativa, o romance inicia - como ocorrerá também em *Cinzas do Norte* - remetendo para seu desfecho. Já nas primeiras páginas, o leitor é informado que Zana teve de abandonar a casa e o bairro que para ela tanto significavam. Fica sabendo, igualmente, da morte do marido e do pai da personagem e do sumiço de Omar, o filho querido. O narrador nos informa que fazia parte desse mundo familiar, e que o grande sonho de Zana era a reconciliação dos filhos, que não ocorre.

Esse início apresenta os grandes veios narrativos do romance que, em uma estruturação temporal de idas e vindas e encaixes, vão aparecendo e se interconectando a partir da memória do narrador, recheada por conversas que ele teve com Halim, seu avô, em um jogo de lembranças e esquecimentos que lhe dava prazer. Tzvetan Todorov, em uma entrevista recente, afirma que “Olvidamos por necesidad, si no sería imposible: un internet, un Funes el memorioso. Sin olvido, no hay memoria” (TODOROV, 2015, p. 16).

A narração focada na memória de um ou mais narradores é uma marca de Milton Hatoum. *Relato de um certo Oriente* é composto por uma miríade de vozes que vão constituindo a história da família de Emilie. *Cinzas do Norte* também se constrói a partir das lembranças de Ranulfo e sobretudo de Lavo, amigo do protagonista Mundo e que, à semelhança do que vemos em *Dois irmãos*, é um “agregado” da família cujas relações e desavenças serão o motivo maior da narrativa. *Órfãos do*

*Eldorado* é o relato da vida do narrador-protagonista a um interlocutor não identificado e mudo.

Todorov afirma, contudo, que a memória é infiel: “Reconstruimos y nos atribuimos un papel que no es el que tuvimos, sino el que habríamos querido tener.” (TODOROV, 2015, p. 18). Mesmo assim, diz que o “cómo la [situación] vivía la gente” aparece principalmente a partir de relatos baseados na memória, ficcionais ou não, muito mais do que em relatos históricos. O teórico segue afirmando que a força desses relatos memorialísticos é conseguir tocar uma verdade profunda da história ou do ser humano, muito mais do que aportar informações sobre tal ou qual sociedade, época, estado, grupo religioso ou étnico. A construção narrativa baseada na memória foi objeto de inúmeros estudos sobre a obra de Milton Hatoum, tal a sua força como elemento constitutivo de seus romances<sup>10</sup>.

A análise a partir do viés da paternidade imediatamente nos remete à história do narrador Nael, cuja busca por saber qual dos homens da casa era seu pai constitui um dos *leit motiv* da narrativa. Ou, então, à do pai dos gêmeos, irmãos que dão título ao romance, que passou a vida tentando evitar o pior entre os filhos.

Entretanto, à medida que aprofundamos a análise, aparecem diferentes relações paternas, algumas bem problemáticas, outras muito felizes, pois as filhas ainda trazem em si marcas importantes dos personagens que foram seus pais.

Começaremos por estas paternidades felizes. A primeira à qual faremos referência é a de Galib, pai de Zana. Após a morte da mãe da menina, Galib desempenhou os papéis de pai e mãe, zelando pela filha até o casamento desta com Halim.

Os dois vieram para o Brasil, onde Galib abriu um restaurante, o Biblos, nome da cidade em que Zana nascera, que se tornou ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos em Manaus. Galib, um exímio cozinheiro em

---

<sup>10</sup> *Os despojos da revolta*, de Fábio de Souza Andrade; *Memórias compõem meu chão literário*, de Ubiratan Brasil; *Narrar o passado, recriar o presente: a escrita de si em Milton Hatoum*, de Daniela Birman; *Memórias e histórias: a teia narrativa no romance Dois Irmãos de Milton Hatoum*, de Caldeira; *Memórias de um Certo Relato*, de Maria da Luz Pinheiro de Cristo; *Fronteiras da memória na ficção de Milton Hatoum*, de Maria Zilda Ferreira Cury; *Morrer em Manaus: os avatares da memória em Milton Hatoum*, de Francisco Foot Hardman; *Tempo e memória, literatura e história. Alguns apontamentos sobre Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar e *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, de Francine Jegelski; *Memória e identidade nos romances de Milton Hatoum*, de Sylvia Helena Telarolli de Almeida Leite; *Os Labirintos da Memória em Orfãos do Eldorado de Milton Hatoum*, de Vivian de Assis Lemos e Diana Junkes Toneto; *A Constituição da Memória em Benedicto Monteiro e Milton Hatoum*, de Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja; *Memória e identidade – uma leitura do romance Dois irmãos de Milton Hatoum*, de Nádia Regina Barbosa da Silva.

sua terra natal, cativou os clientes com uma culinária em que misturava ervas e temperos orientais com peixes amazonenses. Halim passou a frequentar o restaurante e logo se enamorou de Zana, então uma menina de quinze anos. Zana era o braço direito do pai no restaurante, ajudava-o a servir os clientes e sempre o acompanhava; Galib era seu amigo e companheiro. Quando Halim se declara a ela declamando os dísticos, poemas apaixonados, criados por Abbas, ela busca abrigo junto ao pai, que vai respeitar o tempo e a decisão da filha. Inclusive afastará as cristãs maronitas que tentavam dissuadir Zana, pois Halim era muçulmano e pobre. “Que deixassem sua filha em paz” (HATOUM, 2000, p. 52), disse ele. Ao invés de influenciar na decisão da filha, Galib protege-a para que decida sozinha e de acordo com seu desejo, atitude diferente do que se esperaria para um pai que, em termos temporais e espaciais (início do século XX, no norte do Brasil), deveria estar alinhado à figura do patriarca, isto é, um pai afastado afetivamente da prole e cujas ações apontariam para uma relação explícita de poder, na qual o pai determina e os filhos obedecem.

Assim, já no início de *Dois irmãos* presenciamos uma relação paterna diversa da figura do patriarca tradicional, e uma estrutura familiar em que a figura da mãe é absorvida pelo pai sem problemas ou lamúrias, de forma natural e afetivamente completa.

Após a decisão da filha de se casar com Halim, Galib prepara uma festa conforme aos desejos dela e, depois, acatando sua sugestão, viaja ao Líbano, onde acaba morrendo. Ao saber da morte do pai, Zana se desespera. Uma prova importante do amor que unia pai e filha é a reação de Zana “Chorava que nem uma viúva. [...] Duas semanas trancada no quarto, duas semanas sem dormir com o Halim. Gritava o nome do pai, atordoada, fora de si, inacessível” (HATOUM, 2000, p. 56).

Outra prova de quão importante Galib era para ela, é a indicação para que ninguém entrasse no galinheiro do pai, nem para limpá-lo, “pode dar azar” (HATOUM, 2000, p. 204), Zana dizia. O mesmo galinheiro em que ela, já viúva e morando com a filha Rânia, “[...] estava deitada sobre folhas secas, o corpo coberto com a roupa de Halim, a mão do braço engessado já arroxeadas” (HATOUM, 2000, p. 254), como que buscando a proteção do pai, agora que não tinha mais Halim, nem Omar, o filho que ela mimara a vida toda. Esconder-se ali pode apontar, metaforicamente, para um retorno às origens uterinas, no caso a um “útero” paterno, como um lugar em que a pessoa se sente segura e livre das vicissitudes que a realidade apresenta.

A outra paternidade cujas lembranças são retomadas positivamente é a de Domingas. Nael não conheceu o avô materno, cuja morte, inclusive, foi a razão de Domingas ter sido separada do irmão e entregue ao orfanato das religiosas de Manaus, pois já era órfã de mãe. Contudo, sua melhor habilidade, de escultora de pequenos animais, que tomavam vida em suas mãos, ela herdou do pai, que também fazia esses brinquedos para os filhos. Quando fala do pai, ela evidencia o amor que nutria por ele que, à semelhança de Galib, também desempenhou os papéis de pai e mãe para ela e o irmão.

Com a morte do pai, seu protetor, terá início a parte triste da vida de Domingas. A vida anterior é simples, mas feliz. Ela tinha amor e proteção do pai, com quem contava: “Chorava quando se lembrava do pai, dos bichinhos de madeira que fazia para ela, das cantigas que cantava para os filhos” (HATOUM, 2000, p. 76). É interessante, igualmente, quando Nael afirma que, ao esculpir, Domingas se libertava da vida de submissão: “Era tudo o que restara dela, do trabalho que lhe dava prazer: os únicos gestos que lhe devolviam durante a noite a dignidade que ela perdia durante o dia” (HATOUM, 2000, p. 264). Esse ofício, que a irmanava ao pai, era o que a fazia livre e senhora de seu destino. Interessante, por ser também o momento em que ela saía do presente e revivia, pela memória da prática, sua identidade anterior à vida no orfanato de Manaus e na casa de Zana.

Histórias semelhantes das duas mulheres (Zana e Domingas) para quem as figuras paternas funcionaram como referenciais positivos. Dois homens (Galib e o pai de Domingas) de origens e classes sociais diferentes, em um momento histórico em que ainda preponderava no Brasil a figura do patriarca desenhada por Gilberto Freyre, configuram-se na narrativa ao lado de situações em que há a negação da paternidade, efetiva (nem Omar nem Yaqub assumem a paternidade biológica de Nael) ou afetiva (a de Halim com relação a Omar). Essa configuração das figuras paternas corrobora a complexidade que marca as obras de Milton Hatoum, em que não há leituras fáceis ou unívocas, de nenhum dos personagens ou situações.

Já Halim faz apenas uma referência ao pai, quando conta a Nael que não conheceu nem o pai, nem a mãe, e que veio ao Brasil com um tio que o abandonou em um quarto de pensão. Ou seja, sua família se resumia à que ele criara com Zana, composta pelos dois, os três filhos, Nael e Domingas, como agregados.

Entretanto, Halim pedirá a Domingas para dar o nome do seu pai ao neto, Nael. Essa escolha – uma homenagem ao pai – comprova algo que não é dito na

narrativa: mesmo sem tê-lo conhecido, Halim teve vontade de ver seu nome em uma outra pessoa de sua família, o que remete inclusive, a uma prática das famílias árabes<sup>11</sup>. O romance não aprofunda essa relação, e o que podemos fazer são suposições. Todavia, a insistência de Halim para Domingas colocar no bebê o nome do seu pai é um bom indicador de que existia ligação entre os dois, mesmo sem o convívio.

A paternidade de Nael, embora constitua aparentemente a razão que o leva a construir seu relato, à medida que a narrativa vai sendo composta, deixa de ser importante. Mais do que ter certeza sobre qual dos gêmeos, Omar ou Yaqub, é seu pai, importa o testemunho desse narrador, que se sabe membro da família, conhece sua diferença com relação aos filhos de Zana e Halim, mas é o depositário dos segredos da casa e o interlocutor privilegiado de Halim, que nunca dividiu sua vida com os filhos como fez com Nael:

A intimidade com os filhos, isso o Halim nunca teve. Uma parte de sua história, a valentia de uma vida, nada disso ele contou aos gêmeos. Ele me fazia revelações em dias esparsos, aos pedaços, 'como retalhos de um tecido'.

[...]

Assim viveu, assim o encontrei tantas vezes, pitando o bico do narguilé, pronto para revelar passagens de sua vida que nunca contaria aos filhos (HATOUM, 2000, p. 51-52).

E esse testemunho é composto pelas lembranças (e esquecimentos) do próprio Nael, somadas às lembranças de suas conversas com Halim, com sua mãe, Domingas, e esparsamente com os três irmãos.

Acreditamos que o segredo da paternidade de Nael não é seguido pelo anúncio<sup>12</sup> de qual dos gêmeos era seu pai porque no fundo não importa sabermos quem é seu pai. Yaqub e Omar funcionam como personas complementares. Juntos, compõem um personagem complexo; separados, por vezes aparecem como caricaturas.

<sup>11</sup> A tradição árabe, nem sempre cumprida à risca, estabelece que o primogênito (do sexo masculino) receba o nome do avô paterno, quase sempre seguido do nome do próprio pai (BRIDI, 2011).

<sup>12</sup> Perrone-Moysés (2007) afirma que *Dois irmãos* é construído com base no segredo e no anúncio. Ressalta que existem três segredos. "O primeiro é a própria identidade do narrador. O segundo é o de sua origem paterna. O terceiro é urdido na própria trama narrativa, pelos anúncios de um desenlace que só conheceremos nas últimas páginas. Encantos da narratividade e da fabulação, que vinha perdendo espaço para o experimentalismo da modernidade".

Enquanto os filhos eram crianças, Halim os tratou de forma equivalente, chamando sempre a atenção da mulher para a diferença de afeto que ela dispensava aos gêmeos. Omar, o Caçula, era seu preferido, e desde pequeno era tratado diferentemente de Yaqub. Zana cuidava dele e deixava Yaqub com Domingas, que acabou desempenhando um papel materno com a criança. Enquanto Zana levava Omar a clubes e passeios, Domingas se encarregava de Yaqub, com quem andava pela cidade, passeava pelo porto. Já na infância, vai se desenhando o afastamento entre mãe e filho, que só se aprofundará com o passar do tempo. Yaqub não perdoa na mãe a parcialidade com que ela trata o irmão, justificando todos seus erros e estimulando a vida sem rumo que Omar levava. Não perdoou, igualmente, a decisão dos pais de mandarem ele, Yaqub, para o Líbano enquanto o irmão, que o agredira, ficava em Manaus. Não perdoará, finalmente, o irmão por tê-lo ferido e deixado em seu rosto uma cicatriz que o acompanhará para sempre e que, quando tocada, fará reviver toda sua mágoa e sofrimento:

Ele só parou de rir quando Domingas, por distração, roçou-lhe a cicatriz com os dedos. [...] Nunca deve ter se conformado com esse traço estranho na face esquerda, que ele logo tratou de cobrir com a palma da mão. O rosto se contraiu e o olhar ficou desnordeado, aflito (HATOUM, 2000, p. 194).

No entanto, estamos longe de uma leitura maniqueísta do caráter dos gêmeos, muito ao gosto da tradição judaico-cristã e dos mitos ameríndios (MELLO, 2012). Ambos os contextos apontam e revivem na figura dos gêmeos a rivalidade e a quase impossibilidade da vida compartilhada temporalmente. Ao mesmo tempo em que foi secundarizado no amor materno, ferido pelo irmão, Yaqub era o preferido do pai, que não cansava de elogiar a inteligência e autonomia do filho. Todavia, era também o indivíduo que concordava com o governo militar - orgulhava-se de ser oficial da reserva -, voltava suas energias para angariar dinheiro e poder, planejou detalhadamente a ruína de Omar, e não perdoou a mãe. Como dirá Nael, “minhoca que se quer serpente” (HATOUM, 2000, p. 61).

Inclusive, é o responsável pela derrocada final de Omar, que será caçado pelos policiais e preso. Sua irmã Rânia e os amigos da família Cid Tannus e Talib lhe escrevem pedindo para perdoar o irmão, sem obterem resposta. Aos poucos todo seu plano foi sendo descoberto por Rânia: de São Paulo, Yaqub coordenava a perseguição a Omar, e não descansou enquanto o irmão não foi capturado e colocado

em uma prisão. A irmã lhe escreveu acusando-o de ser o mais bruto, o mais violento, afirmando que a vingança é mais patética do que o perdão, devolvendo-lhe todos os presentes que Yaqub lhe dera e cortando relações com este irmão.

De personalidades muito diferentes, teria sido fácil erigir duas figuras maniqueisticamente opostas: um o racional, que conseguiu fazer sucesso em São Paulo, amear fortuna, casar com a mulher que escolhera, enfim, ter uma vida de acordo com os padrões burgueses e conforme à ordem militar então vigente no país. O outro, totalmente movido por suas emoções e desejos, não abria mão de experimentar tudo o que quisesse, não conseguiu terminar estudo algum, era refém da mãe e não se envergonhava de viver à custa de outros.

O mais interessante, todavia, foi esse ser apaixonado mostrar-se solidário a Antenor Laval, professor preso e assassinado pelas forças da repressão, e não ter tido medo de deixar escrito em tinta vermelha um dos versos do professor quando da manifestação em repúdio à ação militar. Enquanto isso, Yaqub nos é apresentado como uma metáfora do país do milagre econômico, que crescia e progredia ignorando a situação política e a falta de liberdade que grassava no Brasil.

Hatoum é considerado um dos mais políticos autores de sua geração (LOPES, 2008). Isso é bastante interessante de observar quando analisamos seus romances e vemos que recriar um momento histórico ou defender uma postura libertária frente ao autoritarismo militar não constitui a intenção explícita de suas obras. Ambas as situações acabam ocorrendo nos dois romances que analisamos, porém como pano de fundo dos dramas familiares, estes sim a coluna vertebral de suas criações.

Em *Dois irmãos*, a ditadura militar aparece de forma clara nas referências à repressão política, que acaba assassinando o professor Laval por suas ligações anteriores (de forma breve, ficamos sabendo que Laval tornou-se o dândi decadente que passeia pela narrativa como professor de francês do Liceu Rui Barbosa em consequência da decepção amorosa que teve após uma reunião secreta no Rio de Janeiro em função de suas ligações com o partido comunista e que ele, inclusive, já tinha ido a Moscou), e na ocupação de Manaus por comboios militares, em seguida à morte de Laval. Entretanto, ao invés de aprofundar a apresentação do momento histórico, a cena em que há esse “desfile” de veículos militares é transformada em situação familiar: Nael passa mal, desmaia e recebe atenção especial de Yaqub, Domingas e Halim, enquanto Omar – que também estava doente –, fica esquecido, atendido apenas por Zana. É uma cena importante na narrativa, pois é o aniversário

de 18 anos de Nael, que entra na maioria definitivamente como integrante da família. Inclusive será nesta visita que Yaqub se aproximará de Nael, conversará com ele, lhe mostrará os projetos que desenvolve e lhe prometerá uma viagem a São Paulo, quando lhe mostrará o mar. Embora essa última promessa não tenha se concretizado, Yaqub se preocupará em garantir para Nael o espaço que ele ocupara com a mãe durante toda a vida: ao vender a casa materna, o espaço de Nael é preservado. Como o próprio narrador afirmará, “Soube depois que Yaqub quis assim; quis facilitar minha vida, como quis arruinar a do irmão” (HATOUM, 2000, p. 256).

Yaqub é apresentado como metonímia do país: “Yaqub e o Brasil inteiro pareciam ter um futuro promissor” (HATOUM, 2000, p. 41). E nessa figura de linguagem, pelo avesso, vemos Omar: é um ser que aparenta liberdade, mas não consegue nem viver com a mulher que escolheu. Vende sua liberdade pela possibilidade de não trabalhar, poder farrear à vontade e ter as mulheres da casa a seu dispor. Como o Brasil da época, não tem saída.

Segundo Sussekind (1985, p. 25), mais do que proibir, a censura do período militar obrigou os artistas a falarem uma única voz, produzir em determinado sentido. Podemos traçar um paralelo desta atitude autoritária ao que Zana exercita em sua casa: Omar pode reinar e ter seus desejos prontamente atendidos desde que não intente ser livre e fazer suas escolhas. Assim, Zana, mais do que Halim, acaba configurando e se assemelhando ao poderio autoritário do governo militar que, sob a capa do cuidado com a população, desejava que o povo brasileiro acatasse suas ordens e orientações. Só assim seríamos felizes; só assim Omar seria feliz.

Esse “filhinho da mamãe” só pode usufruir dos benefícios da casa se for subjugado e obediente. E nessa constelação familiar, não há lugar para o relacionamento com o pai, pois Halim quer um filho autônomo e que busque seu caminho, construído de forma a que ele amadureça e consiga viver de acordo com suas escolhas. Halim diz a Nael que Omar era covarde, e que sua volta para casa já estava anunciada, quando lhe conta o episódio do filho com a Pau Mulato, sua segunda paixão. O pai chega a pedir claramente a Zana para deixar Omar viver a vida que escolhera, mas ela está surda para quaisquer argumentos que contrariem sua vontade de ter o filho a seu lado. É a mãe que sabe o que é melhor para o filho, assim como os militares acreditavam saber o que era melhor para o Brasil.

Interessante, contudo, que Yaqub, que consegue fugir ao jugo materno, seja aproximado, na narrativa, à ideologia militar, confiante na ordem e no progresso.

Embora consiga construir uma vida à distância e independente da mãe e do pai, Yaqub replica os valores burgueses que norteavam a sociedade brasileira na época. Não questiona nem o poder do Estado, nem o poder interno à família. Ao contrário, em ambos os contextos, para Yaqub, há os que mandam e devem ser obedecidos sem questionamentos. No caso específico de Omar, quem manda na família é Zana, mas a única pessoa que ele teme e respeita é o pai. Quando o filho leva uma de suas “princesas” para casa, Halim o esbofeteia e prende Omar à maçaneta do cofre; durante dois dias, ele comeu e fez suas necessidades ali. Algo semelhante ocorrera na infância dos gêmeos quando Omar ameaçara bater no irmão e o pai ordenou-lhe que fosse para o quarto e só saísse quando ele chamasse, e foi prontamente obedecido.

Halim destoa do contexto sócio-histórico de fundo por não encarnar o poder autoritário, do *pater familias* clássico. Ele quer ser livre para usufruir da vida com Zana. E não vê no sucesso e acumulação financeira um objetivo de vida. Ou seja, não compartilha os motivos que movem Yaqub na vida, ao contrário, questiona-os. Quando os militares invadem Manaus sob o pretexto de instaurar a nova ordem, ele reclama, enquanto Yaqub retruca ser necessário que alguém ocupasse os terrenos baldios da cidade:

‘Eles estão por toda a parte’, disse, abraçando o filho. ‘Até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados...’  
 ‘É que os terrenos do centro pedem para ser ocupados’, sorriu Yaqub.  
 ‘Manaus está pronta para crescer.’  
 Halim enxugou o rosto, olhou nos olhos do filho e disse sem entusiasmo:  
 ‘Eu peço outra coisa, Yaqub ... Já cresci tudo o que tinha de crescer ...’ (HATOUM, 2000, p. 196)

Seguindo a mesma trilha, diverge de Yaqub quanto à necessidade de expansão comercial da loja, pois para Halim o mais importante são os relacionamentos que ele construiu com seus amigos, que às vezes entravam na loja apenas para conversar e jogar, sem comprar coisa alguma.

Sem precisar falar explicitamente da repressão militar, Hatoum situa o momento sócio-histórico e o insere na narrativa por meio da relação entre Zana e Omar, muito mais do que na relação, que também é exploratória, entre Zana e Domingas. Domingas trabalha praticamente sob um regime escravocrata, mas tem proximidade afetiva com a família desde o início, quando rezava com Zana, passando

pelo exercício de uma maternidade delegada, com Yaqub, e chegando a ser a mãe do único neto de Zana e Halim, o narrador e único sobrevivente do grupo familiar. Essa relação é marcada por uma “brandura” muito presente nas relações profissionais no Brasil, sobretudo no Brasil pré-republicano, nas famílias patriarcais e regiões mais distantes do centro do poder, em que a falta de respeito profissional era obnubilada por um véu de “afetividade” e “cordialidade” já bem demonstrado por estudiosos da sociedade brasileira, como Holanda (1963).

A relação paterna principal do romance é entre Halim e os filhos. Em uma de suas conversas com o neto, ele diz que não queria filhos, mas que Yaqub e Rânia não tinham atrapalhado sua vida, ao contrário de Omar. E o relacionamento com este filho será intenso e impossível durante toda a narrativa.

Desde o início, as falas no romance apontam para uma relação conturbada entre Halim e Omar, pois, desde seu nascimento, Omar foi objeto de amor e atenção doentios por parte da mãe, em função de uma doença que o Caçula contraiu e que, segundo Zana, quase o matou. Com essa desculpa, ela transformou Omar em seu noivo cativo<sup>13</sup>, um ser infantilizado e que deveria se dedicar apenas ao amor da mãe. Essa dupla situação – doença doentia da mãe e imaturidade perpétua do filho – afastou progressivamente o pai de Omar, pois Halim não concordava com o tratamento dado por Zana ao filho e não aguentava vê-lo levando aquela vida dissoluta. Conversando com Nael, Halim fala: “Omar já era um homem, não fazia sentido ele morar em casa, com os pais, se estragando com bebidas e putas.... Isso mesmo, se estragando... daqui a pouco vai adoecer, vai apodrecer, ninguém aguenta ver um filho ir para o buraco...” (HATOUM, 2000, p. 168-169).

Ou seja, Halim tinha preocupação com a criação do filho, mas se sentia impotente frente à influência acachapante de Zana. Já com Yaqub o quadro é muito diferente. Desde os primeiros capítulos, fica clara a preferência de Halim por Yaqub, misturada à culpa que ele sente por ter mandado o filho sozinho para o Líbano. Com Rânia, o relacionamento do pai será menos tempestuoso. Dela virá a sucessão na loja e sua atualização aos novos tempos do país, auxiliada pela mão invisível do irmão paulista. De todo modo, a análise em separado da relação do pai com cada um dos filhos nos ajudará a perceber a diferença de tratamento.

---

<sup>13</sup> Essa designação para Omar foi feita por Lima (2007), em seu texto “A Ilha flutuante”, de onde tiramos a expressão.

#### 4.1 HALIM E OMAR

Quando Yaqub e Omar eram crianças, o pai não os tratava diferentemente. Pelo contrário, chamava a atenção da mulher em função do tratamento diferenciado dos gêmeos. Omar era mais intrépido e bagunceiro, enquanto Yaqub era mais tímido e medroso. Isso só incomodava o pai quando interferia em seu relacionamento com Zana, ao qual ele gostaria de ter dedicado todas suas energias.

Contudo, com o crescimento dos filhos a diferença entre os gêmeos foi se acentuando, e a preferência do pai se evidenciando. Omar era “transgressor dos pés ao gogó”, o que irritava Halim, que odiava inclusive sentir o cheiro do filho: “Num dia em que o Caçula passou a tarde toda de cueca deitado na rede, o pai o cutucou e disse, com a voz abafada: ‘Não tens vergonha de viver assim? Vais passar a vida nessa rede imunda, com essa cara?’” (HATOUM, 2000, p. 33).

Essa passagem do início do romance já aponta sinais importantes que se aprofundarão: o pai fala com Omar com a voz abafada e usa “vergonha”, “rede imunda”, palavras que demonstram o desprezo que ele nutre pela vida que o filho leva. No mesmo parágrafo, o narrador faz referência às duas reprovações escolares de Omar e à comparação que o pai fazia com o outro filho, cuja vida em São Paulo era acumular conquistas.

Na superfície, o Caçula não demonstrava incômodo com a atitude paterna, mas sempre que havia alguma situação crítica isso se evidenciava. Quando foi expulso do colégio dos padres e depois de ser caçado pela mãe no episódio em que tentara viver sua vida independentemente, Omar faz referência ao fato de Yaqub ser o filho querido do pai:

Quando entrei em casa, vi que ele procurava o pai no andar de cima, no banheiro, por toda a parte. [...] O Caçula continuou a destroçar tudo com fúria: arrastou cadeiras, quebrou as molduras dos retratos do irmão, e começou a rasgar as fotos; rasgava, pisoteava e chutava os pedaços de moldura, bufando, gritando: ‘Ele é o culpado... Ele e meu pai... Por onde anda o velho? Por que não aparece para elogiar o engenheiro... o gênio, o cabeça da família, o filho exemplar... a senhora também é culpada ... vocês deixaram ele fazer o que queria ... casar com aquela mulher ... dois idiotas...’ (HATOUM, 2000, p. 172).

A longa citação se justifica por evidenciar a mágoa contida durante toda uma vida. Na verdade, enfraquecido por ter sido capturado e não ter tido forças para reagir e continuar vivendo sua vida com a mulher que amava, Omar mostra a sombra que

angustiava o galã notívago: ele inveja a vida e liberdade do irmão que, aparentemente mais fraco, conseguira o que ele - pela segunda vez - estava perdendo: ser dono do próprio destino, viver a vida com a mulher que escolhera e do jeito que fosse possível. Ou seja, ser independente, desligar-se dos laços maternos. O ser que nasce dessa segunda derrota, “nunca mais ousou entregar-se a mulher nenhuma. [...] Tornou-se meio infantil, envelhecido. [...] Plantava-se no alpendre tal um animal acuado, esquivando-se do contato humano” (HATOUM, 2000, p. 178-179).

O narrador reforça a fala paterna com relação a Omar, qualificando-o de fraco, alguém que se deixava inebriar com a libertinagem de Manaus e de seus inferninhos. Todavia, essa passagem vem logo após Nael comparar Yaqub ao país, afirmando que ambos pareciam ter um futuro promissor. Sabendo da atitude deste gêmeo com relação aos militares - que pode ser qualificada, no mínimo, de conivência, se não de adesismo -, das falas do próprio Yaqub corroborando atitudes autoritárias tomadas pelos militares em Manaus e sua proximidade com os endinheirados do momento em São Paulo, e conhecendo a postura crítica face ao governo militar que Hatoum demonstra em diversas entrevistas, somos obrigados a relativizar a avaliação que poderia ser feita de imediato qualificando Omar de decadente e detentor apenas de valores negativos e Yaqub, do seu oposto.

Assim, ao identificar Yaqub como simpatizante dos militares, o autor implícito deixa clara sua intenção de problematizar a personagem, para que não houvesse uma identificação rasa de Omar com o mal e de Yaqub, com o bem.

Em termos narrativos, embora exista no romance maior número de passagens que desqualificam Omar, identificando-o como um fraco frente aos desígnios maternos e aproveitador do trabalho alheio, a complexificação do caráter dos personagens atribui mais verossimilhança à narrativa, distanciando-a do texto bíblico e dos mitos ameríndios. Além disso, enquanto Yaqub chega a Manaus em plena “ocupação militar”, qualificando-a positivamente, Omar é o personagem mais corajoso no ato de protesto contra o assassinato do professor Laval pelas forças da repressão.

O desentendimento entre Halim e Omar não é consequência apenas da quebra das expectativas paternas por parte do filho. Desde pequeno, ele foi quem mais desestabilizava o pai com suas peraltices, o que foi se aprofundando na adolescência, levando Domingas a afirmar a Nael: “Os dois nunca se entenderam” (HATOUM, 2000, p. 77).

Porém, sempre que voltava das noitadas e era atendido por Zana e Domingas, ele deixava claro que “O que ele mais queria era a presença do pai. Halim raramente descia. Ele pigarreava, acendia a luz, víamos a sua sombra alongada, imensa na parede de cima” (HATOUM, 2000, p. 89). Assim como ocorrerá com o personagem Mundo em *Cinzas do Norte*, apesar de haver uma total impossibilidade de convivência com o pai, Omar quer o amor e reconhecimento paternos. Desejo que se mostrará de forma agônica no episódio da morte de Halim:

Começou a gritar, criança incendiada de ódio ou de algum sentimento parecido com o ódio. Gritava, fora de si: ‘Ele não vai acorrentar o filho dele? Não vai passar a mão no rosto suado? Por que ele não se mexe e fala comigo? Vai ficar aí com esse olhar de peixe morto?’

[...]

Omar nos surpreendeu com seu gesto irado, o dedo em riste apontado para o rosto de Halim, para os olhos quase fechados, sem vida, do pai cabisbaixo. [...] O viúvo Talib chegou a tempo de evitar um confronto entre o filho vivo e o pai morto (HATOUM, 2000, p. 217-218).

Ao reagir de forma enlouquecida, tentando atacar uma pessoa morta, gritando impropérios, Omar escancara a mágoa que nutriu a vida inteira com relação ao pai. Mesmo sendo o preferido da mãe e podendo fazer toda a esbórnica que quisesse sem trabalhar nem se preocupar com nada, não era feliz. Ele se sentia enjeitado pelo pai, que só tinha olhos para Yaqub e Rânia, e nunca deu a Omar a atenção que este desejava.

Apesar de ter sido o mais corajoso desde a infância, Omar se sente diminuído quando se compara a Yaqub, pois este conseguiu se libertar do jugo materno, jugo que teve um preço na vida de Omar: abrir mão da liberdade pessoal e do que ele gostaria de ter feito. Quando ele diz que os pais deixaram Yaqub definir os rumos que tomaria na vida, pelo avesso os está culpando por ser fraco e não conseguir reagir aos “ataques” maternos e paternos.

A referência a Omar, feita por Halim ou por Nael, em geral se vale de palavras e expressões que denotam um ser decadente e opaco (palavra usada pelo narrador). E esta opacidade é mais evidenciada pelo brilho que todos identificavam em Yaqub:

Os religiosos sabiam que o ex-aluno tinha futuro; naquela época, Yaqub e o Brasil inteiro pareciam ter um futuro promissor. Quem não brilhou foi o outro, o Caçula, este, sim, um ser opaco para padres e leigos, um lunático, alheio, inebriado com a atmosfera libertina do Galinheiro dos Vândalos e da cidade (HATOUM, 2000, p. 41-42).

Ao comparar este momento da história do país, que antecedeu o golpe militar, a Yaqub, o narrador amplia a áurea positiva que cerca o personagem, pois os governos que antecederam o golpe, sobretudo o de Juscelino Kubitschek, foram governos com apoio popular, apesar das críticas da oposição relacionadas aos gastos com a construção de Brasília.

Omar é apresentado como alguém que permanecerá imobilizado em uma Manaus que nem de longe podia ser comparada à São Paulo desenvolvimentista. Ele, que sempre fora o irmão corajoso, quedava-se paralisado frente à decisão do irmão, que inclusive saía da casa paterna sem aceitar ajuda financeira. Isto é, a conquista de Yaqub não terá equivalente em Omar, nem nesse momento enquanto ambos são jovens, nem mais tarde, ao se tornarem adultos. A perplexidade e imobilidade que tomam conta de Omar são significativas do que virá mais à frente na vida de ambos, pois enquanto Yaqub aprofunda e coleciona vitórias, Omar passará toda sua vida recebendo dinheiro da mãe e da irmã, não constituirá família, nem terá um trabalho fixo.

Sofria com a decisão de Yaqub. Ele, o Caçula, ia permanecer ali, ia reinar em casa, nas ruas, na cidade, mas o outro tivera a coragem de partir. O destemido, o indômito na infância, estava murcho, ferido, 'Ele queria sair da sala, mas não conseguia', disse-me Domingas (HATOUM, 2000, p. 42-43).

A partida do irmão, decidida pelo próprio e contrariando os desígnios maternos, acaba funcionando como símbolo da impotência do Caçula, que sempre tinha se considerado mais corajoso do que Yaqub. Além disso, mesmo sabendo que sentiria saudades, Halim estimulava a ida do filho: "O pai concordava, sem ânsia. Sonhava com um futuro glorioso para Yaqub, e isso era mais importante que a volta do filho, mais forte que a separação. Os olhos acinzentados de Halim se acendiam quando dizia isso" (HATOUM, 2000, p. 45).

Omar nunca de desvencilhará verdadeiramente da presença de Yaqub. Aparentará indiferença, mas sempre que o nome do irmão aparece na família, ele faz de tudo para chamar a atenção para si, tentando fazer com que os demais esqueçam o irmão. Debalde: "Quando Rânia beijava as fotos do irmão ausente, Omar fazia umas macacadas, se exibia, era um contorcionista tentando atrair a atenção da irmã. Mas a lembrança de Yaqub triunfava" (HATOUM, 2000, p. 62).

Nael também detesta o convívio com Omar, pela desestabilização na rotina da casa, pelos excessos de trabalho para ele e Domingas, pelas grosserias que Omar fazia com ele e com sua mãe. E Halim sempre defenderá Nael, mesmo contra Omar. Por exemplo, quando o filho diz para Nael sair da mesa porque ele quer almoçar, Halim retruca: “Não, come aí mesmo, essa mesa é de todos nós’. O Caçula bufava, depois se vingava de mim. Nunca suportou me ver estudar noite adentro, concentrado no quartinho abafado” (HATOUM, 2000, p. 88). Será Halim, igualmente, quem dará os trocados que garantirão o cinema de Nael nos domingos, quem dirá a Domingas que já era hora de o filho dormir separado dela, quem lhe dará pequenos presentes, mas sobretudo quem fará do menino seu fiel confidente e companheiro, dando-lhe mais substância para que posteriormente ele se torne o narrador da saga da família.

Em contrapartida ao tratamento dispensado a Nael, que a cada passo vai atribuindo importância ao personagem, Halim desqualifica cada vez mais Omar, comparando-o a um bicho sem muita coragem, quando fica sabendo de dois irmãos que viviam como casal em um barco encalhado. Novamente o pai ressalta nele apenas qualidades inferiores. Na sequência dessa passagem, ele diz a Nael:

‘Omar quer viver com emoção. Ele não abre mão disso, quer sentir emoção em cada instante da vida. A Zana pensou que o nosso filho...’  
[...] Eu também ... estava crente que ele tinha estudado um semestre inteiro num ótimo colégio e que depois ia poder entrar numa universidade. Nem São Paulo corrigiu o Omar! Aliás, nenhum santo nem cidade vai dar jeito nele.’ (HATOUM, 2000, p. 122).

Nesse momento, Halim contará a Nael o que ouviu de Yaqub sobre a estada de Omar em São Paulo, quando o filho lhe contou do roubo e dos desenhos obscenos que Omar fizera no álbum de casamento do irmão. Yaqub xingou o irmão de ladrão inúmeras vezes e ainda criticou acidamente as facilidades que os pais davam ao irmão: “Mimem esse crápula até ele acabar com vocês! Vendam a loja e a casa! Vendam a Domingas, vendam tudo para estimular a safadeza dele!” (HATOUM, 2000, p. 124). E nesse momento, Yaqub se despe da circunspeção que o caracterizava e explicita que nunca perdoou o irmão pela agressão na infância e deixa claro que vai se vingar de Omar, mais cedo ou mais tarde.

E esta promessa começa a se tornar realidade quando Yaqub joga Omar para escanteio no trabalho proposto por Rochiram, um indiano que viera a Manaus para construir um hotel. Esta traição de Yaqub (considerando que quem fez o primeiro contato com Rochiram foi Omar) dará ensejo à segunda agressão de Omar, agressão

que será, inclusive, a razão de ele ser preso, pois ao entrar no hospital onde Yaqub estava, para tentar “acabar o serviço” que começara ao bater no irmão na casa dos pais, haverá inúmeras testemunhas de seu ato. Yaqub deixará Manaus de madrugada, escondido, de forma a fugir de outra tentativa de agressão do irmão e, de São Paulo, decretará o expurgo de Omar. Este será caçado pela polícia e capturado, depois de errar cada noite em um esconderijo, e será deixado incomunicável na prisão. Quando Rânia consegue vê-lo, no julgamento, quase não o reconhece, tamanha é a deterioração física de Omar. Neste momento é que ela - que tentava protegê-lo, desempenhando o papel que Zana teria feito, mas compassiva também por saber o sofrimento que era imputado ao irmão - rompe definitivamente com Yaqub, a quem qualifica de anti-humano.

Antes dessa tentativa de trabalho fixo, Omar só havia exercido funções escusas ou ilegais. Mesmo quando se relacionava com a Pau Mulato e parecia que “[...] era um obediente às normas e regras do trabalho rotineiro” (HATOUM, 2000, p. 135), não exercia um trabalho honesto, estava contrabandeando diversos produtos e sua mulher agenciava meninas para os bordéis de Manaus.

Quando Omar mudou sua conduta com relação ao trabalho, Zana logo desconfiou. Segundo Halim, a mulher “Desistira de apaziguar os filhos, mas não de influir no destino de Omar, homem feito, mas cheio de arestas esquisitas” (HATOUM, 2000, p. 137). Ao narrar a história a Nael, Halim deixa clara sua decepção com Omar: “O filho de Halim: forte, viril, com todas, mas com a mãe se desmanchava em chamegos ou tremia como taquara verde” (HATOUM, 2000, p. 138). O pai explicita, ao conversar com o neto, que conhece o controle que Zana exercia na vida do filho e a inércia que obtinha como resposta. Até aquele momento, nada do que o filho fez abalou a fé da mãe em Omar, que só mudará de atitude após a morte do marido.

O pai conta a Nael que chegou a torcer para que Omar conseguisse reagir à mãe e fosse construir uma vida própria, com a mulher que escolhera. Omar conseguiu sair de casa, demonstrando mais uma vez a mágoa que tinha com relação ao irmão:

‘A senhora tem o outro filho, que só dá gosto e tem bom posto. Agora é a minha vez de viver... Eu e a minha mulher, longe da senhora...’ Ergueu a cabeça e gritou para o pai: ‘Longe do senhor também, longe dessa casa... de todos. Não venham atrás de mim, não adianta...’ (HATOUM, 2000, p. 145).

Porém, Omar não foi forte o suficiente. E Halim não vai perdoar a fraqueza do filho:

‘O filho da Zana! Vai e volta, bêbado de indecisão, um molenga no momento de soltar as amarras’, lamentou Halim. ‘Resistiu por um bom tempo, mas no fundo eu sabia que ele não ia conseguir. Tinha tudo nas mãos, no coração: o amor, uma mulher colossal... Tinha ouro puro, só faltou coragem. Mas bem que tentou. E como!’ (HATOUM, 2000, p. 146).

Halim critica a fraqueza no filho, mas reconhece que Zana sabe como subjugar as pessoas, inclusive se incluindo entre os que sempre fizeram tudo o que ela queria. Quando Omar volta para casa, depois de ter sido descoberto em seu ninho de amor com a Pau Mulato, quebra até o espelho adorado pela mãe. Grita, chuta, esperneia, mas se retrai quando Zana intervém:

[...] e quando ia erguer a mão, Zana interferiu, investiu contra ele armada do poder de mãe. Agora era a vez dela. Acuou o Caçula logo de cara, não ia admitir que o filho se embeixasse por uma mulher qualquer. ‘Isso mesmo, uma qualquer! Uma *charmuta*, uma puta!’ (HATOUM, 2000, p. 173).

O narrador ressalta que Omar volta para casa derrotado, ainda mais fraco do que antes, mas afirma que a mãe “dava-lhe tudo, desde que não se desgarrasse. Entre ambos não havia recompensa gratuita” (HATOUM, 2000, p. 177). Ou seja, há explicitamente um jogo de poder entre os dois; há quem mande (Zana) e quem obedeça (Omar), e quando essa ordem é desfeita, todas as forças são despendidas para que seja restaurada.

Novamente temos uma comprovação da autoridade patriarcal de Zana, que escolhe Omar como o filho sobre quem exercerá todo seu poder; talvez porque ele seja o único que se submete a seus desígnios. O interessante é notarmos que nem com Yaqub, nem com Rânia ela consegue ter o controle que tem - e exerce - sobre a vida do Caçula. Não coincidentemente, este é o filho apartado do pai, por pertencer integralmente à mãe. Contudo, em diferentes passagens fica claro que o amor materno não supre as carências de Omar; este deseja e sente falta do amor e interesse do pai, mas é impotente para tentar mudar este quadro: “No fundo Omar era cúmplice de sua própria fraqueza, de uma escolha mais poderosa do que ele; não podia muito contra a decisão da mãe, [...]” (HATOUM, 2000, p. 178).

Halim vai contar a Nael que ele acha que Zana direcionou o amor que tinha por Galib para Omar, e dirá que não suporta olhar para o filho: “Covarde... Nunca vai

saber...Não consigo nem olhar para ele...não quero escutar a voz dele...acho que nunca quis, me dá enjoão..." (HATOUM, 2000, p. 181). Nesta passagem, Halim é bastante duro ao explicitar o mal-estar que o filho lhe causava, inclusive físico. O pai, velho, ainda sente raiva e baba de ódio ao lembrar passagens da sua vida com o filho. Na verdade, quanto mais o tempo passa, mais o pai o despreza:

Uma única vez, na hora do almoço, vi o pai observar o filho cavar e remexer a terra, carregar sacos de folhas mortas, extenuar-se. Não senti pena dele. Comentou com amargura: 'É curioso como ele sua, como se esforça só para não sair de perto da mãe' (HATOUM, 2000, p. 208).

No entanto, mesmo desprezando o filho, em algumas poucas passagens, podemos perceber, em Halim, a vontade de mais proximidade com Omar. Por exemplo, quando ele comenta com o amigo Cid Tannus que o filho nunca lhe falara dos encontros nas boates "de quinta" que os dois frequentavam e onde por vezes se encontravam: "Nunca me falou desses encontros", disse Halim. 'Aliás, nunca quis conversar comigo. O Omar só tem língua para a mãe'" (HATOUM, 2000, p. 157). Se ele fosse totalmente alheio ao filho, não faria comentário sobre a distância que o filho lhe impunha; talvez nem a percebesse. Ao citá-la a Cid Tannus, ele dá indícios de que isso o incomodava e que poderia ter tido outro relacionamento com Omar, influenciando quem sabe na vida que o filho acabou levando. Porém, tudo isso não passa de suposições; nada há no texto que nos autorize a afirmar que a vida de Omar teria sido diferente caso o pai tivesse exercido maior influência sobre este filho. O único dado é essa constatação de Halim quanto à falta de convívio entre os dois, e ao fato de Omar só dar importância a Zana. Uma maneira de se defender do desprezo que Halim dirigia a ele? Ou pelo menos de se afastar dele? É possível, pois em toda a narrativa há inúmeras passagens que comprovam a dificuldade no relacionamento entre os dois.

Nael também é crítico com relação ao gêmeo arruaceiro. A única passagem em todo o romance em que o narrador elogia as atitudes de Omar é quando o professor Antenor Laval é preso. Criando um pano de fundo histórico, Nael cita a primeira semana de janeiro de 1964 como o início de uma fase difícil para o professor: "Minha mãe se assustou ao vê-lo tão abatido, um morto-vivo, a expressão aflitiva de um homem encurralado" (HATOUM, 2000, p. 185). Omar saiu com Laval e, ao voltar, sóbrio, pediu a Rânia uma quantia muito superior ao habitual, sem sucesso. A próxima

referência temporal que Nael faz é à terceira semana de março, quando Laval reaparece após faltar às primeiras aulas. Diz que ele estava estranho, quase não parava em pé e não conseguiu falar. Numa manhã de abril, foi preso:

Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça (HATOUM, 2000, p. 189).

A escolha vocabular deixa bem claro como Laval foi tratado, sem chance de defesa e em franca desvantagem. E o abuso por parte dos policiais, que depois de surrá-lo, arrastaram-no para um veículo do exército. O narrador informa que dois dias depois todos souberam que Laval estava morto. E faz questão de precisar: “Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril” (HATOUM, 2000, p. 190). Sem que seja necessário um longo discurso, o contexto histórico e a postura contrária aos desmandos autoritários ficam claros. Nael ainda fala um pouco de Laval, ressaltando a dedicação do antigo professor a seu ofício. Mas essa passagem servirá para conhecermos uma faceta de Omar que nos era desconhecida: no dia da morte do mestre, alunos e ex-alunos se reuniram para ler poemas dele e homenageá-lo. Omar foi o último a ler e era um dos mais tristes. Nael ressalta:

Por uma vez, uma só, não hostilizei o Caçula, não pude odiá-lo naquela tarde chuvosa, [...] Pensei: se toda a nossa vida se resumisse àquela tarde, então estaríamos quites. Mas não era, não foi assim. Foi só aquela tarde. E ele voltou para casa tão alterado que não se apercebeu da presença do outro (HATOUM, 2000, p. 191).

Nael continua: “Havia sinceridade em sua reclusão. Escreveu um ‘Manifesto contra os golpistas’ e o leu em voz alta. Foi um ato corajoso [...]” (HATOUM, 2000, p. 203). O mesmo personagem que só se importava com as noitadas em Manaus é o único da família que reage ao golpe militar, embora suas ações não tenham maiores consequências no âmbito social. Sua reação, com “frases ousadas e palavras duras” não encontra eco. O próprio narrador afirma que “[...] deu pena desperdiçar tanta coragem numa sala quase vazia” (HATOUM, 2000, p. 203). Enquanto Yaqub trilha caminhos amplos e que sempre visam sucessos, Omar anda por caminhos sinuosos, por vezes perdendo até a razão: “Quando saiu do quarto, parecia [...] um emparedado: olhos de pesadelo, perdidos na mais escura das noites” (HATOUM, 2000, p. 203).

Da mesma forma que fará quando do mal-estar de Nael ao presenciar o “desfile” do comboio militar, nessa passagem a referência ao contexto sócio-histórico será ligada à situação familiar. Isto é, Hatoum não se priva de referenciar o contexto histórico, mas não lhe concede uma importância nem ao menos equivalente à que atribui aos dramas familiares, estes sim a referência basilar de suas obras.

Halim continua aprofundando o incômodo que Omar lhe causava: “Ele não suportava ouvir os urros do filho, muito menos as mentiras da mulher. Saía em plena noite. [...] De dia, escapulia com mais frequência” (HATOUM, 2000, p. 209). Na verdade, o pai só se sentia à vontade, e dono de seu espaço familiar, quando o gêmeo não estava por perto. À medida em que envelhecia, essa ojeriza ao que o filho se tornara só aumentava, na mesma proporção em que se acentuava a preferência de Halim por Yaqub: “Evitava ver o filho no quintal. Queria a presença do outro. ‘Onde está Yaqub? Por que não vem logo com a mulher dele?’” (HATOUM, 2000, p. 210). Na verdade, Halim deixou inclusive de se importar com o que Zana pensava, certo que ficara que nunca teria a atenção que ela dispensava a Omar.

Este filho, cujo nome inclusive é o anagrama de amor, transformou-se em obsessão materna e, por oposição, paterna também. De igual intensidade, mas em sentidos opostos: Zana praticamente dedicou sua vida em manter Omar a seu lado, sem se importar com os métodos e estratégias que empregava; Halim, que no início não hostilizava o Caçula, com o tempo, a covardia e acomodação do filho face aos desmandos maternos, passou a desprezá-lo e a não suportar nem ver ou ouvir a voz de Omar. Nael também o desprezava, e deixa isso claro durante toda a narrativa, ou reclamando dos abusos do Caçula, ou narrando passagens em que a fraqueza de Omar ficava evidente:

Quanto tempo ele ia brincar de jardineiro, de faxineiro? Até quando ia durar o flagelo daquele fraco? Já estava passando da conta, e eu torcia para que mergulhasse em suas noitadas sem fim, oxalá se embriagasse de uma vez por todas e nunca mais se erguesse da rede vermelha (HATOUM, 2000, p. 215).

O que ele desejava era o sumiço do Caçula, não havia solidariedade nem amor neste relacionamento. Mesmo frente à hipótese de Omar ser seu pai, o narrador não se entenece pelo gêmeo. Ao contrário, no dia da morte de Halim e em função da reação enlouquecida do Caçula gritando e brigando com o cadáver do pai, Nael o enfrentou, chamou-o de covarde e não se amedrontou quando Omar pegou o terçado

para enfrentá-lo, pelo contrário, sob o olhar de Domingas, provocou o Caçula, que se intimidou e recuou.

“Depois da morte de Halim, a casa começou a desmoronar.” E, sinal importante, “Omar foi ao enterro, mas permaneceu distante, tão distante que o irmão, mesmo ausente, parecia mais próximo da despedida ao pai” (HATOUM, 2000, p. 220). Também após a morte do marido, Zana abandona a postura complacente com relação a Omar, e se alinha, repetindo, à crítica que Halim lhe fazia: “Teu pai não suportava te ver assim... Não aguentava ver uma vida desperdiçada... [...] Não quis falar com o filho quando ele se aproximou e tentou afagá-la” (HATOUM, 2000, p. 222).

Omar entendeu e não voltou mais ao quintal, regressando à noite de Manaus. Mas a dedicação e apoio da mãe diminuíram. Zana continuou perguntando pelos horários do filho, mas não tinha mais o mesmo interesse por ele ou pelas histórias que ele contava. E começou a dirigir-lhe um olhar sem idealização: “[...] só tu não mudas, Omar. Continuas um trapo, olha a tua roupa, o teu cabelo... A hora que tu chegas em casa...” (HATOUM, 2000, p. 223).

Quando Omar se liga a Rochiram, Zana vê na situação uma possibilidade de conquistar o que mais importava a ela neste momento da vida: a reconciliação entre os gêmeos. Porém, sua intervenção, ao invés de promover a concórdia, aprofunda o ódio entre Omar e Yaqub. Avisado por carta da mãe, Yaqub se interpõe na negociação com o indiano e deixa Omar de lado, que vai atacá-lo ao saber o que o irmão estava fazendo. Embora tenha desejado durante toda a vida a reconciliação entre os gêmeos, a ação de Zana implicará exatamente o oposto: o ódio entre os dois se aprofunda e ambos buscam a destruição do outro, Omar por meio da agressão física; Yaqub, pela prisão e humilhação do irmão.

A desarmonia que Rochiram poderia causar na família é intuída por Domingas, que “implicou com o visitante desde que o viu sentado no sofá cinzento, [...] E a birra de Domingas me pareceu uma premonição” (HATOUM, 2000, p. 225), que com o passar do tempo se mostrará verdadeira. Ele será o gerador da discórdia final entre os gêmeos, da perda financeira da família e da decadência total de Omar. Porém, é interessante que sua “culpa” nesses processos não é valorizada; ele funciona como um desencadeador de processos já latentes de desestruturação familiar, o tal desmoronamento a que o narrador se refere ao falar da morte de Halim.

De todo modo, fica clara a impossibilidade de controle da mãe patriarca: tudo o que ela mais gostaria (a reconciliação entre os filhos) não ocorreu; sua tentativa de

acelerar esta reconciliação teve o efeito oposto: além de distanciá-los definitivamente, criou uma impossibilidade relacional entre Yaqub e Rânia. Isto é, acabou atingindo os três filhos. A família termina esfacelada; nem Nael consegue funcionar como um reagrupador. Yaqub se preocupa com ele e lhe deixa como herança a casa no fundo do quintal; mas ele via Rânia esporadicamente e Omar lhe aparece ao fim da narrativa quase como um fantasma, que não consegue dizer o que Nael queria ouvir:

Ele me encarou. Eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão. Omar titubeou. Olhou para mim, emudecido. [...] Era um olhar à deriva. Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora (HATOUM, 2000, p. 265-256).

O narrador, que assumiu a incumbência de perpetuar a história dessa família, também termina o romance desesperançado, sem a resposta que ele desejava, sem os familiares que ele sabia ter. Podemos identificar aí a desesperança que muitos críticos apontam nas narrativas de Milton Hatoum, uma vez que o leitor termina a leitura com a certeza da desavença e da incompletude.

A vida relacional de Omar é caótica. Nem com a mãe, que lhe dedicava um amor doentio, há um relacionamento tranquilo. Entre eles, como já citamos, não há nada gratuito. Zana mantém Omar preso a ela com dinheiro e facilidades, sem nem ao menos querer saber qual o desejo do filho; Omar permanece junto à mãe por esses motivos, mas abrindo mão de sua autonomia e se transformando na sombra do personagem intrépido e corajoso da juventude.

Com o pai, a relação é de incompletude, como já foi mostrado. No entanto, a gula pelo amor carnal poderia ter unido pai e filho. Halim nunca foi um obsessivo pelo trabalho, como Yaqub; pelo contrário, em várias passagens, tanto ele quanto Nael afirmam que sua prioridade sempre foram as coisas do amor: “Cego de amor até as últimas. Pobre Halim! Pobre? Nem tanto. Um guloso de amor carnal: fez da vidinha na província uma festa de prazeres.” Mas Omar cometeu dois pecados: primeiro, não conseguiu se libertar da mãe, roubando, conseqüentemente, um tempo que Halim queria que fosse dele; segundo, não assumiu as rédeas financeiras e afetivas de sua própria vida. E Halim sabia exatamente até onde o filho teria condições de ir, tanto que “naquela manhã ele esperou o filho. Sabia que Omar seria fisgado, era inevitável” (HATOUM, 2000, p. 169).

O pai conhece ambos os gêmeos, por isso temerá a vingança de Yaqub, que ele sabe que sempre esteve latente. Ademais, Halim sentirá ciúme da dedicação de Zana a Omar. Mas compreenderá também a enorme dificuldade de vencer ou convencer Zana, quando ela metia uma ideia na cabeça. E vai além: “Um fraco... deixou minha mulher sugar toda a força dele, a fibra... a coragem... sugou o coração, a alma... o desejo” (HATOUM, 2000, p. 180).

Todos os personagens desta saga familiar acabam mergulhando em um poço sem fundo nem esperanças, e o que resta para contar são ruínas.

#### 4.2 HALIM E YAQUB

A relação entre o pai e Yaqub é bem diferente da que ele tem com Omar. Desde o início da narrativa, quando vemos Halim no Rio de Janeiro, para onde foi buscar o filho que retornava do Líbano, fica claro que existe mais carinho na relação dos dois. Talvez decorrente da culpa que o próprio Halim confessa: “A minha maior falha foi ter mandado o Yaqub sozinho para a aldeia dos meus parentes” (HATOUM, 2000, p. 57).

Além disso, Yaqub sempre foi um filho mais de acordo com o que o pai considerava positivo. Mesmo após a estada no Líbano, que lhe roubou anos de formação escolar regular e destreza linguística, Yaqub desenhara um caminho para si próprio que tinha como ponto de chegada um futuro glorioso. Venceu as dificuldades após voltar do Líbano; foi sozinho para São Paulo; conseguiu entrar em uma universidade renomada; casou com a mulher que desejava, e alçava pouco a pouco mais e mais degraus rumo ao vértice. Mas, sobretudo, saiu de casa e se libertou da mãe e do pai, amadurecendo de uma forma que Omar nunca desejou ou conseguiu. E Halim evidenciará essa preferência pelo tratamento dispensado a este filho e pelas manifestações esperançosas e auspiciosas que faz sempre que fala de Yaqub.

Mesmo antes de sair de Manaus, Yaqub deixa sua marca: no último ano do colégio dos padres, desfila garbosamente com uma farda de gala, dando o que falar: “Yaqub, que pouco falava, deixou a aparência falar por ele. A aparência e a imprensa” (HATOUM, 2000, p. 40). De caráter diametralmente oposto ao do irmão, este gêmeo foi construindo um percurso vencedor, urdindo um futuro promissor, conforme palavras do narrador. Este futuro passava por uma boa formação universitária, um emprego que lhe oportunizasse sucesso e expansão, a formação de sua própria

família. Entretanto, para não acomodar o leitor, aparecem nesse percurso ligações escusas com os militares e com endinheirados que lhe possibilitaram amealhar maior fortuna e a impossibilidade de ter filhos.

É interessante apontar a escolha vocabular do narrador ao se referir a Yaqub: primeiro o identifica como “o montanhês rústico que urdia um futuro triunfante” (HATOUM, 2000, p. 32); depois fala que “Yaqub vinha ruminando a mudança para São Paulo” (HATOUM, 2000, p. 40). Ao contrário de Omar, que parecia fazer tudo de acordo com seus desejos, no calor das emoções, Yaqub era um ser que planejava seus passos e construía o caminho que desejava percorrer, usando a mesma determinação que demonstrará na caçada final a Omar.

Essas características, apontadas desde o início da narrativa, também serão as que darão o tom à sua vingança com relação ao irmão, que será desqualificada por Rânia, que não falará mais com ele e lhe devolverá todos os presentes que ganhara. Ou seja, nada é tão bom ou tão mau. Características inicialmente apontadas como positivas por Halim, acabam servindo para Yaqub se mostrar mesquinho e vingativo. Em situações como esta a questão da verossimilhança vem à baila: um ser composto só de linhas retas e futuro promissor não é plausível. E a mágoa nutrida em Yaqub desde o momento em que Omar lhe ferira a face tem de aparecer e ser purgada. E, como afirma Nael: “[...] o irmão distante havia calculado o momento adequado para agir. Yaqub esperou a mãe morrer. Então, com truz de pantera, atacou” (HATOUM, 2000, p. 257).

Entretanto, não pairam dúvidas de que Yaqub era o preferido do pai, pelas características já apontadas. Esta preferência também pode ser consequência do excesso de atenção e cuidados que Zana dispensava ao Caçula. De todo modo, ao se referir a Yaqub, Halim trabalha em um campo semântico da positividade: fala em orgulho, chora ao abraçar o filho, reafirma a inteligência deste gêmeo, seus olhos brilham.

Mas Nael contribuirá para desfazer qualquer possibilidade de leitura maniqueísta, que mostre os dois irmãos como equivalentes: “A loucura da paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo e todos neste mundo não foram menos danosas do que os projetos de Yaqub: o perigo e a sordidez de sua ambição calculada” (HATOUM, 2000, p. 263-264).

Ao empregar as palavras “perigo”, “sordidez” e “ambição”, Nael introduz uma outra leitura da personalidade de Yaqub, distante daquela de vencedor e respeitável

cidadão criada pelo pai. Rânia já apontara o lado negro de Yaqub ao desvendar a trama que ele construía e alimentava a partir de São Paulo para colocar Omar na cadeia. Caçando incansavelmente o irmão, Yaqub vingava-se da cicatriz de seu rosto e também mostrava sua face horrível. Face que será conhecida apenas pelos sobreviventes: Nael, Rânia e Omar.

Voltando à relação entre Yaqub e Halim, mesmo após a partida do filho para São Paulo, a relação dos dois é marcada pela sinceridade, pelo orgulho e até por humor. Com a mesma intensidade que alimentava um distanciamento com relação a Zana e a Omar, Yaqub despia sua armadura no relacionamento com o pai e com Domingas. Por exemplo, quando conta à família que entrara na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Yaqub escreve ao pai: “em brimeiro lugar, babai”, rindo da sua dificuldade na pronúncia de certos fonemas que experimentara quando voltou do Líbano.

E essa atitude, de orgulho com o caminho que ele próprio construía, vai ficar evidente também na segunda visita que Yaqub faz a Manaus, em abril de 1964, quando Nael afirma “agora não queria ser chamado de doutor, sentia-se mais à vontade em casa, não vestia mais paletó e gravata. Tampouco se comportou como hóspede. Era um filho que volta à casa dos pais e ao lugar da infância” (HATOUM, 2000, p. 195).

Essa visita é importante no aprofundamento da relação entre Yaqub e o pai, entre ele e a irmã, mas também para ele se mostrar mais íntimo com Domingas e Nael. Atitude completamente diferente da que ele terá com a mãe e com Omar: com Zana, manter-se-á distante; com Omar, não trocará palavra.

Nael ficará impressionado com a obstinação (palavra empregada pelo próprio narrador) de Yaqub pelo trabalho e por sua coragem. A dedicação total ao trabalho funcionará como mais um índice de diferenciação do irmão, que nunca trabalhou seriamente, e como característica valorizada pelo pai que, apesar de nunca ter sido um *workaholic*, preferindo as coisas do amor, trabalhou durante toda a vida e manteve a estrutura familiar em funcionamento.

Por outro lado, nessa passagem de Yaqub por Manaus, Domingas o vê cada vez mais decidido, mais enérgico, e pressente que “ele matutava alguma coisa”. Todavia, Yaqub aproveitou para se reconciliar com o espaço amazônico e suas especificidades. Ao final desta visita, Halim chora ao se despedir do filho: “Halim o abraçou com força e começou a chorar, o corpo encurvado, a cabeça apoiada ao

ombro de Yaqub, a voz entrecortada balbuciando: ‘Esta é a tua casa, filho...’” (HATOUM, 2000, p. 201). Falas, atitude e emoções que ele nunca teve com o outro gêmeo e nem com Rânia. E nessa passagem de Yaqub por Manaus, Nael tem coragem de perguntar à mãe se Yaqub era o pai dele, mas ela despista. E ponto. Não há maiores dramas em torno da continuidade desse segredo, por parte do narrador, nem uma problematização especial por parte de Domingas ou de outro personagem, comprovando o fato de que o anúncio de quem era o pai de Nael deixou de ter importância para o desenrolar da narrativa.

Embora haja um verdadeiro orgulho e identificação de Halim com Yaqub, há uma sombra que paira sobre a relação dos dois, que é a ida do filho, sozinho, para o Líbano, que o pai não impediu. Esta situação está sempre latente, embora nenhum dos dois a cite em nenhum momento. Halim foi buscá-lo no Rio, mas não o encheu de perguntas, como farão Rânia e Zana, e quando a mulher cita a penúria que o filho viveu no Líbano, o pai rapidamente intervém: “‘Vamos mudar de assunto’, pediu Halim. ‘Sacos e roupa velha são coisas que a gente esquece’” (HATOUM, 2000, p. 24). Ele sabe o que Yaqub não esquecer, e sabe também do risco para o equilíbrio familiar que essa mágoa representava. Inclusive, o reencontro entre os gêmeos será seco e marcado somente por um aperto de mão, por iniciativa de Yaqub e observado a distância por Halim. A cena é interessante pela tensão que encerra e pelo comentário do narrador:

Nenhum dos dois brindou: os cristais tilintando e uma euforia contida não animaram os gêmeos. Yaqub apenas estendeu a mão direita e cumprimentou o irmão. Pouco falaram, e isso era tanto mais estranho porque, juntos, pareciam a mesma pessoa. (HATOUM, 2000, p. 25)

A semelhança física e a diversidade de caráter entre os dois são muito importantes para o desenrolar da narrativa, que acompanha essa dualidade e mostra o quanto a semelhança física podia ter ensejado uma cumplicidade, que só existiu de forma tênue na infância. Vale a pena ressaltar, ainda, que a mesma personagem que passará grande parte da narrativa sonhando com a reaproximação entre os gêmeos tenha sido a causadora dos primórdios desse afastamento. Ao tratar Omar diferentemente de Yaqub e deixar este filho aos cuidados de Domingas, enquanto se ocupava do Caçula, Zana alimentou diariamente a mágoa que depois praticamente toma conta do relacionamento que Yaqub desenvolverá com a mãe e com o irmão.

A cicatriz no rosto de Yaqub, consequência da estocada de Omar, será o motivo aparente da mágoa entre os gêmeos, mas a diferença de afeto da mãe também alimentava o ciúme de Yaqub. Ciúme que não era prerrogativa apenas do gêmeo mais tímido, tendo sido o causador da agressão de Omar: ele não aguentou ter sido preterido por Lívia em favor de Yaqub. E o narrador explicita isso: “O Caçula pensava que depois do baile dos Benemou a Lívia ia cheirar e morder o gogó dele e desfilar com ele nas matinês [...]” (HATOUM, 2000, p. 27). Além de ter preferido Yaqub naquela ocasião, Lívia tornou-se sua esposa, enquanto Omar não conseguiu nem viver com as mulheres que escolhera. A fraqueza e a coragem mudam de lugar e a narrativa se complexifica e fica mais verossímil.

“Nos primeiros meses depois da chegada de Yaqub, Zana tentou zelar por uma atenção equilibrada aos filhos” (HATOUM, 2000, p. 29). Isto é, se deixasse seu instinto atuar, certamente sua atitude seria outra; o emprego de “zelar” deixa isso claro. E o narrador também deixa claro que Rânia não competia com os irmãos no amor materno; Zana claramente preferia o Caçula, depois Yaqub e só depois vinha Rânia.

A volta a Manaus e à sua casa, após o período no Líbano, mostra um Yaqub se readaptando e revivendo emoções: “Yaqub demorou no quintal, depois visitou cada aposento, reconheceu os móveis e objetos, se emocionou ao entrar sozinho no quarto onde dormira” (HATOUM, 2000, p. 21). E, pouco a pouco, foi se reconciliando com a família, entendendo as palavras, as frases, as histórias da escassez que viveram durante a guerra, quando faltaram energia e víveres.

Nael menciona a timidez de Yaqub, mas ressalta que ele a usava para conquistar olhares e interesses femininos, pois “olhar Yaqub sabia. De frente, como um destemido, arqueando a sobrancelha esquerda: um tímido que podia passar por conquistador” (HATOUM, 2000, p. 30). Contudo, mesmo com o assédio das cunhatãs que enviavam bilhetes e mensagens, Yaqub não perde seu foco: “[...] varava noites estudando a gramática portuguesa; [...] ele foi aprendendo, soletrando, cantando as palavras, até que os sons dos nossos peixes, plantas e frutas, todo esse tupi esquecido não embolava mais na sua boca” (HATOUM, 2000, p. 31).

E vai alimentando o matemático que dará origem ao engenheiro de São Paulo. Essas características do filho serão motivo de orgulho para o pai: “Yaqub tem de sobra o que falta no outro” (HATOUM, 2000, p. 31). Esta preferência, que já existia de forma latente, vai se aprofundando com a volta do rapaz Yaqub e a demonstração de suas

preferências e capacidades, entre as quais a do enxadrista que decidia a partida no sexto lance. E, como toda preferência, criará mágoa no outro gêmeo, que será preterido:

Omar ouvia essa frase e tornou a ouvi-la anos depois, quando Yaqub, em São Paulo, comunicou à família que havia ingressado na Escola Politécnica (em 'brimeiro lugar, babai', escreveu ele, brincando) (HATOUM, 2000, p. 31).

Na família de Halim até os desequilíbrios são complementares: Zana prefere e mima Omar; Halim faz o mesmo com Yaqub. Rânia fica de lado, mas a mãe não a liberta do jugo, pois será a responsável por Rânia ter desistido de casar e construir sua vida familiar.

Entretanto, desde seu retorno do Líbano, fica claro que as conquistas de Yaqub decorrem de esforço e perseverança, duas atitudes impensáveis em Omar. Esse é um dos aspectos que nos levam a afirmar que a caracterização dos gêmeos, embora complexa, por vezes beira a caricatura, que felizmente se relativiza no decorrer da narrativa ao invés de se aprofundar.

O caráter de Yaqub preocupará os pais que não entenderão a razão de ele renunciar “à juventude, ao barulho festivo e às serenatas que povoavam de sons as noites de Manaus” (HATOUM, 2000, p. 32), que faziam a alegria de Omar. Não percebiam que ele estava construindo seu mundo: “Trancava-se no quarto, o egoísta radical, e vivia o mundo dele, e de ninguém mais. [...] compensava a ausência dos gozos do sol e do corpo aguçando a capacidade de calcular, de equacionar” (HATOUM, 2000, p. 32). Capacidade que norteará sua existência e se mostrará em toda sua plenitude diversas vezes durante sua vida profissional e afetiva.

O oposto acontecerá com Omar, que conhece todos os salões de Manaus e só volta para casa, “na hora do último sereno” (HATOUM, 2000, p. 32-33). Nesse momento da narrativa, o abismo afetivo entre Halim e Omar já se evidencia. O pai não suporta a vida escolhida pelo filho, e gostaria que ele se mirasse no exemplo do irmão, sem sucesso. Será expulso do colégio, não dará importância a nada que não sejam as noites manauaras, e permanecerá ligado umbilicalmente à mãe.

Em seu novo colégio, Omar conhecerá Antenor Laval, professor de francês excêntrico e deslocado na província. Embora o Liceu Rui Barbosa fosse popularmente conhecido como Galinheiro dos Vândalos, Nael qualifica o colégio onde mais tarde também estudaria, dizendo que ali “reinava a liberdade de gestos ousados, a liberdade

que faz estremecer convenções e normas” (HATOUM, 2000, p. 35). Colégio em que Yaqub nunca estudaria, nem pensaria em passar pela porta, exatamente por não buscar essa liberdade que caracterizava Omar. Nesse momento, o narrador, indiretamente, começa a apontar aspectos não desprezíveis neste gêmeo, que depois se mostrarão mais claramente quando defende Laval dos militares que o caçavam.

Nael se referirá à partida de Yaqub como positiva para ele que herdou roupas velhas e livros. Mas ressalta a forma como o gêmeo comunicou à família que decidira sair de Manaus: “Inflexível foi o próprio Yaqub, que enfrentou a resistência da mãe quando informou, no Natal de 1949, que ia embora de Manaus. Disse isso à queimadura, como quem transforma em ato uma idéia (sic) ruminada até a exaustão” (HATOUM, 2000, p. 38). Mais uma referência ao caráter deste gêmeo, que empregará a mesma estratégia na vingança contra Omar. Não teve pressa, ruminou como quebrá-lo, primeiramente tirando-o do negócio do hotel com Rochiram, depois colocando policiais atrás dele.

Na vida de Yaqub não há espaço para improvisações; tudo é planejado, nos detalhes. Nem a ameaça de perder o amor da irmã, nem a possibilidade de se comprazer com a dor de Omar, nada deteve a sanha vingativa de Yaqub. A máscara de bom moço cai por terra de vez. A escolha vocabular do narrador é digna de nota. Ao se referir a Yaqub, ele emprega os verbos “urdir”, “ruminar”, ações que implicam planejamento prévio, paciência e tino. E que nunca caberiam ao falar de Omar, pura emoção e reação desmesuradas.

A ascendência da mãe sobre Omar inexistiu com Yaqub. Ele é um ser retraído, que não fala com ninguém e surpreende ao sair do casulo. Em seu jantar de despedida, ao qual Omar não compareceu, ele foi claro para o pai: “Não, baba, não vou precisar de nada... Dessa vez quem quis ir embora fui eu.”. O pai se derreterá de novo: “Halim abraçou o filho, chorou como havia chorado na manhã em que Yaqub partira para o Líbano” (HATOUM, 2000, p. 42). O tratamento afetivo, “baba”, e a relação que faz entre tomar a decisão e poder assumir os atributos financeiros decorrentes dela apontam para um indivíduo que alimenta seu vínculo afetivo original, mas vai assumindo as responsabilidades e prerrogativas da idade adulta.

“Deixou na casa a lembrança forte de duas cenas ousadas: o desfile com farda de gala e o encontro com a mulher que ele amava” (HATOUM, 2000, p. 45). Quietamente, Yaqub foi construindo, aos poucos, seu jeito de ser no mundo, sem abrir mão do que

era nem do que queria. O pai reconhecia isso e se orgulhava deste filho, que prometia tudo o que o outro negava.

A relação familiar, Yaqub alimentava com uma carta ao fim de cada mês. “[...] Halim convidava os vizinhos e a leitura era pretexto para um jantar festivo” (HATOUM, 2000, p. 59). O filho contava a vida que levava em São Paulo. Não reclamava nem do frio nem da solidão; falava dos estudos, da perturbação da metrópole, da seriedade e devoção ao trabalho, se encontrava com o jeito paulista de ser sem, contudo, esquecer de sua origem: “De vez em quando, ao atravessar a praça da República, parava para contemplar a imensa seringueira. Gostou de ver a árvore amazônica no centro de São Paulo, mas nunca mais a mencionou” (HATOUM, 2000, p. 60). Yaqub não renega suas origens; ao contrário, com o tempo vai se reconciliando com elas, mas assume a “máscara do que havia de mais moderno no outro lado do Brasil” (HATOUM, 2000, p. 61). Ao lado da formação de engenheiro, Yaqub também se transformou no oficial da reserva que não sentirá medo ao andar na cidade ocupada pelo comboio militar.

Omar assistia a todo esse sucesso de longe, “Não participava da leitura das cartas, ignorava o oficial da reserva e futuro politécnico”. Mas se incomodava, pois “mangava das fotografias expostas na sala”. Juntos, mas separados: “Na minha mente, a imagem de Yaqub era desenhada pelo corpo e pela voz de Omar” (HATOUM, 2000, p. 62).

O exercício da função paterna de forma mais efetiva que não conseguiu ter com Zana e Omar, Halim tem com Domingas e Nael. Na hora em que acha correta, “Disse a Domingas que eu já passara da idade de dormir com a mãe no mesmo quarto, que ela devia se desgarrar um pouco de mim” (HATOUM, 2000, p. 80). Ou seja, Halim tem noção da necessidade de limites na relação entre mãe e filho, mas não consegue agir na sua própria família, pois a voz de Zana é mais forte.

De longe, Yaqub “deixava transparecer certas linhas de conduta, e não eram tortas. No fim de cada linha havia uma flecha apontando um destino glorioso, e o casamento fazia parte desse destino” (HATOUM, 2000, p. 91). E ele se casará com Lívia, em São Paulo; a família ficará sabendo do casamento só depois da cerimônia, o que Zana considerará um acinte, mas saberá esconder sua reação. Novamente, a diferença entre os gêmeos fica bem marcada: enquanto Yaqub, mesmo longe, mantém-se fiel ao amor de juventude e leva a amada para São Paulo, Omar “Namorava as anônimas [...] moças que nunca tinham saído de Manaus, nunca

viajariam ao Rio de Janeiro.” O mesmo podemos apontar com relação à diferença de expectativa do pai com relação às companheiras de cada filho: ele demonstra gostar da mulher de Yaqub, enquanto com Omar ele “torcia para que uma dessas mulheres levasse o filho para bem longe de casa. ”, mas “intuía que Zana era mais forte, mais audaciosa, mais poderosa” (HATOUM, 2000, p. 100).

Quando Omar se envolve afetivamente com uma mulher, Zana reage: após comprar o sumiço de Dália e concorda em mandar o Caçula estudar em São Paulo. Quando ele fica sabendo da atitude materna, volta para casa derrotado, “um espantalho fugido do dilúvio, e bêbado. ” Pela primeira vez, Omar perde para a mãe. Halim diz a ele: “Vais estudar em São Paulo, vais ter de dar duro que nem o teu irmão...” (HATOUM, 2000, p. 106), acreditando que a cidade e os estudos poderiam mudar o caráter do filho. A mãe tentou convencer Yaqub a hospedar o irmão, sem sucesso:

Yaqub negou abrigo ao irmão. Escreveu à mãe que podia alugar um quarto numa pensão para Omar e matriculá-lo num colégio particular. Podia enviar notícias sobre a vida dele em São Paulo, mas não ia permitir que o irmão dormisse sob o seu teto. ‘Que ele encontre o caminho dele, mas longe de mim, muito longe da minha seara. ’ (HATOUM, 2000, p. 104).

Nos primeiros meses ele estudou, mas logo que pôde entrou escondido na casa de Yaqub, roubou os dólares que o irmão economizara e fez desenhos obscenos nas fotos do casamento. Atitudes que serviram para aprofundar a raiva de Yaqub para com o irmão, que ele explicitará na próxima viagem a Manaus, seis anos depois, quando contará tudo a Halim, que o escutará atentamente, deixando-o desabafar toda a mágoa que sentia. Novamente, o narrador evidencia o tratamento diferente que o pai dispensava a este filho, ouvindo-o e respeitando seus sentimentos, atitude inimaginável dele com o outro filho.

“Yaqub acreditava que o sofrimento, a labuta, o transtorno do dia-a-dia e o desespero da solidão seriam decisivos para a educação de Omar” (HATOUM, 2000, p. 109). Ledo engano. Seu irmão vive no mundo dos prazeres, em que a existência se justifica pelos gozos que podemos ter. A educação buscada pelo Caçula não tem nada a ver com a que Yaqub construiu para si próprio. Por isso que, embora tenha resistido uns meses à vida boêmia e se “adaptado” à rotina sem surpresas, só com deveres, logo que teve uma oportunidade Omar deu vazão à sua verdadeira índole de notívago

e aventureiro, roubando passaporte e dólares do irmão e fugindo para os Estados Unidos.

Acentuando a oposição entre os irmãos, Nael diz que “na vida de Omar aconteciam lances incríveis” e o insere em um grupo de “pessoas que nem carecem buscar o lado fantasioso da vida, apenas se deixam conduzir pelo acaso, pelo inusitado que assoma nas ventas” (HATOUM, 2000, p. 111). Imagem muito boa para descrever este gêmeo, que passou a vida se deixando levar por todo o inusitado que estava no ar.

De Yaqub, Nael dirá que “a imagem que faziam dele era a de um ser perfeito, ou de alguém que buscava a perfeição”, ressaltando que ele considerava Yaqub “um homem tenaz, respeitado em casa, a ponto de ser elogiado pelo pai” (HATOUM, 2000, p. 111). Essa última frase denota o quanto era importante receber o reconhecimento de Halim, que não era conferido gratuitamente. Halim dirá a Nael que não sabe onde o filho quer chegar e que ele se revestia de uma armadura sólida. “De um filho assim, disse o pai, pode-se esperar tudo.” Em contrapartida, Omar “se expunha até as entranhas, e esse excesso era a maior arma de Zana” (HATOUM, 2000, p. 112).

Quando volta a Manaus, depois de casado, Yaqub não traz a esposa. Zana insiste em saber por que a esposa não tinha vindo. Após a segunda pergunta, obtém uma resposta dura: “‘O outro filho vai te dar uma nora e tanto’, disse Yaqub, secamente. ‘Uma nora tão exemplar quanto ele’” (HATOUM, 2000, p. 113). A mãe não responde, como fará muitas outras vezes para não aguçar as desavenças entre os filhos. Mas ela não descansa até descobrir quem é a nora, que mandava quitutes árabes de São Paulo, que faziam a delícia de todos na casa, sobretudo de Halim.

Nesta mesma ocasião, Nael aprofundará seu conhecimento sobre este gêmeo:

A visita de Yaqub, ainda que passageira, permitiu que eu o conhecesse um pouco. Algo do comportamento dele me escapava; ele me deixou uma impressão ambígua, de alguém duro, resoluto e altivo, mas ao mesmo tempo marcado por uma sofreguidão que se assemelhava a uma forma de afeto. Essa atitude indecisa me deixava confuso. (HATOUM, 2000, p. 114)

Nesta mesma visita os dois sairão juntos por Manaus, numa reconciliação quase definitiva de Yaqub com a cidade em que nascera e com a infância. Porém, em meio a esta reconciliação aparecerão sempre, como sombras na vida de Yaqub, a

cicatriz e a partida para o Líbano. Duas feridas fortes e profundas: “A dor dele parecia mais forte que a emoção do reencontro com o mundo da infância” (HATOUM, 2000, p. 116).

Na sequência, Yaqub tecerá críticas ao comércio do pai. Chamará o empreendimento de anacrônico e os amigos jogadores de gamão, de urubus na carniça. Ambas as palavras de campos semânticos negativos e diminuidores. Vale ressaltar como aspecto positivo da narrativa a não valorização dessa “evolução capitalista” pela qual passou a loja; o narrador apenas a constata afirmando que Halim pouco a pouco deixa a loja para Rânia, que tomará decisões com apoio de Yaqub, muito diferentes do que provavelmente faria o pai. Em contraposição, Nael ressalta que ela conseguiu manter a loja aberta durante muito tempo, sustentando a vida familiar com recursos oriundos do comércio. Ou seja, não há maniqueísmos. Inclusive, à crítica do filho, Halim responde pedindo a Nael para acompanhá-lo “[...] à loja do Balma: ‘Hoje à noite o Issa e o Talib vão jogar bilhar, e eu não quero perder esse jogo fortuito’” (HATOUM, 2000, p. 117). A vida continua tal e qual; cada um valorizando o que acredita importante.

Nael separará Yaqub do resto dos mortais: para ele tudo dava certo. Mas algumas coisas tiravam este gêmeo do sério: a mágoa com Omar, alimentada pela lembrança que a cicatriz acende, o ciúme em função da preferência materna e a lembrança de sua estada no Líbano.

‘Não morei no Líbano, seu Talib.’ A voz começou mansa e monótona, mas prometia subir de tom. E subiu tanto que as palavras seguintes assustaram: ‘Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo que passei lá, esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua...’.

‘Talib, não vamos falar...’

‘Não pude esquecer outra coisa’, Yaqub interrompeu o pai, exaltado. ‘Não pude esquecer...’, ele repetiu, reticente e se calou.

[...]

A reticência. O ruído de sua vida. Yaqub, encurralado, parecia mais humano, ou menos perfeito, mais inacabado. Percebi que estava nervoso, fumava com ânsia, os olhos fixos no chão. Eu não me aproximei dele, não tive coragem. Estava transfigurado, parecia trincar os dentes até a alma.

À noite ele quis conversar com Halim; os dois saíram para jantar e voltaram tarde (HATOUM, 2000, p. 118-119).

A longa citação nos permite mostrar a ambivalência de Yaqub, que, entretanto, aparece muito raramente, pois este gêmeo primava pela discrição. Não que não

sentisse ou manifestasse suas emoções; mas era econômico nesta manifestação. Outro aspecto interessante a ressaltar neste excerto é novamente a questão do segredo e do anúncio. A vida de Yaqub no Líbano constitui um tabu na narrativa: sabemos que o pai sente uma grande culpa em tê-lo mandado sozinho para o Líbano, mas quase nada sabemos do período em que ele ficou lá. A hipótese mais plausível para esta viagem ter causado tal desequilíbrio no Yaqub adolescente é a de Nael: “[...] e imaginei o que teria lhe acontecido durante o tempo em que viveu numa aldeia no sul do Líbano. Talvez nada, talvez nenhuma torpeza ou agressão tivesse sido tão violenta quanto a brusca separação de Yaqub do seu mundo” (HATOUM, 2000, p. 116).

Essa fala de Nael aponta duas razões: às vezes não é preciso nada de extraordinário para causar felicidade ou sofrimento a alguém; e a Manaus da infância era um mundo definido: “do seu mundo”. Temos aí dois índices importantes que podem servir para determinar ainda mais a importância de um ser arisco (como Yaqub é apresentado) conseguir se relacionar afetivamente, sem capas ou falsas imagens, com Halim, Nael e Domingas. Essa visita comprovará isso: ao lado da conversa que terá com o pai, quando lhe contará o que Omar fez em São Paulo, Yaqub manifestará afeto por Nael e Domingas na despedida.

Halim sai com o filho e deixa-o abrir o coração: “Então Yaqub revelou a verdade, na versão dele. Contou só para o pai, que deixou o outro desabafar” (HATOUM, 2000, p. 122). O afeto que une pai e filho é real e libertador. Essa liberdade nunca será outorgada a Omar pelo pai. Talvez aí esteja a chave da impossibilidade individual do Caçula.

À medida que Zana se fecha mais em torno de Omar, Halim se desvencilha da influência da mulher e, talvez, em uma atitude provocativa, liga-se mais fortemente a Yaqub, chama por ele e pergunta quando o filho virá a Manaus com a esposa.

De todo modo, com este filho Halim constrói uma relação de afeto e respeito, que, contudo, é permeada pela culpa inicial decorrente da viagem ao Líbano e pela tentativa de compreender o que Yaqub sente, com relação ao irmão, principalmente, mas também com o resto da família, aí incluídos Nael e Domingas, com quem ele mostrará mais afetividade do que com relação a Zana e Omar. A relação que Halim tem com Yaqub encontrará reflexo naquela que o pai viverá com Rânia, sobretudo depois que ela assume a loja, e passa a desempenhar na família o papel que sempre foi de Halim.

### 4.3 HALIM E RÂNIA

Com Rânia, Halim também tinha um relacionamento sem problemas. Ademais, “O que ele esperava de Omar, veio de Rânia, e da expectativa invertida nasceu uma águia nos negócios” (HATOUM, 2000, p. 95). E dela, o pai também sentirá orgulho.

À semelhança de Yaqub, mas com menor intensidade, Rânia também se oporá a Zana, mas por razões diferentes. Zana não deixou Rânia se relacionar com o rapaz que a filha escolhera, e desde aquele momento a filha nunca mais se relacionou com homem algum:

O aniversário dos quinze anos, a festança que não aconteceu. Ia ser no casarão dos Benemou, Talib ia tocar alaúde, Estelita ia emprestar taças de cristal. Mas Zana cancelou a festa na última hora. ‘Ninguém entendeu por quê, só eu e minha mãe sabíamos o motivo’, disse Rânia. ‘Zana conhecia o meu namorado, o homem que eu amava ... Eu queria viver com ele. Minha mãe implicou, se enfezou, dizia que a filha dela não ia conviver com um homem daquela laia... não ia permitir que ele fosse à minha festa. Me ameaçou, ia fazer um escândalo se me visse com ele ... ‘Com tantos advogados e médicos interessados em ti, e escolhes um pé rapado...’ Meu pai tentou me ajudar, fez de tudo, implorou para que Zana cedesse, aceitasse, mas não adiantou. Ela era mais forte, enfeitiçou meu pai até o fim. Desprezei todos aqueles pretendentes... (HATOUM, 2000, p. 206-207).

Também na convivência com a filha, revela-se o perfil autoritário de Zana. É digno de nota que a mãe fará com Rânia o oposto que Galib fez com ela própria. Quando as cristãs maronitas queriam convencer Zana a não se casar com Halim, por ele ser muçulmano e pobre, Galib as expulsou do restaurante para que a filha pudesse decidir em paz. E Zana fez o contrário com a filha, que se vingou desprezando todos os homens que a mãe convidava nas festas de aniversário, esperançosa de que a filha se decidisse por um deles.

A citação também serve para mostrar o caráter mais flexível do pai, que tentou fazer com que Zana não interferisse na vida amorosa da filha, sem sucesso, contudo. Fica evidente, também, que o que se trava na casa de Zana é uma briga por poder e autoridade, entre ela e os filhos. O único que consegue se proteger é Yaqub, por mantê-la à distância de sua vida pessoal (só muito tempo depois de seu casamento, Zana fica sabendo que o filho se casara com Lívia, sua paixão adolescente).

Igualmente, não é difícil atribuir o caráter patriarcal à Zana, confirmando a afirmação de Da Matta (apud ALMEIDA, 1987, p. 126) de que nada impedia que mulheres vivessem de forma patriarcal. O que queremos destacar na análise dos caracteres familiares em *Dois irmãos* é que o patriarcalismo perpassou as relações familiares no Brasil mesmo que não exercido pelo pai, marcando estruturalmente com seus valores até as famílias não organizadas conforme o padrão definido por Gilberto Freyre.

Halim e Rânia se identificam na dedicação e no gosto pelo comércio: “Ela ficava eufórica, transpirava, os olhos graúdos reviravam de tanto prazer. O comércio a empolgava [...]” (HATOUM, 2000, p. 187), e o pai se orgulhará disso e ficará ao lado da filha. Inclusive, essa atitude de Rânia aumentará ainda mais a raiva que o pai tem do Caçula, pois enquanto a filha trabalha sem descanso, ele só sabe pedir-lhe dinheiro:

Na noite em que vimos Rânia carregando uma caixa e vendendo de porta em porta, ele disse com raiva: ‘Coitada da minha filha, está se matando para sustentar aquele parasita’. Ele não suportava mais olhar para o Omar. Até a voz do filho o irritava, dizia que lhe dava dor de barriga, que o coração queimava, tudo queimava por dentro dele (HATOUM, 2000, p. 187).

Rânia, com auxílio de Yaqub, muda totalmente o perfil da loja e as formas de negociar do pai, que a tudo assiste sem se opor. Inclusive, como Yaqub, Rânia é mais circunspecta, “Escondia muitas coisas: seus pensamentos, suas ideias, seu humor e mesmo uma boa parte do corpo, que eu nunca deixei de admirar.” Nael ressalta, ainda, que ela “[...] era uma virtuose nas questões mais prosaicas [...] talvez por isso a loja tenha se mantido aberta por tanto tempo, [...]” (HATOUM, 2000, p. 96).

Halim também se orgulha da filha. Quando Yaqub manda dinheiro para reformar a loja, ela dirigirá os trabalhos. “Era forçada como uma anta e paciente como o pai, que a observava perplexo, rodeado pelos amigos do gamão e dos tragos” (HATOUM, 2000, p. 130). Em seis meses, a filha transforma a loja, mudando os produtos vendidos e proibindo o fiado. Nael fala em “sanha empreendedora” de Rânia, atitude que não desagradará de todo o pai, mas o surpreenderá: “Quando Halim se deu conta, já não vendia quase nada do que sempre vendera” (HATOUM, 2000, p. 132). Mas Halim continua indo à loja diariamente, e faz questão de abri-la e fechá-la: “Rânia podia fazer esse trabalho, mas ele se adiantava, mostrando a musculatura e exibindo-se para a filha” (HATOUM, 2000, p. 151). Eles serão companheiros até a

morte de Halim, que verá na filha características muito diferentes das dele na condução da loja, mas orgulhar-se-á da dedicação e conquistas de Rânia.

Os únicos homens com quem Rânia expressa sua sensualidade são os irmãos e em um único encontro com Nael. Contudo, ela usa sua beleza e sensualidade na loja, quando consegue vender mercadorias encalhadas a antigos pretendentes ou novos interessados, que acabam comprando na esperança de conseguir simpatia da dona da loja. O narrador ressalta o mistério que cercava Rânia, que só abandonava seu “encontro misterioso com a noite” nas festas de aniversário da mãe, quando aparecia deslumbrante, mas não levava nenhum dos pretendentes a sério. Com os irmãos, pelo contrário, nutria uma idolatria: “[...] a admiração de Rânia por ambos foi por muito tempo visceral e quase simétrica” (HATOUM, 2000, p. 98).

No último dia da estada de Yaqub, em sua segunda visita, Nael ressaltará a relação de Rânia com o irmão: ela se faz mais sensual e a narrativa contém indícios de incesto: “Ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yaqub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta. Só desceram para comer” (HATOUM, 2000, p. 117).

Rânia era quatro anos mais nova do que os gêmeos, e tinha mais espaço do que Nael na família, mas menos do que os irmãos. Funcionava como coadjuvante, mas aos poucos foi construindo um espaço particular na família. Após a frustração do negócio com Rochiran ocupará um espaço mais importante, dando assistência à mãe e a Omar. Igualmente, ela não será condescendente com o outro gêmeo, apontando suas atitudes desprezíveis e cortando relações com ele quando este se nega a perdoar o Caçula, que ela sabia mais fraco.

## 5 CINZAS DO NORTE

Ambientado em Manaus, à semelhança dos dois romances anteriores de Hatoum, *Cinzas do Norte* também foi premiado em diferentes certames. Sua fábula tem como centro a família de Trajano Mattoso, Alícia e Mundo, filho de ambos. Assim como *Dois irmãos*, *Cinzas do Norte*, publicado em 2005, é uma saga familiar narrada *a posteriori* por Lavo (Olavo), amigo do protagonista Raimundo (Mundo) e sobrinho de Ranulfo (tio Ran), o segundo narrador do romance. Lavo, à semelhança de Nael também é um *outsider* da história que narra. Presenciou alguns fatos, mas essencialmente retoma histórias que ouviu da boca de diversos personagens, sobretudo do protagonista Mundo, igualmente um dos narradores do romance. Lavo e Nael estão à margem do núcleo central das famílias, mas são os únicos que sobrevivem à derrocada financeira e moral de ambos os grupos para nos contar a história.

Diferentemente dos dois romances anteriores, a família não é de origem árabe, mas é amazônica. O escopo temporal é o século XX, sobretudo após a década de 1950, com foco nos anos pós-golpe militar de 1964. Inclusive, muitos estudos sobre *Cinzas do Norte* se baseiam na questão da referencialidade histórica e na postura do narrador e personagens face a esse momento (PINHEIRO, 2014; WELTER, 2010; CECCARELLO, 2012).

A narrativa começa com a referência de Lavo, o primeiro narrador, à carta de Mundo, cujo conteúdo só será revelado nas últimas páginas do romance. Essa carta, que conta, inclusive, quem é o pai biológico de Mundo, funciona como um testamento do amigo.

Ao lado dessa primeira narração, o romance traz, em itálico, uma outra narração, na voz de Ranulfo, sob a forma de uma carta dirigida a Mundo, na qual Ranulfo fala do amor que nutriu durante toda sua vida por Alícia (mãe de Mundo), de atitudes de Jano (pai de Mundo) com relação à mulher e ao filho e da história anterior dele, Alícia e outros personagens. Essa narração foi escrita após a morte do rapaz, para homenagear mãe e filho, conforme as palavras de Ranulfo ao entregar o relato a Lavo, pedindo que este o publicasse.

A narração de Lavo, mesmo afastada 20 anos dos fatos enunciados, é construída cronologicamente. Há, na maioria dos fatos narrados, uma sucessão dos acontecimentos, por vezes recortada por falas dos demais personagens que

“iluminam” alguma característica do relacionamento principal, entre Jano e Mundo. Já a narração de Ranulfo funciona como uma lembrança. O próprio Milton Hatoum, em entrevista, revela que essa narração lhe tomou meses de trabalho até que ele encontrasse o tom correto daquela voz que construiria a vida anterior daqueles personagens:

Senti falta de uma pré-história da vida de Mundo, de sua mãe e de outros personagens que moravam no Morro da Catita, antes do casamento de Alícia com Jano. Então passei uns oito meses escrevendo essa narrativa, até encontrar o tom da voz desse outro narrador, que conta outra história, diferente da história narrada por Lavo. Quis acentuar a aparente “impessoalidade” de Lavo, embora este sinta atração e medo do pai do amigo (HATOUM, *apud*. BORGES, 2015).

É através da fala de Ranulfo que ficamos conhecendo os desejos de Jano quando Mundo era pequeno, e o espaço que o próprio Ranulfo acabou ocupando na vida do menino, autorizado por Alícia.

Pinheiro (2014), em artigo voltado à análise do dossiê das doze versões de *Cinzas do Norte*, separou o material em dois: um contendo a carta de Ranulfo e outro, sem. Segundo a autora, a carta de Ranulfo significa, para o romance, um elemento fundamental na construção coerente e eficiente da verossimilhança pretendida pelo autor, afastando a possibilidade de alguns personagens não possuírem densidade e se aproximarem do tipo:

Na versão *Retratos de um Pai*, não existia a longa carta. O tom do narrador principal era muito mais duro e ressentido em relação a Ranulfo. As fragilidades das primeiras versões vão se resolvendo à medida que Ranulfo surge como narrador e descreve a misteriosa origem de Alícia (dando-lhe densidade necessária), o início da relação amorosa e o surgimento e desenvolvimento da função paterna assumida por Ranulfo, que acreditava ser pai de Mundo. (PINHEIRO, 2014, p. 173)

O título dessas primeiras versões (*Retratos de um pai*) aponta para a questão central desta tese: a da paternidade. Em *Cinzas do Norte* nos interessa abordar alguns aspectos: o desejo de Jano de ser “o” patriarca, como fora seu pai; o fato de durante toda a narrativa termos um segundo narrador, Ranulfo, que, por cartas nunca lidas, conta a Mundo a história de amor vivida com sua mãe, Alícia, deixando no ar a possibilidade de ser seu pai biológico, e a revelação, ao final da narrativa, de que o

pai biológico de Mundo é Arana, um artista de Manaus. Ou seja, explorar as três formas de exercício da paternidade do romance.

Olhar para *Cinzas do Norte* a partir do viés da paternidade força o leitor a escolher alguns caminhos de leitura. O primeiro caminho que trilharemos é a construção da figura paterna, dos três “pais” existentes no romance. Como os narradores os veem (e veem a si próprio, no caso de Ranulfo), e como são vistos pelos demais personagens. Jano gostaria que Mundo o tivesse como modelo e quisesse perpetuar seus valores e a empresa familiar; Ranulfo queria que Mundo fosse seu filho, pois deste modo seu amor por Alícia teria uma “concretude”; Arana “inicia” Mundo no universo das artes, tenta remeter-lhe dinheiro quando sabe que ele está em dificuldades na Europa, mas não parece desejá-lo como filho.

Lavo, o narrador principal, nos apresenta Jano como pai de Mundo, aquele que responde financeiramente pela manutenção da família, que deseja que o filho siga suas orientações e incorpore os valores que lhe são caros, mas em diferentes passagens avança a hipótese de Ranulfo, seu tio, ser o pai biológico de Mundo, considerando a relação amorosa que o une à mãe de Mundo, durante toda a vida dos dois. A única hipótese que nunca ocorre a Lavo, mas que surpreendentemente é apresentada ao final, é a da paternidade biológica de Mundo ser atribuída a Arana.

O tempo decorrido entre a morte de Mundo e a narração de Lavo foi importante para a memória trabalhar os fatos. Tempo também necessário para que a informação e a vivência se transformassem, para o que foi se misturasse com o que “eu acho que foi”, criando o que Todorov chama da “potência da memória”, que nunca é alcançada pelas narrativas históricas (TODOROV, 2015).

A narrativa principal é eivada de depoimentos do próprio Mundo e de outros personagens que conviveram com a família, importando sobremaneira as falas de Naiá e de Macau, respectivamente empregada e motorista da família Mattoso, que partilharam a vivência familiar em todos os momentos, podendo testemunhar sobre a (não) convivência entre pai e filho.

Quando começou o afastamento de Jano e Mundo? Motivo do rápido casamento entre os pais do menino, o fato de ela estar grávida não é importante a ponto de evitar que o marido viaje com o pai (o velho Mattoso) à Vila Amazônia, segunda propriedade da família, em Parintins, bem próximo do final da gravidez da mulher, e só retorne três semanas depois, quando o menino já nasceu. Nesse momento, antes mesmo do nascimento de Mundo, já fica marcado o modelo paterno

de Jano. É o pai quem manda, a quem ele, filho, deseja agradar e obedece sem questionar. Como construir um outro relacionamento pai-filho? Seria necessário um forte laço afetivo que conseguisse apagar as marcas sociais e de educação em Jano, o que não ocorre.

*Cinzas do Norte* não é uma narrativa de família feliz. Inscrevendo-se na linhagem dos romances anteriores de Hatoum, é uma narrativa que toca feridas, sobretudo aquelas ligadas a relacionamentos afetivos, familiares, de casais, de irmãos, parentes e amigos. Há desesperança e afastamentos, e a derrocada final é anunciada no decorrer da trama.

As grandes estradas a percorrer na análise literária a partir do viés da paternidade constituem-se pelas falas de Jano como pai (o que ele espera de Mundo como seu filho) e de Mundo em relação ao pai; os desejos de Ranulfo face a Mundo e vice-versa; a relação de Mundo e Arana. Ao lado das falas e diálogos dos personagens, importarão sobremaneira as dos narradores, pois de formas mais (Ranulfo) ou menos (Lavo) comprometidas afetivamente com a questão, ressaltam diferentes aspectos do caráter das personagens que exercem funções paternas.

Um outro ponto que perpassará a análise dos três diferentes relacionamentos paternos do romance é o pano de fundo sócio-histórico da ditadura militar instaurada em 1964 no Brasil. O romance se desenrola principalmente após a década de 1950, quando nascem Mundo e Lavo. Contudo, a vinda do pai de Jano ao Brasil data de antes de 1945, quando o velho Mattoso compra a Vila Amazônia, já com a plantação de juta, cujas sementes foram trazidas do Japão na década de 1930.

De todo modo, o contexto temporal da narrativa são as décadas a partir de 1960, e a situação histórica mais explorada é a do regime militar. Cada um a seu jeito e conforme às suas ideias e aos acordos que fazem, relacionam-se com os militares, seja sujeitando-se a eles, seja rebelando-se, seja negociando. Novamente, Maria da Luz Pinheiro:

O regime militar é o contexto em que se desenrola a história de Mundo. A relação entre ele e o pai reproduz as relações de poder em vigor: autoritarismo, violência, imposição e desrespeito aos direitos do indivíduo. Ranulfo, Mundo e Lavo, cada um à sua maneira, resistem ao autoritarismo nas suas relações públicas e pessoais (PINHEIRO, 2014, p. 175).

A autora afirma que nem Lavo nem Ranulfo podem ser chamados de revolucionários; são contrários às ideias conservadoras, mas não atuam efetivamente para buscar a mudança social:

Ranulfo não consegue intervir na própria história. Segue dominado por um amor clandestino e um simulacro de paternidade. Suas posições políticas não vão muito além de conversas em mesas de bar e pequenas vinganças motivadas mais por ciúme que por ideologia. Lavo observa, testemunha, escreve e tenta ler seu contexto. Segue sua vida ora anestesiado, ora pasmado com seu entorno. Não foge, mas também não confronta. Opera nas margens. Mundo, confuso entre a opressão no público e no privado, acredita que a arte poderá libertá-lo e traz para a esfera pública seu inferno privado. Mas não consegue transformar sua realidade, ou melhor, dar sentido ao seu tumulto interno. São três personagens que oscilam entre o tipo e a profundidade. Um intelectual, um artista e um sobrevivente (PINHEIRO, 2014, p. 179).

Na verdade, à semelhança do que acontece com Omar de *Dois irmãos*, a revolta de Ranulfo só ultrapassará a resistência passiva, baseada sobretudo no discurso, por iniciativa de Mundo, quando eles preparam a instalação do *Campo de Cruzes*, obra de Mundo auxiliado por Ranulfo que consistia em cruces pretas enfileiradas no bairro popular Novo Eldorado, à semelhança de um campo fúnebre, criada para mostrar que aquele lugar lembrava mais um cemitério do que a terra prometida, o Eldorado. Contudo, mesmo Mundo, como afirma Pinheiro (2014), não consegue atingir nem a mudança individual, pois, embora tenha passado todo o tempo de sua vida pós-adolescência em conflito com o pai, não se desvencilha nem depois que vai viver na Europa. Sua ação mais efetiva foi a série de sete quadros que ele traz da Europa, *História de uma decomposição - Memórias de um filho querido*.

O título dessa obra é emblemático do que constituiu a vida dos dois personagens: um processo de decomposição: dos afetos, dos seres em jogo, da estrutura que vivia em torno deles (familiar, de amigos e empregados). As relações afetivas na narrativa possuem sempre marcas da incompletude, apontando talvez para a dificuldade relacional entre os indivíduos, tema recorrente nas obras de Hatoum. Mesmo a amizade que une Mundo e Lavo passa por altos e baixos, com dúvidas e ressentimentos de ambos os lados.

## 5.1 JANO E MUNDO

Esta é a dupla fulcral ao se pensar a análise da paternidade em *Cinzas do Norte*. Jano se crê pai de Mundo. Em nenhum momento da narrativa, aliás, há a menor desconfiança dele com relação a esta paternidade, mesmo se considerarmos Ranulfo, de quem Jano tem ciúmes permanentes. As dificuldades relacionais entre ele e Mundo se devem a outras incompatibilidades, sobretudo porque Jano não consegue se ver refletido no filho e não aceita o desejo do filho. Jano tem do relacionamento pai-filho um modelo e uma ideia patriarcal, de uma estrutura em que devem existir os que mandam e os que obedecem. Na verdade, essa percepção marca todos os relacionamentos deste personagem, que se coloca em ambos os papéis, dependendo de seus interlocutores.

Inicialmente, Jano fica eufórico quando sabe que teve um filho homem. Chama-o somente de “herdeiro”, alcunha que não agrada Alícia; festeja o primeiro ano de vida do menino de forma memorável, registrada em fotos e matérias na imprensa local, constituindo motivo de orgulho do pai. Esse orgulho, contudo, só permanecerá enquanto Mundo não mostrar seus interesses artísticos e seu total desinteresse pelo que move o pai, inclusive ideologicamente. Ao falar do destino da Vila Amazônia após sua morte, Jano diz a Lavo que vai morrer sem herdeiro. Suma ironia de quem só tratava a criança de herdeiro!

Ao lado de manifestações de amor paterno conformes à ideologia patriarcal, de se erigir em modelo de conduta e tentar influenciar as escolhas do filho, tanto afetivas quanto profissionais, somam-se atitudes violentas com relação à criança. Desde pequeno, Mundo preferia conviver com meninos pobres, brincar na rua e desenhar sozinho. Jano não entendia essas preferências e questionava Alícia, que inclusive tentou aproximar o filho das crianças da vizinhança rica em Manaus, sem sucesso:

Tua mãe quis te aproximar dos garotos da redondeza do palacete, filhos de grandes comerciantes e magistrados. Foi um desastre. Tu ficavas ensimesmado numa redoma de mau humor e mutismo, desprezando aviões metálicos, ursos que tocavam tambor, carrosséis com cavalinhos coloridos (HATOUM, 2005, p. 251).

Jano não apenas reprovava os desejos do filho, como o trancava no porão como forma de impedi-lo de sair e brincar na chuva. O pai acreditava que, desse

modo, acabaria por mudar os interesses do filho. Nessa época Mundo contava somente cinco anos, ficava trancafiado no porão e era obrigado a ficar o dia todo sozinho, como um prisioneiro dentro da própria casa.

Perguntavas a tua mãe por que tudo era tão escuro e por que agora só escutavas o barulho da chuva e das trovoadas e por que tinhas que comer sozinho e só podias sair à noite pra ir dormir no quarto, e ela, tua mãe, não sabia o que dizer (HATOUM, 2005, p. 252).

A cena aparece em uma das cartas de Ranulfo. Somente por elas o leitor tem conhecimento dos desmandos paternos e das insanidades e manias de Trajano Mattoso. Por essas histórias, percebemos que vai se desenhando um afastamento afetivo entre pai, mãe e filho que só se aprofundará com o tempo, culminando na falta de afeto que marcará os relacionamentos entre estes personagens.

A passagem em que Mundo mostra seus desenhos a Jano, e este nem olha para as folhas de papel, também nos é narrada por Ranulfo. A personalidade doentia de Jano vai sendo pouco a pouco desmascarada, assim como a submissão de Alícia, cuja reação era nervosa (“tua mãe cachinava de tanto nervosismo” (HATOUM, 2005, p. 252), ou beber e jogar [“Sabia que a doença do marido não era apenas um mal do corpo. Se fosse, tua mãe não teria começado a beber e jogar” (HATOUM, 2005, p. 254)].

A primeira referência a Jano no romance é feita por Lavo. Estão juntos, ele e Mundo, e Macau, chofer dos Mattoso, chama o menino para almoçar, enquanto o pai permanece calado e com o rosto voltado para o outro lado. Ele queria que Mundo fosse almoçar em casa? Por que, então, é o motorista e não o pai que o interpela?

Momentos depois, Jano vai à casa de Lavo. Este o descreve ressaltando aspectos que figuram um homem envelhecido, mas com a mesma “pose” de sempre. Hipoteticamente, Jano veio dar as boas-vindas a Ramira, que se mudara há pouco, mas pergunta a Lavo o que ele e Mundo conversavam perto do colégio Brasileiro. Na verdade, Jano age como um policial com Mundo: fica tomando conta de tudo o que o filho faz, que amigos tem, onde passa os dias, do que gosta e do que não gosta.

Dias depois, Jano manda entregar, na casa de Ramira, uma tartaruga, que ele chama de “dádiva da Vila Amazônia” (HATOUM, 2005, p. 29). Apesar de a tartaruga ser apresentada como um presente, Ranulfo apontará para uma faceta de Jano, que só se revelará depois: “Dádiva da Vila Amazônia, essa é boa.... Jano sabe negociar. O que ele quer de vocês?” (HATOUM, 2005, p. 30). No dia seguinte, isso

ficará claro quando Jano propõe a Lavo pagamento em troca de um “trabalho”, conforme suas próprias palavras: arranjar uma mulher para Mundo e afastá-lo de Arana, cuja negatividade, para Jano, residia no fato de ser artista. Sem qualificar ou descrever Jano, as falas do narrador levam o leitor a perceber e começar a construir o caráter do personagem. Caráter que se confirmará pelas palavras de Mundo: “Tu sabes o que meu pai é capaz de fazer”, isso logo após perguntar a Lavo: “A cumplicidade tem preço?” (HATOUM, 2005, p. 142).

No dia seguinte, quando Lavo vai levar ao palacete a tartarugada preparada por Ramira, os donos da casa o convidam para entrar e Jano resolve mostrar a casa ao rapaz. Ao entrar no quarto de Mundo, o pai desqualifica os desenhos e pertences do filho, argumentando: “Nenhum livro de matemática nas estantes. Só arte, poesia... Pior ainda: nenhuma fotografia de mulher, a não ser da mãe. Meu filho não pode continuar assim” (HATOUM, 2005, p. 33). Esta passagem é interessante por mostrar o que Jano entende como positivo (livro de matemática, foto de mulher), como ele qualifica a arte e a poesia: vício, mania, mas também por aparentemente demonstrar uma preocupação legítima com Mundo, pois aparentemente todas as observações que ele faz a Lavo decorrem de sua preocupação com o filho, que não poderia continuar do jeito que estava.

Se é dessa forma que ele vê a arte, como considerá-la um trabalho? Como aceitar o pendor de seu filho para uma atividade menor e sem dignidade? Também sem precisar de explicações ou descrições, a personalidade de Jano vai aparecendo aos olhos do leitor. E suas palavras confirmam o que o próprio filho dirá a Lavo sobre o interesse do pai por arte: “Ouve música clássica só para dizer que conhece essa ou aquela sinfonia ou sonata. Vive citando um maestro ou pianista famoso, uma orquestra... Não é difícil impressionar o coronel Zanda” (HATOUM, 2005, p. 64). E confirmam também sua preocupação em agradar e impressionar os militares.

A passagem nos dá também a dimensão do afastamento entre pai e filho: não há, neste momento da vida dos dois, quando Mundo já é adolescente, a menor possibilidade de acordo entre visões de mundo tão díspares. Além disso, mágoas da infância foram se acumulando: em Mundo por nunca ter tido o carinho nem o interesse do pai; em Jano, por Mundo também nunca ter demonstrado interesse por aquilo que o pai valorizava e por preferir a companhia de pessoas mais simples, o que era inaceitável para Trajano.

A narrativa se constrói em volta desse desencontro. E dessa desconfiança mútua. O filho acredita que o pai só planeja ações para atrapalhar ou limitar sua vida; o pai vê nas atitudes do filho unicamente formas de manifestar a revolta contra os desígnios paternos. Inclusive a desconfiança de Mundo com relação à opinião de Ranulfo sobre Arana está relacionada a esse fato: “Eu não queria acreditar, porque meu pai pensa a mesma coisa do Arana, e o meu pai sempre pensou contra mim” (HATOUM, 2005, p. 146)

Na sequência da passagem em que Jano mostra a casa a Lavo, o primeiro convida o rapaz para dar uma volta, sem perguntar se este tinha algo a fazer ou mesmo se desejava passear. Mais uma fala que ajuda a construir a personalidade de Jano, agora ressaltando o aspecto autoritário. Personalidade que vai igualmente se identificando com um outro contexto: “Treinamento militar, disse Jano, saudando um oficial. Falta isso ao meu filho... correr e saltar com coragem, que nem esses rapazes armados” (HATOUM, 2005, p. 34). Essa preferência de Jano vai se desenhando pouco a pouco, mas no decorrer do romance se agiganta: seus amigos são os interventores militares em Manaus; o sonho dele é ver Mundo no colégio Militar, principalmente em função da disciplina, o que acaba levando o filho a uma derrocada física e mental. São valores basilares da personalidade de Jano: disciplina, obediência, amor à ordem, hierarquia. Todos eles abominados pelo filho.

Outra característica da personalidade de Jano que se entrevê nesse capítulo é sua total indiferença pelos desejos do outro. Ou ele se submete, o que acontece quando está junto aos militares, ou ele tem de submeter o outro, atitudes que o aproximam novamente da ideologia e do modelo da família patriarcal. “Não se importava com o fato de eu estar ali, contra minha vontade, presenciando exercícios militares, ou observando sua expressão de triunfo, como se comandasse os movimentos” (HATOUM, 2005, p. 34).

Também já podemos observar nesse início do romance a idolatria de Jano pelo pai, sentimento que percebemos que ele gostaria que Mundo nutrisse por ele: “‘Não joga nada fora’, disse Jano. ‘A vida do meu pai está arquivada aqui. Ele veio de Portugal sem um tostão no bolso. Só coragem e vontade de ser alguém. Um homem religioso que acreditava na civilização, no progresso’” (HATOUM, 2005, p. 35).

Mais uma vez cresce aos olhos do leitor uma personalidade amante da ordem, progresso, religião, família e propriedade.

Em seguida, Jano toma a atitude que vai revelar sua pequenez de caráter, além de mostrar os valores que ele atribui às relações, o que vai se confirmar quando observarmos suas atitudes com relação aos militares, a quem bajula e se submete, não só por interesses econômicos (o Coronel Zanda, quando era prefeito de Manaus, estava negociando com Jano a compra de juta da Vila Amazônia), mas por comungarem os mesmos valores. Sua proposta a Lavo para que ele arranje uma mulher para Mundo e o tire do convívio com Arana, valeria uma fortuna. Aqui o comentário de Ranulfo passa a ter sentido, e entendemos a visita de “boas vindas” e a tartaruga presenteada.

Assim, mesmo sem ainda termos presenciado cena alguma entre Mundo e Jano, o caráter desse último vai sendo construído por palavras do narrador, do próprio Jano e por suas atitudes, que, ou são autoritárias ou são baseadas em interesses econômicos.

A primeira referência de Mundo ao pai é quando ele pergunta a Lavo, que vai a seu encontro no ateliê de Arana, “Meu pai sabe?” (HATOUM, 2005, p. 40). Já é possível percebermos uma dificuldade no relacionamento entre os dois, que vai se explicitar na sequência: “Jano [...] desconfia de tudo. Me vigia o tempo todo, me persegue... No fundo, me despreza” (HATOUM, 2005, p. 44).

Agora, pela boca do filho, ficamos sabendo do tipo de relação que existe entre ele e o pai. E esse desprezo vai aparecer em todos os momentos que Mundo se refere ao pai. Ao brindar pelos 40 anos do pai, Mundo diz que ele deve comemorar só o tempo que viveu sem o filho. O primeiro diálogo entre os dois, que acontece no percurso de Manaus à Vila Amazônia, também é rude:

Ele fechou o caderno, e já ia descer para a cabine, quando Jano surgiu na porta da saleta e ordenou: ‘Toma teu banho e vem jantar conosco’  
 ‘Não vou comer.’  
 ‘Como?’  
 ‘Não vou comer aqui’, repetiu Mundo e desceu.  
 ‘Devias ter ficado na cidade. Tu e esse caderno com rabiscos obscenos’ (HATOUM 2005, p. 62).

Jano ordena, não pede. Mundo faz questão de contrariar o pai; Jano faz questão de desprezar o que agrada ao filho. E a incompreensão continua. Mais do que incompreensão, total diferença de valores e objetivos:

Quando Jano voltou, foi logo dizendo ao filho: ‘Estás vendo? O Macau encheu o iate de alimento e ainda ganhou uns fardos de malva. Tudo isso por umas caixinhas de ninharias. Vai aprendendo...’.  
 ‘Aprendendo a enganar?’, perguntou Mundo.  
 ‘A trabalhar’, emendou Jano. ‘Foi isso que o Macau fez.’  
 Mundo murmurou para mim: ‘Pensa que eu sou um idiota. Ele é que é louco, duas vezes doente’ (HATOUM 2005, p. 62).

Depois desse diálogo, Mundo diz a Lavo que Jano não aceita que o filho possa ser diferente dele. Na verdade a impossibilidade do relacionamento entre pai e filho é fortemente baseada nessa não aceitação das diferenças, postura que vai corroborar o aspecto autoritário da personalidade de Jano. Ele não reconhece em Mundo o filho que projetou; Mundo não vê em Jano o pai que gostaria de ter. São personalidades opostas que, contudo, passaram a vida em busca de aprovação mútua.

É interessante percebermos, igualmente, a conotação que existe nas atitudes de pai e filho: Jano nos é apresentado pelo narrador como o homem da “ordem”, alguém para quem apenas os valores ligados à tradição e ao exercício unilateral do poder importam. No caso em tela, esse poder autoritário e discricionário é assumido pelos militares, de quem Jano é parceiro e admirador, e por ele enquanto personificação do patriarca, que deve ser obedecido e não questionado. Mundo é a figuração do oposto literal da figura paterna: é um indivíduo que despreza a ordem e as retidões exigidas por um mundo em que não pode haver sopro de liberdade nem convívio entre diferentes. Amante da arte, a pouca importância que ele atribui à ordem é evidenciada nas suas roupas e atitudes que assume nos diversos colégios em que estuda. Oposto ao pai, Mundo questiona o exercício autoritário do poder pelos militares, a quem enfrenta definitivamente no episódio do *Campo de Cruzes*, que “fecha” um percurso de revolta e questionamento do abuso do poder político (em nível da sociedade) e paterno (no âmbito familiar).

A história pregressa entre pai e filho nos é apresentada quase que exclusivamente por Ranulfo, em suas cartas a Mundo. Nem Mundo, nem Jano, nem Alícia fazem qualquer referência a isso. O narrador, por vezes, pergunta a Mundo sobre as causas do afastamento entre os pais, por que Alícia não os acompanha à Vila Amazônia, mas não chega ao ponto fulcral das razões da distância entre pai e filho, por desconhecê-las. Serão as falas de Mundo revelando algumas cenas dele com o pai que nos mostrarão a falta de afeto no relacionamento deles. Porém, a pré-história do relacionamento dos dois só será revelada ao leitor na narração de Ranulfo, que a conhecia por ter convivido com Alícia e Mundo desde o nascimento do menino

(conhece-o antes de Jano, no hospital), e partilhou a vida com Alícia desde antes do casamento com Jano. Será Ranulfo, inclusive, quem tentará se opor de forma efetiva às insanidades de Jano, “Se eu visse teu pai naquela noite, seria capaz de matá-lo. [...] Aí eu disse a Alícia: ‘Esse louco vai matar teu filho’, e isso ela entendeu, ficou preocupada” (HATOUM, 2005, p. 253).

Depois de Mundo ter sido expulso do colégio Brasileiro, tem lugar uma cena em que a violência de Jano se evidencia. Jano quer que o filho estude no colégio Militar, como punição à sua atitude de discutir com o professor de História que elogiara o governo militar, rasgar a farda, pendurar os pedaços na janela e fazer caricaturas do professor e do diretor do colégio. Essa cena é importante na narrativa por ser uma das poucas em que presenciamos um diálogo entre pai e filho. Diálogo de surdos, pois apesar da intermediação de Palha (amigo de Jano), não existe possibilidade de compreensão entre os dois. À argumentação de Palha de que Mundo era um sonhador, Jano retruca: “É um destruidor de sonhos, isso sim [...] Um sonhador não ignora o trabalho de meio século! A Vila Amazônia...” (HATOUM, 2005, p. 118). E aí presenciamos o clímax dessa passagem, com o diálogo entre os dois, pontuado por falas do narrador:

‘Mundo perdeu três anos, foi humilhado no Pedro II, expulso do Brasileiro. Agora vai enfrentar o internato aqui, perto do pai. Vai conviver com gente humilde, receber ordens de oficiais do Exército e respeitar os valores.’  
 ‘Receber ordens?’, repetiu Mundo, exaltado. Apontou o dedo para o pai: ‘Tu podes dar ordens para o teu cachorro e para os teus empregados. Eu não recebo ordens.’ [...] [Palha] Ficou entre o pai e o filho, braços e mãos abertos, tentando aproximar um do outro, mas os dois se esquivaram. [...] Jano se aproximou do filho e berrou: ‘Nem morto vou te deixar em paz’. Mundo riu na cara dele: riso nervoso, ferino.  
 ‘Ninguém te pôs nos eixos. Uma pessoa não pode ser totalmente livre, ninguém pode. O coronel Zanda vai dar um jeito.’  
 Tentei levar Mundo para a escada, ele resistiu e encarou o pai: ‘Zanda? Grande vigarista. Esses teus amigos...’ [...] A voz de Albino Palha se calou com o estalo de um golpe: o cinturão do pai atingira o pescoço de Mundo; a outra lambada açoitou seus ombros, e eu corri para segurar a mão de Jano (HATOUM, 2005, p. 119-121).

A citação é importante, pois, ao lado de apenas uma outra cena, ao final do romance, podemos testemunhar como se dava o combate entre os dois. Jano é um ser em extinção: pai à moda antiga, vê em Mundo unicamente a figura de seu herdeiro, alguém cujos desejos e objetivos na vida deveriam coincidir com os previstos pelo pai

e avô: perpetuar o nome e o negócio da família. É incapaz de olhar e reconhecer o filho como alguém diverso do pai e avô, com interesses artísticos e questionador do poder autoritário. A narrativa é toda construída em torno da incapacidade mútua de compreensão.

Após essa cena, Mundo decide estudar no colégio Militar, como interno, para não voltar mais para sua casa. E diz a Lavo:

‘Vou topar a aposta com meu pai, Lavo. [...]’  
 ‘Qual é a aposta?’  
 ‘Vou estudar e morar no Colégio Militar. [...]’  
 ‘Não quero fugir. Agora quero ir até o fim.’  
 ‘Até o fim, como?’  
 ‘O fim da vida...da minha ou da dele. Não é a aposta que ele quer fazer?’ (HATOUM, 2005, p. 123).

Na mesma página, Mundo dissera a Lavo: “Um pai não pode gostar mais de um cachorro do que de um filho” (HATOUM, 2005, p. 123). Embora não exista mais possibilidade de acordo entre os dois, essa fala de Mundo testemunha o desejo que ele nutria de ser amado pelo pai, desejo que já ficara evidente na cena em que Mundo criança mostra o desenho ao pai, que nem se dignou a ver o que era.

Na viagem à Vila Amazônia, ao pararem para ajudar um barco em pane, presenciamos uma outra cena em que o caráter e valores de Jano se evidenciam:

[...] e então Jano presenciou a cena com que sonhava: o filho grudado ao corpo de uma moça; dançavam agarrados, de olhos fechados, as mãos de Mundo acariciando o pescoço, os ombros da garota. [...] Jano suportou, feliz, o som alto da música e o cheiro de óleo queimado. Sorria apalermado para mim, como se eu fosse cúmplice, sem conseguir ver na esbórnia uma provocação alucinada (HATOUM, 2005, p. 66).

Lavo, em seu relato, revela o que Jano não consegue ver: tudo isso é falso, como falsa será também a anuência de Mundo em ir estudar no colégio Militar, como interno. O pai não conhece, ou quer desconhecer, o filho. Na sua loucura, tenta se convencer que Mundo assume seus valores como os dele. Contudo, essa postura só aumenta, aos olhos do leitor, a insanidade em que se transformou o relacionamento entre pai e filho. Ademais, o que é valorizado por Jano? Interessar-se por matemática (que seria o antídoto ao interesse artístico do filho), ter fotos de mulheres no quarto, relacionar-se com meninas, ser disciplinado, ter como objetivo de vida replicar o modelo de patriarca familiar, ou seja, reproduzir a ele, Jano. Não são discutidas, por saírem desse modelo perfeito, a falsa vida afetiva entre ele e Alícia, sua subserviência

com relação aos militares, os poderosos do momento, a inexistência de relacionamentos reais em sua vida, que são baseados sobretudo nas aparências.

O que ressalta na narração são as passagens em que o próprio Lavo apresenta essa impossibilidade de Jano ao leitor. Ele pensa alto e procura entender as razões da revolta do filho:

De vez em quando Jano levantava para ver o filho estirado na popa, debaixo do aguaceiro. Dava uns passos na saleta, mordida os lábios, perguntava: 'De onde vem essa revolta?'. Não se dirigia a mim: era como se ele mesmo tentasse responder à voz rouca e inútil, sufocada pelo barulho da chuva (HATOUM, 2005, p. 67).

Ele não sabe responder. Sobretudo, por não conseguir questionar seus valores e atitudes. Jano se vê como um pequeno deus, imagem inclusive usada por Lavo ao descrever sua postura no barco ao chegarem à Vila Amazônia. Nada que se afasta do que ele acredita correto é aceito, nem mesmo considerado como hipótese possível.

Os dias na Vila Amazônia são emblemáticos. Mundo, em geral, não divide as refeições com o pai; na única vez em que isso acontece, o desfecho é péssimo, pois Jano manda trazerem a mãe e o suposto filho que Ranulfo deixara na propriedade (fato que, depois, nos relatos de Ranulfo, revela-se ter sido um arranjo entre ele e a mulher, que estava grávida de outro) para mostrá-los a Lavo, o que irrita Mundo.

Jano trata os trabalhadores como pessoas de menor valor, que deveriam ser eternamente gratos a ele e ao pai, que, segundo Jano, "plantaram a civilização" naquele lugar. Ele é incapaz, igualmente, de entender a razão de o índio Nilo não ser enterrado na Vila Amazônia, e pergunta a Lavo: "Por que não foi enterrado aqui? [...] Ele e a mulher sempre viveram de favor. [...] Esquecem nosso esforço, nossa dedicação" (HATOUM, 2005, p. 73).

Essa empáfia faz com que ele tenha dificuldade em entender o ponto de vista dos demais, sobretudo se muito diverso do seu. Porém, a dificuldade maior em compreender as diferenças entre ele e Mundo está relacionada ao fato de ele, até esse momento, comungar dos valores que eram os de seu pai, em uma postura de inquestionável continuidade, tanto nos negócios, quanto na estruturação dos laços familiares, que reproduzem o modelo patriarcal de família brasileira.

Muitos estudiosos desse modelo familiar, como apresentado no capítulo 2, afirmaram que a família brasileira se constituiu sob a marca do modelo patriarcal.

Importa ressaltar é que mesmo não constituindo sua família via contratos jurídicos matrimoniais, nem possuindo uma estrutura econômica e social de dependência entre os que compunham o grupo familiar, o modelo simbólico de família que predominou no país até meados do século XX foi aquele em que a figura paterna era a dominante, de onde emanavam a ordem e as referências de conduta.

Como ficou dito em capítulo anterior, a estrutura da família patriarcal e a mentalidade dela decorrente prevaleceram no Brasil durante três séculos e constituíram os suportes da nossa civilização, atuando com força centrípeta para harmonizar e agrupar diferentes peculiaridades e discordâncias, englobando não só os membros da família, como todos os que viviam em torno dela. Funcionou como um instrumento disciplinador e centralizador, instituindo uma ordem que teria sido impossível de existir em uma nação em formação (CANDIDO, 1951, p. 304).

Lembremos que o patriarca clássico é apresentado na tradição, literatura e lendas como um líder truculento e autoritário, de costumes rudes, severo e de coração duro, muito diligente com sua própria dignidade. Um ser acostumado à violência infligida ou recebida. Jano, por vezes de forma até caricata, corresponde a este modelo. Ele constrói seus relacionamentos sobre o medo, que ele inflige aos outros ou que lhe é infligido. Lavo, em conversa com Mundo, deixa isso claro: Jano teme os militares e as reações destes às ações de Mundo, e também teme Alícia, ou melhor, tem medo que ela o deixe. Com a maioria dos demais personagens, sua relação é de imposição da sua ordem e de seus valores. O interessante na construção do caráter desse patriarca é a solidão em que essas atitudes acabam por mergulhá-lo.

Em toda a narrativa, o único personagem que nutre uma verdadeira afeição por Jano é Ramira, que pouco a pouco vai construindo inclusive um amor platônico. Admira-o pela “mistura de riqueza material e correção moral” (HATOUM, 2005, p. 38), e só o critica por ter se deixado engambelar por Alícia. Naiá, Macau e Palha, personagens que também mantêm uma relação afetuosa com Jano, têm laços profissionais com o empresário, o que já adiciona um aspecto diferencial à relação. O outro personagem com quem Jano se relaciona bem é Fogo, seu cão, a quem ele manifesta uma afeição verdadeira, fato que irrita Mundo. Hatoum, em uma de suas entrevistas, afirma ter se preocupado em dar relevo até a Fogo, pois acredita que o enredo existe através dos personagens, de seus conflitos e das relações que criam e mantêm (FUKE, 2005, p. E1).

Assim, vemos ser construído um contexto de falta de afeto e muito medo e submissão à ordem, o que justifica inclusive as alianças e a amizade que Jano nutria com os militares, a quem também se submetia. Mirella Márcia Longo (2008) aponta para o estreito relacionamento entre o patriarcalismo e a ditadura de 1964, afirmando que esta seria um “desdobramento quase natural do patriarcalismo presente na formação do país” (LONGO, 2008).

Em *Cinzas do Norte* o narrador e o próprio Jano evidenciam essa aproximação. A ética de Jano traz muito da marca desse momento obscuro da história política do Brasil: o que importa é a obediência cega, sem questionamentos; tudo deve ser controlado e punido. Jano incorpora muito bem as conveniências e o perfil dos asseclas do poder: preocupa-se muito com as aparências e com a aceitação social; a inclinação artística é episódica e superficial; as amizades são marcadas por interesse.

O fundo histórico da ditadura militar perpassa toda a narrativa e tanto Jano quanto seus amigos (Palha, Heródoto) são asseclas dos militares que dominavam Manaus depois do golpe.

Palha [...] se derrete todo na frente dos militares. [...] Jano voltou para a roda dos homens, e escutei uma voz elogiar o novo general-presidente; a mesma voz recitou um poema em homenagem ao marechal morto: ‘Um escudeiro do Amazonas’ (HATOUM, 2005, p. 46-47).

A referência é ao marechal Castelo Branco, que morreu<sup>14</sup>. O orador, contudo, entusiasmou-se a tal ponto, que o coronel Zanda, figura onipresente e representante máximo da ideologia militarista no romance, interpelou-o e o fez parar, afirmando que o governo militar tem “grandes generais”.

Afim ao “clima” daquele momento, de início da ditadura militar, Jano tenta controlar até os desejos do filho. E Mundo é a reação em pessoa. Tudo que o pai quer, ele nega. Metaforicamente, a relação dos dois poderia ser lida como a figuração de posturas opostas: a do militar, que se submete à hierarquia e acredita piamente que seu ponto de vista é o único correto para o país, e que aqueles que pensam diferente devem, preferencialmente, mudar de pensamento e comungar das mesmas ideias que ele; e a dos que resistiram a esse poder militar, pagando inclusive com a própria vida pela ousadia.

---

<sup>14</sup> Os personagens estão falando sobre o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, a quem nominam “Um escudeiro do Amazonas”, por ter sido ele quem assinou o Decreto-lei 288, de 28 de fevereiro de 1967 criando a Zona Franca de Manaus, também citado pelo coronel Zanda.

As posturas de Jano dependem dos grupos em que se encontra: com os empregados e a família, é um ser autoritário e que não sabe expressar o afeto, desprezando os menos favorecidos e desejando que o filho se submeta aos seus desígnios; com os militares, é submisso, chegando a se humilhar para agradá-los. Há um jogo de interesses, por vezes subliminar, mas em geral muito claro, que perpassa toda a narrativa.

Atitude completamente diversa têm Alícia e Mundo: ambos desprezam os valores e os amigos de Jano, ridicularizando suas falas, atitudes e até a voracidade como comem nas festas, quando são comparados a formigas devoradoras. Contra a obediência cega eles defendem a revolta. Revolta mais efetiva de Mundo, que - embora estilhaçado e permanentemente vigiado - constrói um caminho para si completamente diverso e independente do pai; revolta mais submetida de Alícia, que continua vivendo com Jano, mas mantém durante toda a vida a relação afetiva com Ranulfo, e só tem coragem de se rebelar após a cena em que Jano queima toda a obra e livros de Mundo.

Jano já tomara a mesma atitude na Vila Amazônia: quando Mundo não volta de Parintins, o pai entra em seu quarto, no qual havia muitos desenhos intitulados "Propriedade do imperador Trajano", e rasga um por um. Violência contra os desenhos e objetos artísticos de Mundo introduzindo um contexto em que haverá até violência física do pai contra o filho, e ao final do romance, do filho contra o pai. Violência também presente na denominação que Mundo dá à obra, pois a escolha vocabular imprime ironia e desprezo ao pai e à forma como ele vê suas posses (aí incluídas as pessoas, que ele acredita deverem obedecer suas determinações e serem eternamente gratas a ele e ao velho Mattoso, seu pai). No fundo a pergunta "É possível ser artista neste país?", uma das que deu corpo ao romance, subjaz a vários (des) encontros entre Jano e Mundo.

A assunção de um projeto familiar e a defesa de valores capitalistas e conservadores é o que Jano, que constrói sua vida e fortuna em meio à exploração dos índios e japoneses, na Vila Amazônia, e a acordos (nem sempre legítimos) com os militares, esperava que o filho replicasse.

Durante toda a narrativa vemos ser construído um relacionamento entre pai e filho sem o menor rastro de admiração e amor. Trajano nunca viu na arte uma possibilidade real de profissionalização e a cada desenho ou quadro de Mundo, mais o despreza. E Mundo nunca considerou a hipótese de dar sequência ao trabalho do

pai na empresa. A história dos dois é a tentativa de o pai “matar” o artista que existe no filho, e a hipertrofiada revolta que essa atitude acaba gerando no filho. (LONGO, 2008).

O pai, que pauta seu relacionamento com o filho por atitudes ditatoriais e por proibições, não consegue que o filho perceba essa ordem como algo positivo. Quando restringe sua atuação paterna a dar ordens, o pai se transforma na personificação da violência. Esse é o papel desempenhado por Jano com relação a Mundo. O pai torna-se uma “massa que esmaga” (JURITSCH, 1970, p. 154), pois não procura entender os diferentes interesses nem se colocar no lugar do filho, desejando apenas que Mundo cumpra os desígnios profissionais e pessoais que o pai defina como melhores e mais adequados ao desenvolvimento do filho.

Jano constrói sua paternidade com base nessa força destruidora que exerce durante toda a narrativa sobre o filho e que atinge o ápice no episódio em que ele queima os desenhos, quadros e livros de Mundo (HATOUM, 2005, p. 176-177), vingando a extrema ousadia que fora o *Campo de cruces*, e a conseqüente expulsão do colégio Militar. O diretor iniciou a reunião em que informaria Jano sobre as mentiras de Mundo e a expulsão com uma máxima que reflete bem os valores caros a Jano e ambos: “Não se brinca com o pai nem com a instituição.” (HATOUM, 2005, p. 184). Nessa passagem, novamente fica evidenciada a proximidade entre a atitude patriarcal exacerbada e a ditadura militar, ambas baseadas na manutenção da ordem, respeito às leis e inexistência de questionamentos.

Mundo conta a Lavo que Jano o usava para humilhar o filho: “[...] vivia dizendo que eu era um universitário e que estava prosperando. Que eu não tinha onde cair morto, mas ia ser um advogado, e ele, Mundo, não era nada, ninguém...” (HATOUM, 2005, p. 125).

Porém, Jano não consegue perceber que Mundo resiste sempre, até pela galhofa: “Vocês viram meu filho na Marcha dos Mascotes? Parecia um cadete.” (HATOUM, 2005, p. 127), ele afirma para Naiá e Alícia, e não entende que tudo não passa de uma farsa. Por isso fica atônito quando Mundo e Ranulfo constroem o *Campo de cruces*. Era uma ação do âmbito da vida real, não da idealizada, na qual Jano vivia.

Jano fica sabendo do *Campo de cruces* pelo coronel Zanda, e não percebe o que ocorreu quando chega ao Novo Eldorado. Ao ser informado por Zanda que o “cemitério” era exatamente a obra de Mundo, e que devia passar no gabinete do

comando do colégio Militar para falar com o diretor, pressentiu acontecimentos nefastos. Para um homem que admirava os militares e que passou todo o período que Mundo ficara no colégio Militar acreditando que houvera uma mudança no caráter do filho, a situação constituiu uma grande decepção. Além de perceber ter sido enganado o tempo inteiro pelo filho, Jano foi humilhado pelo diretor. Mundo falsificara assinaturas do pai, criara falsas viagens para acompanhar o pai doente, enfim enganara todo mundo. E Jano aparecia aos olhos do diretor como um pai sem pulso firme, que nada sabia da vida do filho e ainda era enganado sem desconfiar de nada. O diretor termina a reunião afirmando que Mundo e Ranulfo podiam ser presos e informando a Jano que o Comando Militar da Amazônia decidira pela expulsão de Mundo. Outra humilhação para Jano, que preparava uma festa suntuosa, com a presença até do arcebispo de Manaus, para a formatura do filho.

Depois de queimar todos os livros e obras de Mundo, a relação entre Jano e Alícia se deteriora definitivamente: ela o ataca fisicamente e se muda para o quarto de Mundo. A vida dos dois passa a ser ainda menos afetuosa. Quando Lavo decide sair em busca de Mundo, inicia pelo casarão. Enquanto espera para conversar com Alícia, comenta:

Fiquei uns minutos na sala, bisbilhotando os discos, a biblioteca e uns soldadinhos quebrados. Guerras, livros e música para uma vida. O dono daquele acervo odiava a arte do filho, talvez odiasse a arte e o próprio filho. Na cristaleira, a fotografia de Fogo, ainda filhote, nos braços de Jano (HATOUM, 2005, p. 190).

É interessante vermos, na boca do narrador, a diferença entre o tratamento que Jano dava ao filho e ao cachorro. Todo o carinho que ele dirigia a Fogo, nunca conseguiu direcionar ao filho. Isto é, Lavo mostra ao leitor que Jano era capaz de amar, mas exigia em troca uma obediência canina.

A conversa de Lavo e Alícia é interessante, porque, pelas palavras dela, ficamos sabendo um pouco da sua vida com Jano, a razão de ela permanecer casada, sua vida com Ranulfo e os sonhos do marido com relação ao filho. Ela cita a festa suntuosa que ele preparava para a formatura de Mundo, e que depositava no filho a esperança de um futuro econômico melhor para a família, uma vez que a juta estava decaindo em termos econômicos. Alícia fala, ainda, que, ao ajudar Mundo no *Campo de cruces*, Ranulfo fora longe demais, e justifica ter continuado com Jano porque “Uma mulher faz o que quer ao lado de um homem apaixonado” (HATOUM, 2005, p. 192).

E passa a contar a Lavo momentos entre ela e Ranulfo, explicando, de uma certa forma, o casamento com Jano e o carinho que ela deixou que fosse criado entre Ranulfo e Mundo. Pede pra Lavo almoçar com Jano e diz: “Ele te admira, Lavo. [...] Jano pensa que Mundo se degenerou. Tem medo do filho artista.” Mas Lavo sai do palacete insatisfeito: “Tive a impressão de que Alícia sabia onde Mundo e meu tio estavam escondidos” (HATOUM, 2005, p. 193).

O paradeiro de Ranulfo será revelado: ele fora apanhado e estava no hospital Beneficente Portuguesa. Ramira corre para ver o estado do irmão junto com Lavo, que, ao encontrar Mundo no meio do caminho, resolve segui-lo. Ao chegar ao palacete, vê Mundo dizendo ao pai: “por que não tiras o cinturão agora? Por que não me trancas no porão?” (HATOUM, 2005, p. 198). Mágoa concentrada por anos, vindo à tona. Mundo avança no pai, agora ele o poderoso:

Em pé, as mãos espalmadas no peito, Jano começou a recuar quando o filho avançou para cima dele. Corri, mas antes que eu pudesse segurar Mundo pela cintura, ele cravou as mãos na camisa do pai e o empurrou com violência (HATOUM, 2005, p. 198).

E, pela primeira vez, outra mágoa de Mundo transparece ao leitor: “Não quis me ouvir e, de mãos fechadas, berrou: ‘Me solta, porra. Vai lá com aquele covarde. Não és o filho que ele queria ter?’ ” (HATOUM, 2005, p. 199). Mundo tem ciúmes de Lavo da mesma forma que sentira de Fogo: essa cena comprova, mais uma vez, o desejo que o filho nutria de ser amado pelo pai, de quem nunca conseguiu realmente se libertar, embora tenha passado a vida lutando contra Jano e tudo o que ele representava.

Depois desse encontro, Jano passa mal e morre. Lavo diz:

Morto ou agonizante, Jano não me provocava piedade; mas eu não sentia raiva dele, nem aversão, nem sequer o menosprezava, e isso Mundo notara desde o começo da nossa amizade. O que eu sentia era medo de Jano... (HATOUM, 2005, p. 202).

Mundo não vai ao velório do pai. Lavo, sim. Na noite posterior ao velório, Lavo sonha com Jano dando um tiro no rosto de Mundo (HATOUM, 2005, p. 207). No sonho, a incompreensão que o narrador presenciara durante toda a narrativa toma a forma do assassinato do filho pelo pai. Assassinato que acabará por se concretizar metaforicamente, em ambas as direções. O filho mata o pai que, por sua vez,

impossibilita uma vida futura ao filho artista. Esse duplo assassinato é figurado pelo conjunto das sete telas que Mundo traz da Europa.

A morte de Jano não liberta Mundo. Na Alemanha e em Londres ele ainda sonha com o pai e a grande obra que traz em seu retorno ao Brasil – *História de uma decomposição - Memórias de um filho querido* – comprova isso. São sete quadros que apresentam, inicialmente, a figura do pai de corpo inteiro, jovem, segurando Fogo filhote e, na sequência, a decomposição progressiva dessas imagens. Nas quatro telas seguintes, as figuras e a paisagem vão se modificando e se deformando até desaparecerem. As duas últimas telas têm fundo escuro e objetos pendurados: farrapos da roupa de casamento de Jano e um par de sapatos dele: “[...] os sete quadros, com a história que o filho inventara, não apenas aludiam à vida e à morte do pai, mas traduziam a angústia de Mundo e eram o presságio de sua própria morte” (HATOUM, 2005, p. 294).

A vida de Mundo no Rio de Janeiro e depois na Europa testemunha sua impossibilidade de se libertar da figura paterna e conseguir abraçar seu sonho de viver de sua arte. Tanto na Alemanha, quanto em Londres, ele vive de favor na casa ou no ateliê de artistas seus amigos, faz serviços pouco qualificados e episodicamente consegue vender um quadro. Seu retorno e morte no Rio de Janeiro comprovam que pai e filho se matam figurativamente (embora possamos ler a violência de Mundo contra Jano como indutora da morte do pai), em função da ira aliada ao desejo de amor mútuo que alimentaram a vida dos dois e acabaram por determinar ambos os destinos. Alícia também não consegue construir uma vida livre do marido, com Ranulfo a seu lado e liberta do jogo e bebida. Cinzas de uma vida.

A cena em que Lavo a encontra no apartamento em Copacabana, muito mais simples do que aquele que possuía antes e teve de ser vendido para pagar dívidas de jogo, testemunha a restrição financeira em que ela se encontra. Alícia conta a Lavo que sobrevive com a ajuda de Naiá, que faz faxina para ajudar a antiga patroa nas despesas e completa afirmando que quando precisa vende um quadro ou um desenho de Mundo. A mãe do amigo fala, ainda, do fracasso que foi a tentativa de vida com Ranulfo após a morte de Jano: “Deu certo quando eu estava com Jano e tinha Mundo perto de mim. Sem meu filho, eu não podia... Teu tio tentou... ele quis...” (HATOUM, 2005, p. 290). E confirma a dedicação de tio Ran a Mundo: “Mas gostava muito do meu filho, gostava como um pai, mais que um pai. Teu tio ia à clínica todo dia” (HATOUM, 2005, p. 291).

Contudo, Alícia cala sobre o segredo que ela passou a vida escondendo. Inclusive, quando Lavo lhe pergunta se Mundo falava em voltar a Manaus, notícia que Arana vivia propagando, ela responde: “Não era por causa do Arana. Meu filho nem tocava no nome desse sujeito” (HATOUM, 2005, p. 297). “Sujeito” que, depois ficaremos sabendo, pela carta que Mundo deixou para Lavo, e que Alícia só entrega no último minuto, era o pai biológico de seu filho, com quem ela ainda mantinha contato e que inclusive lhe dera o dinheiro para ir à Europa buscar Mundo.

O tema da arte, um dos motivos da discordância entre Jano e Mundo, já evidenciado durante toda a narrativa pelos desenhos, pinturas e instalações que o rapaz cria, assume uma magnitude maior nessa última conversa de Lavo e Alícia. Ela mostra aquarelas que o filho fizera na Europa, paisagens e retratos de amigos, mas ressalta o conjunto *História de uma decomposição - Memórias de um filho querido*, que ela prometeu não vender. Ela se mostra surpresa com a representação que Mundo fizera, e diz: “eu implorei pra ele tirar aquele ódio da alma. Disse que não ia tirar o que sobrara da vida...’Memórias’, ele disse” (HATOUM, 2005, p. 293). Mundo explicita para a mãe em que a vida dele se transformara: mesmo com o pai morto, suas forças se dirigem a resistir a Jano. Lavo comenta as sete telas, sem o horror que Alícia demonstrava:

Ficou ali, imóvel, o copo vazio entre as mãos, talvez sem perceber que os sete quadros, com a história que o filho inventara, não apenas aludiam à vida e à morte do pai, mas traduziam a angústia de Mundo e eram o presságio de sua própria morte.  
‘Mundo passou muito tempo pensando nisso’, eu disse. ‘Foi sua maneira de expressar a vida. E tem sentimento...’ (HATOUM, 2005, p. 293-294).

As falas de ambos os personagens apontam para a vida de Mundo e confirmam a agonia que constituiu a resistência contínua aos desmandos paternos e sua conseqüente desesperança. Suas memórias são de ódio; o futuro era sua morte. Lavo ainda confirma que ele passara muito tempo pensando sobre essas impossibilidades de sua vida afetiva e profissional. As relações humanas que Mundo constrói têm, em geral, a marca da não entrega, da desconfiança; mesmo com Lavo, seu único amigo, há momentos em que isso fica evidente.

No capítulo final, anterior à carta de Mundo, Lavo deixa claro também sua intenção de escrever sua história, razão que o fazia procurar os tios: “Eram os únicos parentes que me restavam, e suas histórias podiam alimentar outra, que eu decidira

escrever” (HATOUM, 2005, p. 300). Além dele, Ranulfo também decidira deixar registradas suas impressões: “Perguntei o que estava escrevendo. ‘O relato sobre Mundo’, disse, triste, mas orgulhoso. ‘Histórias... a minha, de Mundo e do meu amor, Alícia” (HATOUM, 2005, p. 302).

Assim, a estrutura da narrativa se desvenda aos olhos do leitor. A intenção de Lavo era contar a história de Mundo sob um ponto de vista mais objetivo, lançando mão do que ele presenciou, do que dividiu em conversas com Mundo, Jano, Macau, Naiá e os tios, das histórias entreouvidas aqui e ali; o relato de Ranulfo era um testemunho mais passional, lembrando para reviver e talvez entender o que foi sua vida misturada à de Alícia, Mundo e Jano.

## 5.2 RANULFO E MUNDO

Ranulfo está presente na vida de Mundo desde seu nascimento até sua morte. Diferentemente de Jano, participa com interesse da vida do menino e do rapaz. É o primeiro a falar a Alícia dos dotes artísticos de Mundo, e vaticina seu futuro. Mesmo não concordando com a totalidade do que Mundo faz, por exemplo, sua amizade com Arana e a instalação do *Campo de cruces*, ajuda-o por gostar dele.

A relação de Mundo e Ranulfo (tio Ran) é apresentada ao leitor sob três formas: a narração de Lavo, que em certos momentos testemunha o ciúme que ele sente da proximidade afetiva dos dois e insinua a possibilidade de eles serem pai e filho; a narração do próprio Ranulfo, nas cartas que escreve a Mundo, e as falas de Mundo e seu testemunho na carta final.

No início da narração de Lavo, quando ele reporta seu primeiro encontro com Mundo na praça São Sebastião, ocasião em que Mundo lhe dá o desenho do barco adernado, o nome de Ranulfo já aparece: Mundo pergunta a Naiá se Lavo é o sobrinho dele.

Na sequência, o próprio Lavo faz referência às cuecas de Ranulfo, estendidas, afirmando que ele não dá trégua a Ramira, e quando Jano pergunta se ele continua um cigano, a irmã responde positivamente. Ambas as falas desenhavam um personagem aproveitador e pouco afeto ao trabalho, que, ademais, leva os amigos para comer e beber em casa.

Todavia, esse mesmo personagem trazia quitutes surrupiados da *Booth Line* e dinheiro de cuja origem Ramira desconfiava, e desempenhava o papel de “homem

da casa”, segundo palavras da própria irmã. Ao lado disso, o personagem é um leitor voraz e quando a irmã lhe pergunta sobre trabalho, afirma: “Estou trabalhando, mana, disse tio Ran, ‘Trabalho com a imaginação dos outros e com a minha” (HATOUM, 2005, p. 24), definição que Lavo vai posteriormente remeter à de literatura. O personagem que vai aparecendo aos olhos do leitor é um *bon vivant*, mas também um ser sensível, com antenas ligadas para a arte.

Além disso, “Ranulfo fazia os trabalhos pesados e resolvia problemas com que a irmã detestava lidar” (HATOUM, 2005, p. 26). Isto é, o narrador deixa claro que havia uma troca entre os irmãos; Ranulfo não aparece aos olhos do leitor como um personagem usurpador e explorador do trabalho da “pobre irmã costureira”. A análise levada a cabo por Pinheiro (2014) afirma que nas primeiras versões o ponto de vista de Lavo sobre o tio era cáustico: o narrador o apresentava como um personagem aproveitador. A pesquisadora ressalta, contudo, que isso foi se aliviando nas versões seguintes, e tomou outra direção com a presença da carta de Ranulfo, em que presenciamos a constituição de um personagem mais complexo e que tinha uma visão de mundo particular e valores positivos nos relacionamentos que mantinha.

Ranulfo é um homem com valores e interesses muito distantes dos de Jano, que se pautava pela ética do trabalho e por manter as aparências. Tio Ran vivia uma vida desregrada, sumindo durante dias, aparecendo quando o dinheiro acabava, mas sempre que caçava algum animal, distribuía pedaços aos vizinhos: “Comida para duas semanas” (HATOUM, 2005, p. 27). Ou seja, a narração de Lavo não apresenta ao leitor um Ranulfo com tintas negativas.

Ao contrário, já no início Lavo menciona as transmissões radiofônicas de seu tio, único trabalho de que ele se orgulhava e que lhe dera prazer, e do qual fora demitido sob alegação de o programa “Meia-Noite Nós Dois” ter se tornado “insensato e obsceno demais” (HATOUM, 2005, p. 27), e ressalta a fala de Ranulfo de que ele seria mesmo demitido após os militares assumirem o poder, pois “[...] os censores dessa panacéia (sic) não iam aturar meus comentários políticos, muito menos minhas histórias de amor no meio da madrugada” (HATOUM, 2005, p. 28).

A próxima cena em que tio Ran aparece é a da tartaruga presenteada a Ramira, quando Ranulfo diz que Jano cobraria essa “dádiva”, o que se mostra cruelmente verdadeiro, conforme apresentamos no item 5.1. A atitude de Jano mostra como a personagem vê as relações com as demais personagens, sempre baseadas

em interesses, prática que ele imprime nas amizades com os militares e demais “amigos” durante toda a narrativa.

Ranulfo, mesmo sem ser citado, participa do primeiro encontro de Lavo com Arana, pois este lhe pergunta sobre Ramira. E essa menção já faz com que o artista fique ressabiado, possivelmente por saber que Ranulfo conhece sua vida pregressa e que contaria a Lavo e a Mundo.

Reforçando sua alma avessa ao trabalho, quando Lavo entra na faculdade de direito, tio Ran condena: “Devias passar a vida lendo e vivendo por aí, sem profissão. [...] Inventar, rapaz. Ou então procura alguma coisa. Mundo está procurando, por que não fazes o mesmo?” (HATOUM, 2005, p. 94). Ao mesmo tempo, mostra que compartilha da escolha de Mundo pela arte. E aproveita para prevenir Lavo: “Os gráudos vão te engolir, Lavo. Todo processo é enganador, uma mentira. É melhor escrever, pintar, ser artista” (HATOUM, 2005, p. 95). Condizente com o que diz a Lavo e Mundo, Ranulfo considera a arte um trabalho maior, que enobrece a alma e a inteligência, ao contrário dos ofícios mais mezinhos, que ele vê como apenas uma forma de ganhar a vida, mas sem brilho e ampliação da percepção humana no mundo. Postura diametralmente oposta à de Jano.

Durante toda a narrativa de Lavo, vemos desenhar-se uma personalidade amante da liberdade, da arte, do amor e dos prazeres. A falta de dinheiro de Ranulfo parece menor face às posturas que assume com relação à arte, à política, ao relacionamento humano. Mesmo não possuindo bens materiais, ele não os valoriza; é um homem que preza seus amigos verdadeiros, emite suas opiniões, assume suas escolhas e dá valor a situações e pessoas totalmente diferentes daquelas que são importantes para Jano. Na verdade, à medida que a personagem vai sendo apresentada por Lavo, o leitor compreende as razões que aproximam tio Ran de Mundo: quando ele começar a explicitar o que pensa de Ranulfo, essa similitude de caracteres vai tomar corpo em forma de palavras.

Na única refeição que Mundo partilha com o pai e Lavo, na Vila Amazônia, ele não termina de comer e sai da mesa gritando, porque Jano manda chamar a mãe e o suposto filho de Ranulfo para mostrá-los a Lavo. Mostrar é a palavra adequada, pois não houve apresentações, apenas uma visada como se os dois não fossem seres humanos. Mundo se revolta com a atitude do pai, e questiona se ele fez aquilo apenas para humilhá-los. E Jano é tão avesso ao cuidado com a autoestima e desejos do

outro que não consegue (ou finge) nem entender a razão de o filho ter a atitude que teve. E nunca podia desconfiar que Ranulfo assumira um filho que não era seu!

É interessante repararmos como nas narrativas de Milton Hatoum é difícil encontrarmos personagens que tenham uma única faceta. Mesmo que em raros momentos, aparece a contradição, ou alguma atitude, que faz o leitor questionar a visão unívoca. E dar a este personagem a dimensão de humanidade que os leitores buscam em uma obra literária de qualidade.

Será o próprio Ranulfo quem contará a Lavo sobre o ciúme que Jano sente da relação que ele mantém com Mundo, impensável de ser reproduzida pelo pai com o filho: “Ele não sente ciúme só de mim... tem ciúme do filho dele, do filho comigo. [...] Nós dois vamos enfrentar Jano” (HATOUM, 2005, p. 97). Nessa passagem, tio Ran já indicia que ele e Mundo estão planejando alguma ação importante, que terá consequências até para Jano, pois eles enfrentarão o patriarca poderoso. Ainda não temos ideia de que forma, mas já sabemos que um embate está sendo arquitetado. E Ranulfo já adverte sobre as consequências.

Alícia, por sua vez, divide com Ranulfo questionamentos sobre a educação de Mundo e permite a aproximação entre os dois. Obviamente, as indicações de Ranulfo são opostas às de Jano. O que este crê adequado para Mundo, tio Ran desqualifica, como é o caso do internato no colégio Militar. E, lucidamente, mostra a Alícia que os desejos de Jano não passam nem perto do que Mundo quer para seu futuro. Conversando com Ranulfo, Alícia parece ter medo de Jano.

Porém, apaixonado que era por Alícia, Ranulfo atende a seus pedidos. Um deles era afastar Mundo de Arana, pois Jano não o tolera. No capítulo seguinte, Lavo narra uma conversa que o tio teve com ele contando a história de Alduíno Arana, desde sua infância no Morro da Catita até os golpes financeiros que deu em viúvas ricas. Inicialmente, Ranulfo desqualifica o trabalho de Arana como artista, desde seus inícios quando ele acreditava fazer arte ligada à natureza, até o momento em que começa a fazer pinturas do pôr-do-sol e outras, sob encomenda. Tio Ran conhece a história de Arana e conta tudo a Lavo na esperança de este conseguir convencer Mundo, pois ele, Ranulfo, não teve sucesso. Conta dos roubos das peças de Pai Jobel, da exploração das viúvas, do seu mau caráter. Mas ressalta, ao final da história, que Mundo vai acabar descobrindo isso sozinho. Que o interesse maior naquele momento era “afastar Mundo de Jano” (HATOUM, 2005, p. 105).

O vaticínio de Ranulfo se cumpriu. Mundo acaba percebendo a falta de caráter de seu antigo mentor. E deixará isso claro quando, aos gritos, no bar Três Estrelas acusa Arana de impostor e de explorador de meninas.

Depois de Mundo ir estudar no colégio Militar, Lavo comenta com o tio que o rapaz tinha arranhões e marcas de ferimentos nos braços, pernas e ombros. Ranulfo não se surpreende e ainda conta que os calouros haviam passado pelo “treinamento anual com legionários da Guiana Francesa. Mercenários... Estavam instruindo os militares brasileiros” (HATOUM, 2005, p. 128). Muito mais do que Jano, tio Ran acompanhava o dia-a-dia de Mundo no colégio Militar. Lavo conta que Mundo passa as folgas na casa de Arana, o que irrita Ranulfo: “Ainda se encontra com aquele patife? Já preveni... Mundo quer me desafiar? É isso?” (HATOUM, 2005, p. 129).

No próximo encontro de Lavo e Mundo, este adoeceu e foi levado à força para a casa dos pais. Chegando a sua casa, Mundo é atendido pelo médico que diagnostica mononucleose infecciosa. Logo que se sente melhor, ele

[...] queria voltar o quanto antes para o internato, não suportava escutar os latidos de Fogo anunciando a chegada do dono, nem ver um olho cinzento vigiando-o por uma fenda. O olho o observava do corredor, como se ele fosse um bicho numa jaula. Era tudo que um pai podia fazer por um filho doente? (HATOUM, 2005, p. 133).

Jano não consegue demonstrar a preocupação que tem com a saúde do filho ao próprio filho, mas quando Lavo desce, pergunta: “Ele melhorou, não é?” e ainda complementa: “Essa infecção é uma fraqueza, logo passa. De agora em diante meu filho vai colecionar atos de bravura. ’ Um louco, pensei, apressando o passo” (HATOUM, 2005, p. 135). No mesmo episódio, Mundo pergunta a Lavo se Ranulfo sabia que ele estava doente e por que ele não tinha ido vê-lo, isto é, Mundo sabe que dele viria uma preocupação real com sua saúde, um afeto verdadeiro. O relacionamento que Ranulfo constrói com Mundo está mais afim ao exercício da paternidade socioafetiva, conforme apontado pelos estudiosos já citados. Há respeito pelas escolhas do filho, o que não significa total aceitação, mas uma atenção cuidadosa. Ranulfo acompanha a vida de Mundo, desde sua infância até os períodos na Europa e a relação que cria com o menino e com o rapaz é de liberdade; não define modelos de pessoa ou de profissional como faz Jano, que tenta obrigar Mundo a adotar padrões e atitudes que não são os seus. O que até poderia acontecer, considerando a proximidade de gostos entre os dois personagens. Ranulfo, inclusive,

é o primeiro a estimular os dotes artísticos de Mundo, comprando material para que a criança desenhasse e chamando a atenção de Alícia para o pendor artístico do filho. E também é o único personagem que aparece lendo e a quem o narrador se refere como alguém que sempre tinha livros por perto.

Pela primeira vez, Lavo aponta a semelhança entre Mundo e Ranulfo: “Na voz, o sarcasmo de tio Ran” (HATOUM, 2005, p. 141). No encontro seguinte entre os dois, o narrador continuará a mesma toada:

Ele e meu tio tinham tanta afinidade que me senti traído por ambos; senti ciúme. O que havia entre os dois? Mais que amizade, eu desconfiava. Estavam tramando alguma coisa e me excluía, pensei, enquanto os via juntos, o braço de Ranulfo agarrado ao ombro do meu amigo, um abraço caloroso que eu presenciava pela primeira vez (HATOUM, 2005, p. 166).

Assim, pela voz do narrador, é levantada a hipótese de existir algo mais entre ambos. Relação de pai e filho? Logo após o *Campo de cruces*, a mãe de um amigo de Mundo fará a mesma observação para Lavo: “Diz que são aparentados. Pai e filho?” (HATOUM, 2005, p. 178). Ou seja, além das insinuações do próprio Ranulfo, em sua narração, sobre sua possível paternidade de Mundo, há outras passagens em que o fato é aventado. Daí o total estranhamento quando o leitor fica sabendo pela carta de Mundo que Arana é seu pai biológico.

Essa dúvida é alimentada ainda outra vez, pelo próprio Lavo: “Ranulfo não podia atender aos pedidos da mãe e do filho, e esse dilema o transtornava” (HATOUM, 2005, p. 167). O filho é dele ou apenas dela? A dúvida fica no ar.

Essa proximidade entre Mundo e Ranulfo incomoda a grande maioria dos personagens: a Ramira, por esta ligação apontar para Alícia, a quem odiava e de quem sentia ciúmes; a Jano, por sentir ciúmes de Alícia com Ranulfo, uma vez que ele não sabe da intimidade entre o filho e tio Ran; a Arana, pelo que Ranulfo sabe de sua vida anterior, por ele ser falastrão e também pela ascendência sobre Mundo. Ao final da visita de Lavo ao ateliê, isso fica claro: “Entregou-me a sacola do meu amigo e disse, mais nervoso que mal-humorado: ‘Só o teu tio fanfarrão pode impedir Mundo de fazer uma grande besteira’ (HATOUM, 2005, p. 171).

Na manhã da instalação do *Campo de cruces*, Ramira acordou e contou a Lavo que sonhara com Ranulfo enterrado no Morro. Premonição que depois se mostraria em parte correta. Naquele dia, feriado de 15 de novembro, tio Ran não foi almoçar em casa. Lavo não desconfiou de nada, mas ele e Mundo já tinham feito o

*Campo de cruces* e estavam foragidos. Jano e Zanda tinham colocado capangas e policiais em busca dos dois, com ordens de matar Ranulfo. Ramira contará a Lavo o que viu quando foi entregar as roupas na casa de Jano: ele estava queimando tudo que encontrara no quarto do filho, e colocou todas as roupas que ela costurara na fogueira também.

Depois do enterro de Jano, Alícia, Naiá e Mundo partem para o Rio. Antes disso, Lavo e Mundo se encontram no bar indicado por Naiá. Mundo presenteia Lavo com um desenho e conta a ele sobre o período em que ficou escondido com Ranulfo no Morro da Catita e a preparação do *Campo de cruces*:

Teu tio me ajudou a construir o *Campo de cruces*; passamos meses planejando a obra. Ele detestava o projeto das casinhas populares. ‘Tocas de bicho’, dizia. Teu tio tinha uma birra com Zanda. Me contou que tinha sido perseguido por ele... vingança por causa de mulher.... Não quis contar mais... e não sei se minha mãe estava metida nisso. Ranulfo juntou a vingança com a política e se entusiasmou com a minha ideia. Queria molhar as cruces com querosene e tocar fogo nelas antes do amanhecer, mas os moradores ficaram com medo, não concordaram. Ranulfo roubava sobras de pano da tua tia e tingia tudo de preto. Fomos várias vezes ao Novo Eldorado. Ele reunia umas cinco famílias e falava: ‘Vocês foram enganados; prometeram tudo e olha só que lugar triste... triste e longe do porto...’ (HATOUM, 2005, p. 211).

Lavo pergunta: “Ele te ajudou só para atingir teu pai?”, ao que Mundo responde: “Me ajudou porque gosta de mim.” (HATOUM, 2005, p.211). Aí tem início uma conversa entre os dois em que Mundo revela a Lavo dúvida que ele partilhava:

Ranulfo sempre foi louco pela minha mãe, Lavo. Tentei descobrir outras coisas, nenhum dos dois abriu o bico. Discuti com ela e tive coragem pra perguntar se eu podia ser filho dele. Ela deu um pinote, me pediu pra nem pensar nisso. Não sei... O que sei é que ele arriscou a vida e não se dobrou aos pedidos de Alícia (HATOUM, 2005, p. 211).

Depois Mundo conta sua vingança do pai:

No fim da manhã fui à desforra. Era véspera do Natal. Entrei em casa chutando a porta e dei meu esporro, falei alto. De homem pra homem, como ele sempre quis. Toquei no medo dele, ouviu o que não esperava: que era um impotente de corpo e alma... a Vila Amazônia estava falida, só ele não enxergava (HATOUM, 2005, p. 213).

E aí Mundo anuncia o que será sua vingança, usando os elementos que para ele são os mais íntimos:

“Ainda não terminei. Quero fazer uma obra sobre a Vila Amazônia.... Falta a desforra da imaginação, a desforra da arte, Lavo. Vou fazer o diabo com o rosto dele, com a crueldade e a loucura...”. Lavo, mais lúcido, responde: “Com a *tua* loucura, Mundo” (HATOUM, 2005, p. 214).

Todos ficam meio loucos após a morte de Jano. Ranulfo também estava irreconhecível longe de Alícia e de Mundo, segundo Lavo:

Ranulfo parecia tomado por uma sensação de impotência que o transtornava ainda mais. A ausência de Mundo deixara um vazio que eu e tio Ran nunca havíamos sentido. [...] Mesmo longe, Mundo e Alícia continuaram presentes em nossa vida e nas conversas na Vila da Ópera, aonde eu ia ver meus tios e pegar a correspondência do meu amigo (HATOUM, 2005, p. 222).

A narração de Ranulfo, iniciada na página 51, objetiva apresentar a pré-história de Alícia, Ranulfo e familiares e, segundo Pinheiro (2014), auxiliou na construção da verossimilhança narrativa, pois atribuiu densidade aos personagens. Não narra os fatos cronologicamente, mas ajuda o leitor a entender a origem de vários personagens e como foram se construindo as relações afetivas e familiares que constituem o cerne da narração de Lavo.

Ranulfo inicia contando sobre a noite em que ele e Alícia brigaram após Ramira tê-la humilhado em uma festa, mesma noite em que ela engravidara, segundo ficamos sabendo pela carta final que Mundo deixa a Lavo.

A carta seguinte, 30 páginas depois, continua desvendando essa pré-história de Alícia e Ranulfo no Morro da Catita. Ele tem a confirmação, pela boca da própria Alícia, que ela vai se casar com Jano, e lhe conta que está grávida. Na terceira carta, Ranulfo fala do dia do casamento de Alícia, e de sua partida do Jardim dos Barés para nunca mais voltar.

A quarta carta narra a chegada das irmãs junto com a suposta mãe das duas, trazidas por um homem que seria o pai das meninas, que, no início, cuidou delas, mas depois as abandonou e que as três viviam da ajuda dos vizinhos.

Nas próximas cartas, Ranulfo conta sobre o nascimento de Mundo e as atitudes de Jano com o filho e a mulher. Ficamos sabendo que ele ficou envaidecido não por ter tido um filho, mas sim um herdeiro, e abriu o jogo: “É o que o meu pai mais queria, um neto... um herdeiro, por isso ele te deu tantas jóias (sic) antes de viajar para Portugal. [...] Se fosse uma menina, não sei...” (HATOUM, 2005, p. 216).

Ranulfo narra seus encontros com Alícia, desde a mais tenra idade de Mundo; o primeiro aniversário da criança, festejado na Vila Amazônia, com toda a pompa, e as situações em que Mundo, com um ano, aparecia “sentado num monte de castanhas; de pé entre fardos de juta; deitado num bote de borracha que flutuava na piscina” (HATOUM, 2005, p. 217). Vai mostrando que Jano nunca olhou para o filho, sempre criou uma imagem do que gostaria que ele fizesse e fosse. E afirma que, logo que viu os desenhos que Mundo fazia nos dias de chuva, percebeu que ele seria um artista. Ao contrário de Jano, Ranulfo olhava para Mundo com atenção, sem expectativas e com afeto. Na verdade, Ranulfo se porta como um modelo de pai diferente do patriarca, modelo para quem importam mais a proximidade e o afeto do que a obediência e a ordem.

A paternidade socioafetiva pode se confundir com os outros tipos de exercício da paternidade, mas também pode ser desempenhada por uma terceira figura antes inexistente na vida familiar clássica.

Até meados do século XX, no Brasil, existia um *modus operandi* que o homem devia obedecer ao se tornar pai. Mesmo se o indivíduo desejasse maior proximidade afetiva com os filhos, a estrutura familiar e social acabava dificultando a intensificação do relacionamento, não só no referente ao tempo que o pai (não) dispunha para dividir com os filhos, como também na “efeminação” indesejável que uma maior afetividade poderia acabar atribuindo àqueles que resolvessem expressá-la de forma mais livre.

É perceptível a mudança no exercício do papel paterno no Brasil, quando a paternidade passa a residir mais na circunstância de amar e servir do que na procriação; passa a ser fruto de um desejo e se revela cotidianamente, ganhando força e afirmação nos detalhes. Ranulfo corporifica, na relação com Mundo, esse “amar e servir”, no sentido de conseguir vê-lo como é e não como desejaria que fosse. Além disso, mostra ser possível amar sem subjugar, o que é impensável na ética de Jano.

A partir dessa carta, o relato de Ranulfo desvenda cada vez mais os desmandos e loucuras de Jano. A penúltima carta conta as reações de Jano quando Mundo queria brincar na chuva, sozinho ou com os “caboquinhos”, e sua reação, trancando o filho no porão e proibindo-o de sair, vigiando-o e à mãe para que não fosse desobedecido. A relação criada é policalesca, não afetiva.

Com seu relato, Ranulfo mostra ao leitor todo o grotesco dessa relação entre Jano e Mundo, sobretudo em se tratando de uma criança de cinco anos. Nesse

sentido, fica mais fácil entendermos a afirmação de Pinheiro (2014) quando ela atribui às cartas de Ranulfo a construção da verossimilhança narrativa e da maior densidade dos personagens. Sem essas cartas, nós leitores não perceberíamos tão facilmente que a incompreensão entre pai e filho e o relacionamento familiar dos Mattoso são fruto de atitudes e valores inoculados pouco a pouco e que minaram possibilidades de compreensão e amor entre eles.

Quando Mundo desenha uma criança gritando, aos cinco anos, Ranulfo demonstra perceber de forma muito mais precisa do que Jano do que a criança gostava. Depois de mostrar o desenho ao pai e não receber a menor atenção, Mundo foge de casa. Quem consegue achá-lo é Ranulfo, no meio de uma praça querendo mostrar os desenhos ao pai. Quando a criança chega em casa, com a mão sangrando, a reação de Jano é estranha: o pai não se preocupa com o que aconteceu e ainda louva o fato de a criança não ter chorado devido ao ferimento. Mais uma indicação de seu desequilíbrio.

Ainda nesta carta, Ranulfo conta que Jano levava Mundo criança ao escritório e lhe mostrava faturas, promissórias e contratos e falava sobre a produção de juta. Tanto essa atitude quanto a anterior, de prender a criança no porão, já apontam para um desequilíbrio forte na personalidade do pai, que também vai se evidenciar no relato de Lavo.

A última carta de Ranulfo pouco acrescenta à análise sobre a paternidade, pois se detém sobretudo na relação dele com Alícia e com sua irmã, Algisa.

O tom dessa segunda narração é muito diverso daquela que Lavo apresenta. A primeira se quer mais objetiva, tenta construir um retrato dos personagens a partir de diferentes vozes, lançando mão de várias falas, assim como de análises do próprio narrador Lavo.

A narração de Ranulfo é marcada por um tom fortemente emocional, transpirando o momento em que foi construída (após a morte de Mundo) e o objetivo que moveu Ranulfo ao escrevê-la: homenagear mãe e filho. Por outro lado, essa narrativa - que pode ser lida à parte - apresenta um contexto essencial para que o leitor compreenda muitos dos fatos que Lavo apresenta e dá densidade aos personagens e situações, auxiliando na complexificação que o próprio Hatoum afirmou ser essencial na constituição de uma narrativa.

### 5.3 ARANA E MUNDO

Arana, que ao final do romance descobrimos ser o pai biológico de Mundo, é apresentado como um artista que é o mentor de Mundo quando jovem, mas acaba por se transformar em um explorador do mogno amazônico e pintor sob encomenda de “obras de arte” para políticos e empresários. Inicialmente, Mundo se encanta com ele e com o ateliê, onde há livros de arte, objetos de artistas populares, pedaços de madeira, sementes, objetos com os quais Arana criava suas obras.

Porém, mesmo no início, sem informação alguma sobre Arana (o que acontecerá depois, com a narrativa de Ranulfo contando ao sobrinho quem era o artista), Lavo nos apresenta um homem estranho, que produz canoas furadas e chocalhos e os chama de obras de arte. Há evidentemente uma resistência por parte deste narrador à figura de Arana, resistência intuitiva que posteriormente se mostrará acertada.

Desde sua primeira aparição na narrativa, Arana é um personagem controverso. Já fora desqualificado por Jano; em seu primeiro encontro com Lavo, este também saiu ressabiado. Apenas Mundo nutria admiração pelo artista. Ao contar como o conheceu, vendendo objetos na Alfândega, Mundo diz a Lavo que a mãe não o acompanhou, e parecia ter medo. Indício que nesse momento não faz muito sentido, mas que já aponta para a revelação final, pois ficamos sabendo que Alícia manteve contato com Arana durante toda a vida. Neste primeiro contato, Mundo diz que Arana parecia um palhaço, vendendo os objetos por qualquer preço e respondendo a perguntas que não entendera, com *yes* ou *no*.

O próprio Mundo compara Jano a Arana, para quem vai levar as sementes e bagas secas que catou na Vila Amazônia, afirmando que, se tivesse ficado com Arana, ele estaria aprendendo técnicas de pintura e ouvindo histórias sobre os artistas, o que era impossível com o pai. Neste momento da narrativa, Mundo ainda admira Arana, que lhe aparece (e a nós leitores, por conseguinte) como alguém realmente interessado por arte. Com o decorrer da narrativa, e a evidência de que Arana é um oportunista, que fica observando as possibilidades que o mundo lhe apresenta para obter vantagens, desvela-se o caráter não artístico e exploratório dele, com relação tanto aos recursos naturais, como às pessoas.

Fica subjacente na narrativa o ponto de vista do narrador (e do autor implícito) com relação à concepção de arte. Ao desqualificar o trabalho de Arana a partir do

momento em que este começa a fazer obras sob encomenda, explorando recursos naturais da Amazônia (como o mogno) e o exótico “clicherizado” que agrada aos turistas, o narrador e Ranulfo tomam partido por uma forma de expressão artística que tenha a marca pessoal de quem a produz e que não vise prioritariamente ao comércio das peças. Explicitamente, em uma passagem, Mundo chama Arana de impostor e Lavo desqualifica as obras que ele produzia porque “[...] nem metiam medo, nem surpreendiam, nem emocionavam” (HATOUM, 2005, p. 227). Indiretamente o narrador está afirmando que uma obra de arte deveria despertar em seus espectadores um destes sentimentos para poder ser qualificada como tal. Se não, diz Lavo, trata-se de pastiches pobres baseados no exotismo.

O primeiro encontro de Lavo com Arana acontece quando aquele, seguindo Mundo, vai parar no atelier. Arana nos é apresentado como “um homem alto e descabelado, feições arredondadas, olhos miúdos. Descalço, só de bermuda, mãos amareladas de serragem” (HATOUM, 2005, p. 41), artista que usa objetos da natureza para compor suas obras. Lavo observa que o trabalho de Arana diferia muito do que ele conhecia como arte — “quadros da Pinacoteca do Estado, do Palácio do Governo, antigo palacete Schulz, e as pinturas italianas do Teatro Amazonas” (HATOUM, 2005, p. 41), e ressalta que o que mais chamou sua atenção foram umas esculturas que Arana desvalorizava. Entretanto, os objetos que Lavo nos apresenta são originários da natureza, tendo passado por um trabalho artístico simples, nada tendo a ver com os quadros e esculturas que Arana fará mais tarde, por encomenda.

Arana é um personagem que destoa dos demais. Adesista e oportunista desde seu início como comerciante de objetos artísticos roubados de um artista louco, passando pelo interesse por viúvas ricas, até seu apogeu quando passa a criar obras sob encomenda para militares e empresários e negociar peças de mogno e enriquece. Toda a sua caracterização na narrativa vai construindo aos olhos do leitor uma personalidade venal, interessada em enriquecer e fazendo todas as concessões necessárias para atingir seus objetivos. Não se intimida em roubar ossadas humanas de um cemitério para construir uma “obra de arte” que exporia na Bienal de Artes de São Paulo, e se nega a ajudar Mundo com medo da reação de Jano.

Na volta do Rio de Janeiro, Mundo vai ao ateliê mostrar a Arana os desenhos que produzira, mas o artista não lhe dá atenção, absorto que está criando sua “obra” *A dor de todas as tribos*, para a qual usa as ossadas anônimas. Mundo chega com Lavo e encontra Arana em plena criação, dentro de uma jaula de sarrafos, com ossos

de animais, pedaços de minério e restos das ossadas humanas. Quando é questionado por Mundo se eram ossos de macaco, o artista responde: “Macaco? De jeito nenhum, protestou Arana. Despojos do nosso povo... índios e caboclos. Peguei num cemitério abandonado na cachoeira do Castanho” (HATOUM, 2005, p. 107). Não demonstra incômodo algum em ter saqueado o cemitério. Lavo tenta contar a Mundo o que Ranulfo lhe dissera sobre Arana, mas ele não se interessa. De todo modo, pela primeira vez Mundo expressa decepção com a reação de Arana: “Ele foi grosso com Ranulfo’, murmurou. ‘Acho que Arana é louco...’” (HATOUM, 2005, p. 109).

Depois do episódio da briga com o pai, quando este lhe acerta o pescoço com o cinturão, Mundo decide ir estudar e morar no colégio Militar para ficar longe de Jano. Tinha combinado com Arana de dormir uns dias no ateliê. Lavo aproveita para dizer a Mundo que Ranulfo também desconfia de Arana, ao que o rapaz responde: “Arana... ainda não sei direito quem ele é nem o que quer... Mas voltar para casa, nunca mais” (HATOUM, 2005, p. 123). Conta a Lavo que o próprio Arana tentou convencê-lo a não estudar no colégio Militar, lhe propusera ir para o Rio, onde ele tinha amigos que poderiam acolher Mundo.

Depois desta cena, Mundo chega doente no ateliê de Arana e este quer levá-lo a um hospital, ou para a casa dos pais, com medo do que possa acontecer — “Se acontecer alguma coisa, os pais dele vêm tirar satisfação’, disse, nervoso. ‘Não quero encrenca com Jano” (HATOUM, 2005, p. 132). O próximo encontro dos dois será em um bar, o Três Estrelas, e Mundo diz a Lavo que agora Arana “deu pra fazer sermão”. Na verdade, esse momento da narrativa marca a mudança de Arana:

Agora só fala em prudência, só pensa nas amizades que fez em Brasília ... Prudência, para ele, é uma forma de ganhar dinheiro e prestígio. Tem medo do que eu quero fazer, diz que pode prejudicar meus estudos e enfurecer meu pai. Vinte meses de internato, e ele me pede prudência.... Nem minha mãe fala assim (HATOUM, 2005, p. 145).

Lavo aproveita a deixa e diz: “Tio Ran falou que ele é um impostor... deu golpe atrás de golpe... Mas acho que não queres acreditar...” (HATOUM, 2005, p. 145). Pela primeira vez, Mundo demonstra questionar a postura de Arana: “Ranulfo falou pra mim também. Falou um monte de vezes, e a gente até brigou por causa disso. Eu não queria acreditar, porque meu pai pensa a mesma coisa do Arana, e o meu pai sempre pensou contra mim” (HATOUM, 2005, p. 146).

Esse comentário é rico para a análise da questão da paternidade porque coloca os três personagens que exercem a paternidade sob o ponto de vista de Mundo. De Ranulfo, o que nos é apresentado é uma relação em que os problemas também são objeto de discussão, causando até briga; de Jano, Mundo expressa uma opinião desalentadora; de Arana, o rapaz mostra resistência a vê-lo como um mau caráter. Todavia, o novo encontro que terá com o artista tem como objetivo confrontá-lo. Atitude que é refletida também em Arana, cujo comentário para a cafetina dona do bar é “Hoje vou discutir a grande ideia desse jovem artista. ” E pergunta a Mundo: “Qual é a ideia? O que é esse *Campo de cruces*?” (HATOUM, 2005, p. 147). Mundo apresenta o projeto e Arana concorda que o Novo Eldorado é um crime urbano. Porém, recusa-se a ajudá-lo pois

[...] é a primeira grande obra do Zanda, o ídolo do teu pai. Foi nomeado prefeito e quer mostrar serviço. Acho que deves usar a revolta para outras coisas, Mundo. Um tronco queimado com um monte de cruces... Isso não é arte, não é nada (HATOUM, 2005, p. 148).

Mundo enlouquece de raiva quando Arana desqualifica seu trabalho, e fica ainda mais irado quando percebe que a razão que move Arana é o medo:

Dane-se? Há quanto tempo tu frequentas meu ateliê? Todo mundo sabe disso, teu pai foi o primeiro a saber. Queres te vingar dele, não é? Mas não vai ser com esse *Campo de cruces*...nem com a minha ajuda. Não ponho meu nome nisso, nunca! (HATOUM, 2005, p. 149).

E Mundo responde: “Agora se pela de medo de ser meu amigo”. Enraivecido, começa a gritar: “Conhecem o maior artista do Amazonas? Ele vende quadros por uma fortuna e paga uns trocados pra descabaçar essas meninas.” Arana chama os seguranças do bar para tirarem Mundo dali, mas pede “Não batam nele, está bêbado, só isso... bêbado” (HATOUM, 2005, p. 149).

Essa cena marca a ruptura definitiva entre Mundo e Arana, e a percepção, por parte de Mundo, do caráter do artista. Sobretudo porque Ranulfo se dispôs a ajudá-lo na composição do *Campo de cruces* e quase morre devido à sua audácia, quando os policiais mandados por Jano e Zanda o pegam.

A partir do encontro no Três Estrelas, a opinião de Mundo sobre Arana muda radicalmente:

O ateliê dele é uma fábrica de quadros e esculturas. Arana renegou até aquela jaula queimada cheia de ossos e capim seco... Dizia que

era uma obra muito crítica, mas hoje acha que é fútil. Uma fase experimental, já passou... Falou assim mesmo, e ainda riu. Arana virou um reles comerciante da arte. [...] Agora ele decora gabinetes, manda presentes a oficiais e políticos (HATOUM, 2005, p. 164).

Quando Lavo visita Arana já percebe que algo mudou: agora ele fazia quadros sob encomenda. “Não perguntei do que se tratava: bastou olhar as fotos coloridas de araras numa parede” (HATOUM, 2005, p. 169), imagens que ele fazia para um executivo japonês de uma das novas fábricas de Manaus. Isto é, ele se rendera à arte do exotismo tropical, explorando o clichê que tanto sucesso fazia entre os turistas estrangeiros que visitavam a Amazônia e os novos executivos que, após a abertura da Zona Franca, acorriam a Manaus. Nessa visita, Arana lhe conta a última visita de Mundo, na madrugada do encontro no Três Estrelas, quando lhe chamou de “pintorzinho da floresta”. Nesse momento fica claro que Mundo também se desiludira com o “artista”, que se mostrou covarde e apartado da proposta de arte em que Mundo acreditava. Além disso, Arana tocou no ponto nevrálgico da culpa do rapaz com relação ao pai: “Tua mãe casou com um homem de posses, por isso não aguentas ver esses miseráveis carregando comida. Ficou mais ofendido do que com a crítica que ouviu de mim no Três Estrelas” (HATOUM, 2005, p. 171). Mundo discorda do pai em tudo, valores, projeto de vida, amizades, forma de tratar empregados, mas vive às custas dos dividendos que tudo isso lhe proporciona. E essa contradição o dilacera, como fica claro com sua reação à fala de Arana. Contradição e conflitos que marcam a humanidade do personagem.

Lavo nos apresenta a nova empreitada de Arana:

Agora, Arana transformava toras de mogno em animais enormes, que nem metiam medo, nem surpreendiam, nem emocionavam. Suas telas, que traziam paisagens com caboclas e índias nuas, a pele acobreada e um sorriso complacente, eram pastiches pobres de Gauguin e das pinturas do salão nobre do Teatro Amazonas. A técnica não era menos impecável que o exotismo. Num dos quadros, uma plateia de índios extasiados assistia a uma ópera (HATOUM, 2005, p. 227).

Lavo deixa claro em quem Arana se transformara: um “artista” venal e oportunista, cuja única preocupação era acumular dinheiro e obter vantagens pessoais pela amizade com poderosos, de Manaus e de Brasília. Suas obras não metiam medo, não surpreendiam, não emocionavam. Isto é, não tinham sentimento, e conseqüentemente não eram obras de arte.

Depois conta seu encontro com Arana, quando este o procura em casa e o leva ao ateliê, totalmente reformado. O mais patético, segundo Lavo, era uma floresta transplantada na qual bichos empalhados pendurados do teto fitavam os turistas que acorriam ao ateliê. Arana explicou a Mundo que recebia encomendas dos quadros que ficavam expostos nos domingos de visitas: os turistas escolhiam o que desejavam e depois os recebiam em suas casas, no exterior.

Arana também conta a Lavo que Mundo passara a criticar tudo que ele, Arana, fazia e que lhe dissera que o artista verdadeiro devia ser autor de obras destruídas. Na saída, o artista pede a Lavo para conseguir um doleiro que mandasse dinheiro para Mundo, que estava sem dinheiro:

Mundo anda confuso... acho que está baqueado...perdido, disse, com tristeza.  
Baqueado? Alguma doença?  
Desatou a corda, enfiou a mão no bolso e me entregou um envelope.  
Insisti: por que estava perdido? Como ficara sabendo? (HATOUM, 2005, p. 231).

Essa é a primeira passagem em que vemos uma preocupação paterna de Arana com relação a Mundo. Lavo decide não enviar o dinheiro, pois Mundo abandonara a Alemanha e estava morando em Londres, em um endereço desconhecido. Em sua estada europeia, Mundo se desvencilha definitivamente do Arana artista:

Arana bem que tentou inocular na minha cabeça o veneno de uma “arte amazônica autêntica e pura”, mas agora estou imunizado contra as suas preleções. Nada é puro, autêntico, original... Planejo desenvolver uma obra sobre a Vila Amazônia. Quero usar a roupa e os dejetos do meu pai. Uma ideia que tive em Berlim, quando andava pelo Tiergarten... (HATOUM, 2005, p. 238).

Lavo conta de uma carta que recebeu de Mundo com “uma caricatura de Arana deitado numa rede, no jardim do ateliê, cercado de meninos pobres. ‘O descanso do impostor’, escreveu ao lado” (HATOUM, 2005, p. 227). Mundo ainda não sabia que Arana era seu pai biológico e explicita o desprezo que sente dele. A carta de Mundo é emblemática dessa nova visão que ele tem de Arana: “Tento lembrar cada momento no ateliê, cada conversa e encontro, mas só vejo o que há de pior naquele homem: a covardia, o oportunismo e uma preocupação fingida com o “aluno” que era seu filho” (HATOUM, 2005, p. 311).

A revelação final só traz vergonha e sofrimento. Para Alícia que, depois de contar a Mundo que Arana era seu pai, mal consegue olhar pra ele, atormentada pela mentira de toda uma vida; para Mundo, que só vê nele aspectos negativos, e não consegue conversar com sua mãe nos seus últimos dia de vida, no hospital: “E já não há palavras entre nós. Pensei em reescrever minha vida de trás para frente, de ponta-cabeça, mas não posso [...]” (HATOUM, 2005, p. 311). Ele não tem como reescrever sua vida; morre com a dor de saber-se não amado nem pelo seu pai biológico nem pelo seu pai social, e solitário: “O que restou de tudo isso? Um amigo, distante, no outro lado do Brasil” (HATOUM, 2005, p. 311). Amigo esse, Lavo, que será o responsável por narrar sua história ao lado do outro personagem que foi o melhor pai para Mundo.

#### 5.4 JANO, RANULFO E ARANA E OS MILITARES

*Cinzas do Norte* é o romance de Milton Hatoum em que o pano de fundo sócio-histórico é explicitado de forma mais clara, chegando a funcionar como personagem. Todos os personagens, em diferentes graus e sob diferentes formas, são influenciados pelo autoritarismo militar que grassava em Manaus, cidade que funcionava como microcosmo do resto do Brasil. Ademais, esse autoritarismo político será replicado no âmbito da família Mattoso, na qual a assunção e defesa do patriarcalismo por parte de Jano comprova a similitude de valores e crenças de ambas as ideologias.

O leitor fica conhecendo a relação de Jano com os militares já nas primeiras cenas em que o personagem aparece. Ao levar Lavo a seu escritório, eles antes passam na frente de um quartel, e Jano se entusiasma com o treinamento militar dos soldados, afirmando inclusive que faltava isso a Mundo, mostrando acreditar que a coragem e disciplina militar poderiam “salvar” o filho do universo artístico em que ele mergulhara.

A personalidade e atitudes de Jano se coadunam com os valores cultivados no universo militar: respeito à hierarquia, à ordem, à disciplina, à tradição. Mesmo que, em momentos de “lazer” tudo seja permitido, até festas com meninas menores de idade. Na verdade, isso evidencia a hipocrisia presente neste universo em que se pregam valores tradicionais e se exercita o contrário com as cunhatãs pobres.

Embora sem emitir juízo de valor explicitamente, ao construir os personagens militares quase como caricaturas (personagens incultos, que exploram os mais desfavorecidos e que se importam em manter uma aparência ilibada, mais do que cultivar valores verdadeiramente positivos), Hatoum evidencia que se alinha a um dos lados da História. O coronel Zanda, por exemplo, ao ser indicado prefeito de Manaus, tinha como objetivo ações que elevassem seu nome e o validassem a cargos mais altos, mas nenhuma preocupação social ou com questões urbanas e ambientais. E todos os demais militares, incluídos aqueles que trabalhavam no colégio Militar, são apresentados como excessivos em suas ações e desprovidos de responsabilidade com o outro. A imagem que resta do militar é a caricatura de alguém irresponsável no referente às consequências de suas ações e que cultiva muito a aparência, preocupando-se pouco com o que realmente acreditam e propagam como valores.

A segunda cena em que Jano e os militares aparecem juntos é no seu aniversário de 40 anos. Mundo apresenta os amigos do pai a Lavo. São todos militares ou seus simpatizantes. De Palha, o maior amigo de Jano, Mundo afirma: "... se derrete todo na frente dos militares" (HATOUM, 2005, p. 46). Heródoto, outro amigo, declama um poema em homenagem ao marechal Castelo Branco. Os amigos e o contexto social de Jano estão intimamente relacionados à ditadura militar e aos valores por ela defendidos. Essa similitude testemunha a incompatibilidade existente entre o mundo de Jano e aquele desejado por Mundo.

O autoritarismo exercido na relação pai-filho é como uma cópia desbotada do regime de exceção que vigorava no Brasil. À maneira dos militares, que acreditavam saber o que era melhor para a nação e não aceitavam aqueles que pensavam diferente, Jano crê saber o que é melhor para a vida do filho, que em um diálogo com Lavo, diz: "Não pensa que o filho pode ser diferente dele" (HATOUM, 2005, p. 64). Vemos desenhar-se à nossa frente um personagem muito afim ao contexto autoritário por que o Brasil passava e um pai cuja possibilidade de entendimento com o filho é quase nula.

A próxima cena em que vemos Jano com os militares é quando, na viagem à Vila Amazônia, o barco de Jano auxilia um outro barco, que estava avariado. A cena já é interessante como testemunha da subserviência de Jano aos militares. Ao ser avisado por Macau que havia um barco avariado, Jano lhe diz para seguir viagem. Só decide parar quando Macau ressalta que o barco é "de gente graúda". Nessa cena ocorre a já mencionada dança de Mundo com uma das meninas que estavam no

barco, à qual Jano observa boquiaberto, sem perceber a galhofa do filho. Aí se contrapõem as duas posturas: enquanto Jano aceitou parar para não conflitar com seus amigos poderosos, Mundo finge estar de acordo com a “festinha”, mas ao final faz um gesto descortês para o coronel Zanda, cena que faz Jano perguntar: “De onde vem essa revolta?” (HATOUM, 2005, p. 67).

O pai não entende, e muito menos aceita, o ponto de vista do filho. Seus gostos artísticos, sua personalidade mais livre e contrária à acumulação capitalista. Contudo, é interessante fazermos uma observação: apesar de sua rebeldia, Mundo não deixa de aproveitar a situação financeira de seu pai, à semelhança do que faz Alícia. Ambos discordam da postura e atitudes de Jano, mas, por interesse, permanecem a seu lado, usufruindo dos benefícios financeiros que essa proximidade proporciona.

A próxima situação narrativa em que convivem Jano e os militares é quando Mundo e Ranulfo criam o *Campo de cruces*, instalação que os dois constroem no Novo Eldorado, conjunto habitacional edificado pelo coronel Zanda como uma das grandes ações de seu governo à frente da prefeitura de Manaus. Sem esgoto, construído em um lugar do qual foram cortadas as árvores, com problemas de abastecimento de água e luz, é mais uma das “grandes obras” do governo militar.

Informado por Zanda, Jano vai ao Novo Eldorado e pergunta “[...] por que tinham construído as casas num cemitério?” (HATOUM, 2005, p. 183), ao que o primeiro, rindo, retruca ser essa a “obra” de Mundo. Nem por um momento, Jano reconhece que o sentido atribuído por Mundo ao lugar preponderou sobre o próprio lugar. Isto é, que sua intervenção artística tinha conseguido mobilizar sentidos que não ficavam evidentes sem ela. O que o aflige é a informação seguinte de Zanda, pedindo-lhe para passar no colégio Militar, onde o diretor o esperava para conversar. Nessa reunião, na qual é recebido com frieza e é humilhado, Jano fica sabendo que Mundo enganara todo mundo, falsificara a assinatura do pai, mentira diversas vezes e incitara os colegas quando da morte de Cará, seu único amigo no colégio, durante um estágio de sobrevivência na selva. Ao final, recebe o boletim de Mundo e a notícia de sua expulsão. Todo o plano para a formatura de Mundo na Vila Amazônia que o pai tinha feito, “com músicos de Parintins, comida e bebida à vontade” (HATOUM, 2005, p. 191), inclusive com as roupas novas para os empregados da propriedade, que encomendara a Ramira, vai por água abaixo. Mundo não obteve o diploma, Jano perdeu o contrato com o coronel Zanda, que compraria juta da Vila Amazônia, em um

momento economicamente desfavorável do produto, e Alícia se afastou definitivamente do marido. A derrocada final da família Mattoso se iniciou.

A postura de Ranulfo face aos militares é completamente oposta à de Jano. Personagem construído sobre valores como a liberdade e o descompromisso, é inclusive apresentado por Lavo, seu sobrinho, como um *bon vivant*, que não trabalha e vive de pequenos bicos, nem sempre legais, ou do dinheiro que Alícia e outras mulheres lhe dão. Segundo Pinheiro (2014), na versão *Retratos de um pai*, Lavo apresentava Ranulfo como um gigolô vagabundo, que vivia de pequenos golpes ou à custa de mulheres. Contudo, na versão que foi publicada, principalmente em função de ter se constituído como segundo narrador através da carta, muito da imagem negativa que Lavo ressaltava na primeira versão do romance é atenuado. O personagem com o qual nos deparamos na versão *Cinzas do Norte* é alguém avesso ao trabalho, mas interessado em arte e literatura, libertário, amigo de todos e de maior bom senso do que Jano, quando se trata de ser pai de Mundo.

Ranulfo conhece também o passado dos militares, e conta a Lavo que o então capitão Aquiles Zanda fora trazido do Rio de Janeiro com o objetivo de perseguir e prender os guerrilheiros que, por volta de 1967, organizaram um foco de guerrilha na Amazônia. Zanda foi “[...] promovido e condecorado quando terminou o serviço. Prendeu e torturou todos do grupo [...]” (HATOUM, 2005, p. 129). Ranulfo diz a Lavo que Zanda é militar da linha dura e almeja cargos mais altos, além de gostar “de jogar os estudantes na selva, só para testar a resistência deles. Quando alguém fica doente, ele acaricia suas medalhas” (HATOUM, 2005, p. 129). Prazer estranho. No entanto, essa apresentação de Zanda, explorando somente aspectos deploráveis de sua personalidade, acaba fazendo deste personagem um tipo do militar durão, desalmado e inescrupuloso. Mesmo tendo sido essa a intenção, ela beirou a caricatura. Um pouco dessa caricaturização também aconteceu com Jano, que em algumas cenas acaba apresentado como um patriarca louco, que só enxergava seu mundo, valores e objetivos. Uma explicação possível são os narradores: Ranulfo é totalmente contrário às atitudes e valores de Jano, além de este ser marido de Alícia; Lavo não tem raiva de Jano, mas o teme, e suas falas também constroem um personagem autoritário e impermeável, preocupado excessivamente com a manutenção de seus negócios e com praticamente nenhuma sensibilidade social e afetiva. E quando o próprio Jano assume a palavra, acaba comprovando esse aspecto autoritário e autocentrado que os dois narradores apresentam. Age tiranicamente com uns e de maneira submissa

com outros, conforme a necessidade que tem deles. E Mundo só se refere ao pai como um ser autoritário, desmedido em suas reações e ensandecido.

As cenas em que Ranulfo se relaciona com os militares são raras, pois ele circula à margem da ordem. A mais emblemática de toda a narrativa é quando ele e Mundo são descobertos no Morro da Catita, após o episódio do *Campo de cruces*, e Ranulfo sai do esconderijo para enfrentar os policiais ligados ao prefeito Zanda. Apanha de todos e vai para o hospital todo machucado: “lábios intumescidos, marcas roxas no rosto, pontos de sutura perto do nariz. A perna esquerda engessada [...]” (HATOUM, 2005, p. 203). Antes, dissera a Mundo que Zanda o perseguira e conta a Lavo que acredita que a prisão de Mundo, no Rio de Janeiro, tenha sido uma vingança do coronel Aquiles Zanda: “Esse prefeito de merda tem parceiros no Rio, é capaz de perseguir e punir quem ele quiser” (HATOUM, 2005, p. 221).

O mundo e os valores de Ranulfo são completamente opostos aos dos militares. Ranulfo não preza o trabalho, tem como amigos prostitutas e malandros, faz pequenos furtos, e desestimula Lavo a abraçar esse *modus vivendi*. Preza o trabalho criativo, e dos personagens do romance é o que mais se interessa pelo mundo das artes. A carta que deixa como homenagem a Mundo e Alícia diz muito desta forma de ver o mundo, em que sobressaem o lado afetivo dos relacionamentos e atitudes em que valores não capitalistas dão o tom.

As relações de Arana com os militares são de subserviência, pois seu maior interesse é ter “entrada livre” no mundo dos endinheirados e detentores do poder. Quando Mundo lhe mostra o projeto do *Campo de cruces*, apesar de partilhar da opinião de que o Novo Eldorado é uma fraude urbana, Arana se recusa a ajudá-lo por medo da reação de Zanda.

Não há cenas em que Arana aparece junto dos militares, apenas dele com um personagem que acabara de voltar do exílio, “[...] não por suas ideias, mas por sua riqueza súbita, exorbitante e inexplicável” (HATOUM, 2005, p. 237), a quem ele presenteia com um quadro com a bandeira do Amazonas. O que vale ressaltar na relação entre Arana e os militares é que, mesmo se ele discordasse de alguma atitude, nunca expressaria esse desacordo, pois seus interesses eram outros.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos romances *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*, pelo foco da paternidade, gostaríamos de ressaltar alguns aspectos.

Inicialmente, reafirmamos a paternidade como porta de entrada privilegiada à obra hatouniana, não só em função de sua recorrência nos dois romances analisados, como também em *Relato de um certo Oriente* e em *Órfãos do Eldorado*, mas sobretudo por Milton Hatoum figurar duas diferentes formas do exercício da paternidade no Brasil neste último século: uma paternidade afim ao modelo de pai na família patriarcal e uma paternidade que ainda está em construção, não só no país, mas de forma ampla, que procura construir entre pai e filho uma relação de afeto e de respeito mútuos.

Seus romances não apresentam uma paternidade tranquila; há embates contínuos e uma dificuldade de expressão do afeto e do reconhecimento mútuos, no mesmo sentido e confirmando a recorrência de narrativas em torno de dramas humanos e familiares na obra desse autor.

O contexto sócio-histórico aparece fortemente nos romances analisados, como pano de fundo para os dramas familiares, não na frente da cena. Mas de forma insidiosa, ele ocupa as entrelinhas do drama familiar, e relativiza o caráter dos personagens. O gêmeo identificado com o desregramento é o que se posiciona contra os abusos autoritários do governo militar; aquele que construiu para si um percurso pleno de sucesso, acaba sendo questionado por sua opção de apoio e concordância com os militares.

Acreditamos que exatamente por este trabalho complexo em torno da construção dos caracteres dos personagens, seu estar no mundo em contato com a história e seus semelhantes (por vezes bastante diferentes) é que a obra de Milton Hatoum é reconhecida e premiada.

As questões norteadoras da pesquisa - quais são os papéis de pai figurados nos romances de Milton Hatoum? Esses papéis se alinham à temporalidade dos papéis sociais de pai no decorrer do século XX no Brasil? – obtiveram uma resposta surpreendente, para nós, que foi a observação de que o patriarcalismo em *Dois irmãos* é exercido pela matriarca da família, Zana, dirigido a um dos filhos somente, aquele que se mostra (por fraqueza, conveniência ou qualquer outra razão), mais fácil de ser

mandado. Porém, o ritmo do jogo de poder não é sempre o mesmo: às vezes quem determina o que a mãe deve fazer e como agir é o filho Caçula.

O título remete o leitor para a saga entre irmãos, que depois saberemos serem gêmeos, motivo recorrente na literatura ocidental desde as narrativas dos índios das Américas aos mitos bíblicos e literários.

*Dois irmãos* se tornou interessante para a análise também pela percepção do afeto verdadeiro e lembranças importantes que os pais de Zana e Domingas deixaram nas filhas, que se lembravam deles com saudades. No que tange à relação paterna entre o quarteto masculino central (Halim, Yaqub, Omar e Nael) a situação nem sempre é fácil.

A paternidade de Halim com relação aos gêmeos e Rânia é diferente conforme o filho. Com Yaqub e Rânia, em que pesem as diferenças existentes, há certo equilíbrio; com Omar, a situação é totalmente outra. Halim, ao contrário do que ocorrerá com Jano, não idealizou o fato de que um dos filhos assumisse a loja e levasse o comércio à frente. Embora, em uma passagem, ele se refira ao fato que o que ele esperava de Omar tenha vindo de Rânia, sua preocupação durante toda a narrativa é ter Zana a seu lado. Inclusive, a expansão que Rânia imprime à loja, quando assume o controle do negócio, seria impensável se Halim estivesse à frente, por ele dar mais importância às conversas e jogos com os amigos do que às vendas.

Contudo, Halim desempenhou uma paternidade conforme ao modelo paterno da primeira metade do século XX no Brasil, sem arroubos patriarcais, mas também sem nenhuma preocupação mais ligada ao âmbito socioafetivo. Foi um pai *malgré lui*<sup>15</sup>, que pouco diferia dos seus contemporâneos na narrativa. Sua incompatibilidade com Omar tem origem na fraqueza e inação do filho frente aos desmandos da mãe, que é quem determina o que o filho pode e o que ele não pode fazer, motivo pelo qual identificamos em Zana características do modo patriarcal de se relacionar com os filhos.

É interessante observarmos que tanto Zana quanto Halim têm atitudes diferentes com Omar, mas mantêm certo equilíbrio quando se trata de Yaqub e Rânia. Aparentemente, esses filhos conseguiram se desvencilhar do jugo materno, que acabou por sufocar Omar e impedi-lo de viver uma vida separada da mãe. Contudo,

---

<sup>15</sup> “Apesar dele”; isto é, embora tenha afirmado a Nael que não queria filhos, quando eles nasceram Halim se portou como um pai conforme àquele momento histórico, passeando com os filhos e definindo limites para eles, quando Zana não interferia.

não houve uma força externa que tenha obrigado o Caçula a se subjugar aos desejos da mãe; ele o fez por conveniência, fraqueza e por não conseguir “vencer” a mãe.

Os pais também agem diferentemente com Yaqub: Halim tenta compensar a falta de atenção de Zana a este gêmeo, porém sem sucesso, uma vez que Yaqub sempre se sentirá rejeitado pela mãe, ou pelo menos, em segundo plano. Mas devolverá na mesma moeda: a frágil abertura à sua intimidade que ele dará a Halim, será impensável com a mãe. Desde a volta de Yaqub do Líbano, não existe nem uma cena em que haja um relacionamento mais verdadeiro entre ele e a mãe; pelo contrário, sempre que pode ele chama a atenção para a preferência dela por Omar.

Rânia é uma estrela diferente nesta constelação. A mãe impediu que ela namorasse aquele que ela escolhera e, em contrapartida, ela se recolheu durante toda a vida. Não conseguiu atingir o que ela desejava, mas não se submeteu à mãe, que durante anos seguidos tentou arranjar-lhe pretendentes, sem sucesso.

Yaqub se desvencilhou totalmente da influência materna e as chantagens emocionais da mãe não alcançam este gêmeo, que também não se sensibiliza com a tentativa materna de uni-lo ao Caçula. Ele é aparentemente livre da marca familiar, mas passa toda a sua vida alimentando uma vingança que leva a efeito após a morte da mãe. A última imagem que temos de Omar é de um ser à deriva, que vem procurar sua história pregressa e não consegue nem dizer uma palavra.

À semelhança de *Cinzas do Norte, Dois irmãos* também tematiza um drama familiar, mas traz em si marcas das disputas entre gêmeos comuns nas narrativas míticas, bíblicas e literárias. Mesmo trabalhando com alguns personagens que se acercam dos tipos, Hatoum consegue construir uma história em que as diferenças não determinam caracteres unívocos de forma maniqueísta. Há aspectos positivos na determinação de Yaqub em lutar pelos objetivos que define para sua vida, profissionais e afetivos, mas sua ligação com os militares é uma mácula no seu caráter. Em alguns momentos, o personagem aparece aos olhos do leitor como um adesista que se importa muito em acumular fortuna sem perceber o que se passa a seu lado. Omar, por sua vez, na maior parte do tempo apresentado como um preguiçoso aproveitador do trabalho alheio é o personagem que mais se envolve na reação ao assassinato do professor Laval pelas forças da repressão militar. Forças que inclusive se dedicarão com esmero à sua caçada também devido à ligação dele com o esquerdista Laval.

Não há em *Dois irmãos* personagem algum que se possa dizer raso, sem as angústias e conflitos que marcam o humano. Os vizinhos, alguns apresentados como antigos endinheirados que perderam a fortuna mas querem manter a pose, ou como a família do viúvo Talib, que acompanha sempre a família de Zana e Halim e desempenha funções cruciais em determinadas cenas, também têm seu lugar na estrutura narrativa, trazendo a diversidade étnica e cultural que existia em Manaus para o romance.

Muito interessante para o desenrolar da narrativa é a configuração de Domingas, mãe do narrador, que se alterna afetivamente entre os dois irmãos. Na maioria das cenas, ela é mais ligada a Yaqub, com quem desempenhou um papel materno quando os gêmeos eram crianças, pois Zana se dedicou quase exclusivamente ao Caçula. Mas quando Omar saiu de casa, Domingas se deixava ficar no quarto dele, saudosa da esbórnica e da desordem que ele trazia ao esquema familiar. Ao mesmo tempo, ao entrar no ambiente quase ascético que era o quarto de Yaqub, ela também demonstra gostar do jeito estranho deste gêmeo. Essa atração pelos dois irmãos leva o narrador a afirmar que “Talvez minha mãe gostasse desse contraste.” (HATOUM, 2000, p. 107) e aponta para a possibilidade de lê-los como um único ser, com personalidades complementares.

Entre as personagens secundárias, a de maior relevo é o professor Antenor Laval, sob nosso ponto de vista. Laval é a ponte entre a vida desregrada de Omar e o contexto sócio-político pós 1964. Na verdade, ele traz o autoritarismo para dentro da narrativa de uma forma um pouco diferente daquela que Zana exercia. Esta queria determinar os rumos dos filhos e dirigir suas vidas como fazia com Halim. Entretanto, a diferença primordial é que o marido fazia suas vontades em função da adoração que nutria pela mulher, não por fraqueza ou falta de caráter. Com os filhos, a situação foi diferente e acabou ensejando reações muito diversificadas, de acordo com cada um. Acabou também a afastando de Yaqub e Rânia. O primeiro não a perdoará até o fim da vida; a segunda alimentará uma mágoa importante, mas cuidará dela após a morte do pai. Contudo, não presenciaremos afeto verdadeiro de Zana na relação com nenhum dos três filhos; há um amor obsessivo por Omar e um desejo de que os três filhos continuem sob o domínio materno.

Essa atitude de Zana a aproxima das atitudes autoritárias dos militares no Brasil pós-golpe, que também desejavam determinar os rumos e dirigir a vida dos brasileiros, excluindo, de forma figurada ou literalmente, os que não se adequassem a seu projeto.

Laval é o personagem que oportuniza a introdução do pano de fundo político no romance. Sua perseguição e assassinato possibilitam a Nael o relato da situação de Manaus pós golpe militar e, aos leitores, o conhecimento da posição política de Yaqub, que apoia a ideologia e a prática militares do período. Também é em função da morte de Laval que conhecemos um outro Omar, alguém que se compraz com o sofrimento alheio e rechaça os abusos autoritários dos militares, sem mostrar covardia ou fraqueza. O professor de francês equilibrará uma possível leitura maniqueísta do caráter dos irmãos.

Em *Cinzas do Norte* a configuração da paternidade é bem diferente da de *Dois irmãos*. Presenciamos problemas afetivos e de relacionamento, mas a oposição entre pai e filho é muito mais profunda pela total incompatibilidade de caráter entre Jano e Mundo. Além disso, temos um romance em que três personagens masculinos desempenham diferentes papéis paternos.

O título do romance nos remete à simbologia das cinzas e ao espaço do norte do país. À primeira leitura, salta aos olhos a significação negativa de cinzas, como algo que sobra após uma queimada, à semelhança do que ocorre com a instalação *Campo de cruces*. Porém, as cinzas também podem ser lidas como geradoras de vida, não só sob a forma de adubo, mas como fonte de renascimento, como nos ensina o mito da Fênix. Entretanto, no romance as cinzas funcionam principalmente como símbolo de decadência e desmoronamento familiar e individual, pois, das batalhas e derrocadas afetivas e financeiras, sobram apenas poucos personagens, todos vivendo modestamente e sem almejam brilho pessoal ou profissional. Não há indicação de possível renascimento; todos parecem esperar a morte, sem redenção.

O inferno familiar, neste romance, é mais direcionado à relação pai-filho. Ao saber que tivera um filho, Jano só o chama de herdeiro, pois este era o papel que ele esperava que o filho cumprisse, à semelhança do que ele vivera com o próprio pai. Contudo, com o pendor do filho pela arte, que Jano considerava um não trabalho, tudo desmorona. Para piorar a situação, Mundo se interessava pelos mais pobres, seres desprezíveis e fadados a servir, para o pai. O conflito está criado, e não há nenhuma cena em que haja esperança de conciliação entre ambos. Para complementar, Alícia, outra forte personagem feminina das narrativas de Milton Hatoum, acaba se entregando ao álcool e ao jogo, que a destroem física e financeiramente.

A quase totalidade das referências de Jano ao filho é negativa. O desprezo que um alimenta pelo outro, que, no entanto, encobre um desejo de amor mútuo, leva

ambos os personagens a não conseguirem ter no horizonte a possibilidade de construir um relacionamento diferente deste. Mas também não se abandonam. À semelhança de Yaqub, Mundo poderia ter saído de Manaus e construído uma carreira artística longe do jugo paterno, mas não consegue. Neste romance, o patriarcalismo está claramente relacionado à figura de Jano, que desejaria evidentemente ser tomado como modelo pelo filho, à semelhança do que ele fez com o pai, a quem obedecia sem titubeios. O romance deixa evidente o fracasso de um relacionamento entre pai e filho baseado nas premissas patriarcais e aponta para uma forma diferenciada de relacionamento, que classificamos como socioafetiva, na qual se busca uma aproximação maior com a prole, mesmo que haja discordâncias entre as decisões que uns e outros tomariam frente às situações.

A narrativa nos apresenta um personagem em permanente conflito com a família e cujos outros relacionamentos se pautam por interesses políticos ou econômicos. A agonia presente nos dramas humanos é o cerne das falas de Jano no romance: ou ele está criticando algum interesse ou atitude do filho; ou está questionando ou com medo da esposa; ou submetendo-se a algum poderoso ou humilhando alguém mais fraco. Seria pouco verossímil que um personagem com essas características tivesse um relacionamento marcado pela expressão de afeto ou pela compreensão das atitudes do filho, cuja personalidade e valores são diametralmente opostos aos paternos.

Ranulfo desempenha funções paternas diferentes. É ele quem acompanha Mundo desde criança em atividades que são mais interessantes e que correspondem ao que o rapaz gostava. Sabe definir limites para Mundo, deixando claras as situações em que discorda das escolhas que o jovem faz, mas respeita-o e às suas decisões. É um personagem que procura se acercar do menino não para desenhá-lo conforme um modelo que acredita o mais adequado, mas para ajudá-lo no percurso de tornar-se adulto. Esse papel paterno que Ranulfo escolhe é muito diferenciado daquele que Jano desempenha e se alinha a uma tendência crescente nos relacionamentos familiares a partir de 1960, quando a sociedade ocidental viveu momentos em que regras morais e papéis sociais que vigiam até então passaram a ser questionados.

Movida pela descoberta da pílula anticoncepcional, da maior liberdade feminina, da mudança de expectativas tanto em relação às mulheres quanto aos homens, no âmbito profissional e individual, a sociedade vê nascer novas relações familiares em que a tentativa de convívio entre expectativas por vezes muito diferentes

(as dos pais e as dos filhos) substitui uma estrutura em que vigiam o respeito à hierarquia e a continuidade moral, profissional, de caracteres.

Em *Cinzas do Norte*, Mundo, que representa uma visão de mundo mais libertária, como artista e jovem, acaba ficando aprisionado pelo pai. O que resta ao final da narrativa são as cinzas de uma família, de uma amizade, de um projeto artístico. O próprio Hatoum testemunha que *Cinzas do Norte* é seu romance mais amargo (FUKS, 2005). Por outro lado, a aproximação das expressões “decomposição” e “filho querido” chama a nossa atenção para a dificuldade relacional que marcou a vida dos dois. A vida familiar desse filho levou-o à decomposição de seu físico, de seu sonho profissional, de seu afeto. Inserida nesse contexto, aparece a impossibilidade de fala com a mãe ao final da narrativa, após ela lhe revelar, no leito do hospital, o nome de seu pai biológico. Ou seja, não há redenção possível para o personagem, pois o único amigo que lhe restou, Lavo, está em Manaus.

Mundo termina o romance com três personagens que desempenharam diferentes papéis paternos com ele, mas sem se sentir filho de nenhum deles. Desengano e desesperanças finais de quem diz ao amigo que gostaria de reescrever sua vida de trás para frente, mas não tem mais forças.

Arana é uma figura ímpar. Inicialmente apresentado como um artista telúrico, sem muita expressão, mas aparentemente com um intuito artístico em suas obras, percorre a narrativa se deteriorando em termos de caráter, mas ascendendo financeiramente ao trabalhar sob encomenda priorizando o exótico e o clichê. Sua ascendência sobre Mundo durou um tempo determinado, e funcionou como forma de abrir os olhos do então jovem artista para nomes importantes das artes plásticas mundiais e brasileiras. Contudo, à medida em que Mundo aprofunda seu conhecimento de Arana, mais se afasta do artista, pois seu oportunismo e falta de caráter vão se evidenciando. Nesse sentido, ao saber que este era seu pai biológico, Mundo rechaça a ideia e não consegue nutrir pelo personagem nenhum outro sentimento além do desprezo. Esse anúncio final, ao mesmo tempo em que rompe totalmente as expectativas que os leitores poderiam ter criado, de Ranulfo ser o pai biológico de Mundo, soa como estranho e pouco verossímil considerando-se o desenrolar da narrativa, pois não há referência a encontros dos personagens e apenas nos últimos capítulos ficamos sabendo que Alícia mantivera contato com Arana durante toda sua vida.

Alícia é uma personagem forte, que também é ladeada por um marido apaixonado, mas cuja influência e postura são muito diferentes das de Zana. Esta trazia em si características da dominação patriarcal, enquanto Alícia acaba também se deixando subjugar por Jano, embora tenha mantido seu relacionamento amoroso com Ranulfo durante toda a vida. Apoia o filho em seus objetivos artísticos, o protege dos desmandos de Jano, sempre que pode, mas não é suficientemente forte para mudar os rumos de sua vida. É outro personagem que acaba se depauperando e vendo seus sonhos se reduzirem a cinzas.

Algumas outras questões concernentes ao desempenho do papel de pai também colocadas na Introdução — há apenas um personagem desempenhando esse papel? Como é o relacionamento entre pai e filho(s)? Como o narrador apresenta ao leitor esse relacionamento? Como os demais personagens o apresentam? Como os personagens que figuram esse papel paterno falam do relacionamento com o(s) filho(s) e com o restante da família? Como é o relacionamento do pai com a mãe desse(s) filho(s)? — foram respondidas no decorrer da análise das obras.

Vamos retomar um último aspecto que levantamos na Introdução: há diferença entre um pai amazonense e árabe em *Dois irmãos* e um pai amazonense e brasileiro em *Cinzas do Norte*? A resposta nos permitirá tocar em uma questão que tangenciamos naquele momento, mas que aparece em muitos estudos feitos sobre a obra do autor. Como o aspecto regional, do Norte brasileiro, amazônico, aparece nas obras de Hatoum?

Sabemos da resistência do autor quando estudiosos atribuem a suas obras um veio regionalista. Ele nega a inserção de seus romances neste veio, argumentando, sobretudo, que ele se preocupou muito com a representação de dramas humanos e pouco com a sua localização em uma dada região ou país. Contudo, todos os romances publicados até agora (2015) e alguns dos contos de *A Cidade ilhada* estão espacialmente localizados em Manaus e adjacências. Vários autores, entre os quais destacaremos Lima (2007), ressaltam que a recorrência à cidade de Manaus e a personagens, gastronomia e linguagem com influências amazonenses e árabes é uma opção, não uma condição. Concordamos com esse aspecto, mas ressaltamos que exatamente a escolha vocabular e de caracterizações de personagens, tempo e espaço levam o leitor a se transportar para o local em que se passa uma história que, nos dois primeiros romances, é o “norte árabe” do Brasil.

Isso inseriria automaticamente as obras de Milton Hatoum em alguma escola regionalista contemporânea? Não, e essa discussão implicaria refletirmos sobre o que seja este regionalismo contemporâneo, o que foge ao escopo deste estudo. Entretanto, os aspectos citados criam aos olhos do leitor um mundo que é diferente do baiano, carioca ou gaúcho. Alinhando-nos a estudiosos que afirmam que a discussão sobre o regional na literatura pode ser equiparada à discussão sobre os limites entre o local e o universal, gostaríamos de apontar que a marca das origens manauaras e libanesas está presente nas obras do autor, que inclusive afirma em diferentes entrevistas sua dívida para com esse imaginário miscigenado. É desse mundo que surgem seus personagens, que falam uma linguagem específica e apreciam pratos e manifestações daquele lugar. E nessa observação não há nada de diminuidor dos dramas que vivem, dos conflitos e problemas com os quais convivem, das soluções que precisam buscar para sobreviverem.

Há, em *Dois irmãos*, uma família “árabe” afinada ao modelo de família patriarcal, incorporando jeitos brasileiros na vida cotidiana, em termos de formas de relacionamento, culinária, língua. Milton Hatoum, ao representar famílias árabes em seus dois primeiros romances, traz essa multiplicidade e espaços mútuos de influência. Domingas, Nael, a narradora do Relato, entre outros personagens, figuram esse espaço da interseção. Ao mesmo tempo, eles estão completamente integrados e são diversos daquele mundo, ao qual trazem outras experiências e são marcados por ele.

A paternidade, inclusive, é um tema que ultrapassa as questões locais. De todo modo, o fato de ter oportunizado propostas de entrada no universo de Milton Hatoum mostra que local e universal se tocam e se misturam nas narrativas deste escritor amazonense que já é conhecido em diferentes países com suas sagas familiares.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; SALAS, Eduardo J. **A paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?: e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE, Gabriel. Um autor, várias vozes: identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 28, p. 125-140, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2101>>. Acesso em: 20 out. 2015.

ALMEIDA, Angela Mendes de et al. **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; Editora da UFRRJ, 1987.

AMARAL, Gloria Carneiro do. Dois trajetos para o porto. In: PEREIRA, Helena Bonito C. (Org.). **Ficção brasileira no século XXI: narrativas comentadas de Adriana Lunardi, Alberto Martins, Luiz Ruffato, Michel Laub, Milton Hatoum, Nelson de Oliveira, Ricardo Lísias, Rodrigo Lacerda**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009. p. 13-26.

ANDRADE, Fábio de Souza. **Os despojos da revolta**. Folha de São Paulo, São Paulo, p. E2, 17 set. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1709200512.htm>>. Acesso em: 23 maio 2015.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro: relações entre homens e mulheres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARRETO, Francismar et al. Entrevista com Milton Hatoum. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, DF, n. 28, p. 141-147, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2102/1669>>. Acesso em: 10 out. 2015.

BIRMAN, Daniela. **Entre-narrar: relatos da fronteira em Milton Hatoum**. 2007. 290 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. Narrar o passado, recriar o presente: a escrita de si em Milton Hatoum. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, São Paulo, v. 12, p. 157-189, 2008.

BOECHAT, Fernanda Boarin. **Espaço da identidade**: a relação entre espaço e personagens em Cinzas do norte e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

BORGES, Julio Daio. **Milton Hatoum**. Disponível em: <[http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton\\_Hatoum](http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton_Hatoum)>. Acesso em: 01 maio 2015.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Seção 1, p. 1-32. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/DOUconstituicao88.pdf](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/DOUconstituicao88.pdf)>. Acesso em: 29 out. 2015.

BRASIL. Decreto-lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 fev. 1967. Seção 1, p. 2464. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/92533.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

BRASIL, Ubiratan. Memórias compõem meu chão literário. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 09 mar. 2008. Caderno de cultura, p. 178.

BRIDI, Marlise Vaz; VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes. O professor e seu duplo: uma leitura de Dois irmãos de Milton Hatoum. **Revista Todas as Letras**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 55-61, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4007/3198>>. Acesso em: 12 out. 2015.

CALDEIRA, Tatiana Salgueiro. Memórias e histórias: a teia narrativa no romance Dois irmãos de Milton Hatoum. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 10., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006. p. 1-6.

\_\_\_\_\_. **Rede de histórias**: identidade(s) e memória(s) no romance Dois irmãos de Milton Hatoum. 2004. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

\_\_\_\_\_. The brazilian family. In: SMITH, Thomas Lynn; MARCHANT, Alexander (Org.). **Brazil**: portrait of half a continent. New York: The Dryden Press, 1951. p. 291-312.

CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família**: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARVALHO, Marília Gomes de. **As vicissitudes da família na sociedade moderna**: estudo sobre o casamento e as relações familiares. 1992. 517 f. Tese (Doutorado em Ciência Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

CECCARELLO, Vera Helena Picolo. Aspectos da ditadura militar presentes nos romances Dois irmãos e Cinzas do norte de Milton Hatoum. **Revista Literatura e Autoritarismo - Dossiê**, Santa Maria, RS, n. 7, p. 183-201, maio 2012. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie07/RevLitAut\\_art08.pdf](http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie07/RevLitAut_art08.pdf)>. Acesso em 25 set. 2014.

CHODOROW, Nancy. Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, Louise (Org.). **A Mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 65-94.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: CORRÊA, Mariza et al. **Colcha de retalhos**: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 13-38.

CORRÊA, Suani Trindade. Dois irmãos e brasileiroamente, árabes!: um olhar sobre a história e cultura libanesa na Amazônia. **Ensaio Geral**, Belém, PA, v. 1, n. 1, p. 173-84, 2010. Disponível em: <[http://www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio\\_geral/article/viewFile/150/75](http://www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio_geral/article/viewFile/150/75)>. Acesso em: 12 out. 2015.

COSTA, Gley P.; KATZ, Gildo. **Dinâmica das relações conjugais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CRISTO, Maria Luz Pinheiro de (Org.). **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo oriente e Cinzas do norte de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2007.

\_\_\_\_\_. **Memórias de um certo relato**. 2000. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Relatos de uma cicatriz**: a construção dos narradores dos romances Relato de um certo oriente e Dois irmãos. 2005. 207 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Fronteiras da memória na ficção de Milton Hatoum. **Letras**, Santa Maria, RS, n. 26, p. 11-18, jun. 2003. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/11876/7303>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DELINSKI, Julie Cristine. **A questão da filiação sócio-afetiva: a nova concepção de família e o estabelecimento da paternidade com fundamento a “posse de estado de filho”**. 1995. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995.

DORAIS, Michel. **O Homem desamparado**. São Paulo: Loyola, 1994.

DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai: uma história da paternidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FACHIN, Luiz Edson. **Da paternidade: relação biológica e afetiva**. Belo Horizonte: Del Rey, 1996.

FEIN, Robert. Research on fathering: social policy and an emergent perspective. **Journal of Social Issues**, Massachusetts, v. 34, n. 1, p. 122-135, winter 1978.

FRANCISCO, Denis Leandro. **A ficção em ruínas: Relato de um certo oriente, de Milton Hatoum**. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FRANCISCO, Denis Leandro. 10 passeios pelos bosques da ficção: entrevista concedida por Milton Hatoum a Denis Leandro Francisco. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, n. 33, p. 355-361, jan./dez., 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2004b.

FRIEDRICH, Helena. Órfãos do Eldorado: mito, história e orfandade. **Revista Cenários**, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/view/153/93>>. Acesso em: 17 set. 2014.

FUKS, Julian. Cinzas que queimam. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. E1-E2, 13 ago. 2005. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2005/08/13/21>>. Acesso em 04 set. 2015.

HANANIA, Aida. Escrever à margem da história. **Collatio**, São Paulo, v. 4, n. 6, 2001. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. Morrer em Manaus: os avatares da memória em Milton Hatoum. In: CRISTO, Maria Luz Pinheiro de (Org.). **Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo oriente e Cinzas do norte de Milton Hatoum**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2007. p. 191-202.

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Cinzas do norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Um solitário à espreita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

HURSTEL, Françoise. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

IEGELSKI, Francine. **Tempo e memória, literatura e história**. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JURITSCH, Martin. **Sociologia da paternidade**: o pai na família e no mundo: uma análise antropológica. Petrópolis: Vozes, 1970.

KLASSEN, Kátia Cilene Corrêa. **À moda da casa**: um estudo dos espaços discursivos da casa em dois romances brasileiros. 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário 5**: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LEÃO, Ademar. **Dois irmãos**: um romance à margem do Negro. 2005. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2005. Disponível em: <[http://cascavel.ufsm.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1517](http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1517)>. Acesso em: 12 out. 2015.

LEÃO, Allison. Milton Hatoum: regionalismo revisitado ou renegado? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 12., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PR: ABRALIC, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0356-1.html>>. Acesso em: 12 out. 2015.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. Memória e identidade nos romances de Milton Hatoum. **Revista FIKR**, São Paulo, n. 2, p. 16-34, 2010.

LEMOS, Vivian de Assis; TONETO, Diana Junkes Bueno Martha. Os Labirintos da memória em Orfãos do Eldorado de Milton Hatoum. **Recorte**, Três Corações, MG, v.

9, n. 1, p. 1-18, jan./jun. 2012. Disponível em:  
<<http://revistas.unincor.br/index.php/recorte/article/view/498/pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

LIMA, Luiz Costa. A Ilha flutuante. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (Org.). **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo oriente e Cinzas do norte de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; UNINORTE, 2007. p. 347-351.

LONGO, Mirella Márcia. Artes Tardias. **Terra Magazine**, São Paulo, 01 nov. 2008. Literatura. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3299133-El6595,00-Artes+tardias.html>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

LOPES, Jonas. Paraíso perdido. **Revista Bravo**, São Paulo, v. 10, n. 135, p. 84, abr. 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **La vida sexual de los salvajes del noroeste de la melanésia**. Madrid: Morata, 1968.

MELLO, Heitor Ferraz. Romance é mais seco e mantém jogo de duplos. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 13 ago. 2005. Ilustrada. Disponível em:  
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1308200508.htm>>. Acesso em: 12 out. 2015.

MELLO, Lucius de. Em Busca dos gêmeos perdidos: Esaú e Jacó e Dois irmãos no mitológico labirinto amazônico. **Revista Vértices**, São Paulo, n. 13, p. 149-166, 2012. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/439/746>>. Acesso em: 12 out. 2015.

MURARO, Rose Marie. **Homem mulher**: início de uma nova era: uma introdução ao pós-patriarcado. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PALME, Olof. The emancipation of man. **Journal of Social Issues**, Massachussets, v. 28, n. 2, p. 237-246, spring 1972.

PARSEVAL, Geneviève. D. **A Parte do pai**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. **Luso-Brazilian Review**, Wisconsin, v. 41, n.1, p. 121-138, 2004. Disponível em:  
<[https://muse.jhu.edu/journals/luso-brazilian\\_review/v041/41.1pellegrini01.pdf](https://muse.jhu.edu/journals/luso-brazilian_review/v041/41.1pellegrini01.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Regiões, margens e fronteiras: Milton Hatoum e Graciliano Ramos. In: \_\_\_\_\_. **Despropósitos**: estudos de ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008. p. 116-135.

PERRONE-MOYSÉS, Leyla. A Cidade flutuante: novo romance revela amadurecimento de Milton Hatoum. In: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (Org.).

**Arquitetura da memória:** ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo oriente e Cinzas do norte de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas; UNINORTE, 2007. p. 284 -289.

PINHEIRO, Maria Luz. A Construção da verossimilhança em Cinzas do norte, de Milton Hatoum. **Manuscrita**, São Paulo, n. 20, p. 168-183, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/1130/1029>>. Acesso em: 12 out. 2015.

PINHEIRO, Veridiana Valente. Estética da melancolia e resistência em Cinzas do norte. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 14., 2014, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém, PA: Fluxos e correntes literárias, 2014. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2014\\_1434481691.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434481691.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2015.

POSTER, Mark. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RAFARE, Guilherme Frederico Gazineu. **Teorização sobre o conceito de indivíduo no âmbito do direito positivo brasileiro**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RAMIRES, Vera Regina. **O Exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. (Coleção Gênero, 2).

RICOTTA, Lucia; ROCHA, Marília Librandi (Org.). Questões para Milton Hatoum. **Floema**, Vitória da Conquista, BA, v. 6, n. 6, p. 19-30, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/513/552>>. Acesso em: 12 out. 2015.

SAMARA, Eni Mesquita. **A Família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Tudo é História, 71).

SANTOS, Katrym Aline Bordinhão dos. **A dinâmica das vozes confluentes no narrador de Dois irmãos**. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria Pereira. A Constituição da memória em Benedicto Monteiro e Milton Hatoum. **Moara**, Belém, PA, v. 12, p. 91-101, 1999.

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SILVA, Nádia Regina Barbosa da. Memória e identidade: uma leitura do romance Dois irmãos de Milton Hatoum. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 11., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Tessituras, Interações, Convergências, 2008.

TODOROV, Tzvetan. La memoria tiene una potencia que la historia nunca alcanza. **Letras Libres**, Mexico, n. 198, p. 14-20, jun. 2015. Disponível em:

<<http://www.letraslibres.com/revista/dossier/la-memoria-tiene-una-potencia-que-la-historia-nunca-alcanza>>. Acesso em: 12 out. 2015.

TOMASZEWSKI, Adauto de Almeida; LEITÃO, Manuela Nishida. Filiação socioafetiva: a posse de estado de filho como critério indicador da relação paterno-filial e o direito à origem genética. **Revista Jurídica da Unifil**, Londrina, v. 3, n 3., p. 11-23, 2006. Disponível em: <[http://web.unifil.br/docs/juridica/03/Revista%20Juridica\\_03-1.pdf](http://web.unifil.br/docs/juridica/03/Revista%20Juridica_03-1.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2014.

TONUS, José Leonardo. O efeito-exótico em Milton Hatoum. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p.137-148, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2129/1693>>. Acesso em: 12 out. 2015

TRUZZI, Oswaldo. Sociabilidades e valores: um olhar sobre a família árabe muçulmana em São Paulo. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 37-74, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582008000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582008000100002)>. Acesso em 12 out. 2015.

VAINFAS, Ronaldo. Patriarcalismo e misoginia. In: VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.115-150.

VIEIRA, Noemi Campos Freitas. **Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum**. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, 2007.

WELTER, Juliane Vargas. **Autópsia de um passado: uma leitura de Dois irmãos (2000) e Cinzas do norte (2005) de Milton Hatoum**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.